



UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
DIRETORIA DE PESQUISA EXTENSÃO – DPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPED

LAUDELINO LUIZ CASTRO TANAJURA

**“OS SERES DA DIFERENÇA”: cartografias de professores na produção de
saberes ambientais.**

Aracaju - 2015

LAUDELINO LUIZ CASTRO TANAJURA

“OS SERES DA DIFERENÇA”: cartografias de professores na produção de saberes ambientais.

Dissertação submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha 1 – da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Dinamara Garcia Feldens

Aracaju – 2015

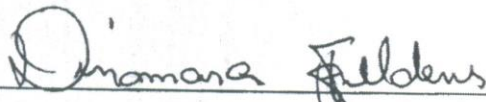
"OS SERES DA DIFERENÇA": cartografias de professores na produção de saberes ambientais.

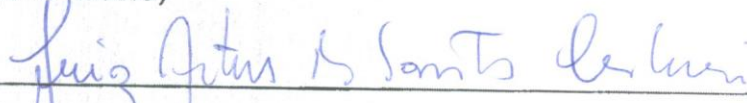
LAUDELINO LUIZ CASTRO TANAJURA.

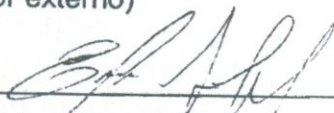
Dissertação submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha 1 – da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 30/10/15

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Dinamara Garcia Feldens – PPED-UNIT
(Orientadora)


Prof.^o Dr. Luiz Artur dos Santos Cestari – PPGED e PPGCA/UESB
(Avaliador externo)


Prof.^o Dr. Éverton Gonçalves de Ávila – PPED/UNIT
(Avaliador interno)

T161s Castro-Tanajura, Laudelino Luiz
Os seres da diferença: cartografias de professores na produção
de saberes ambientais. / Laudelino Luiz Castro Tanajura;
orientação [de] Prof^a. Dr^a. Dinamara Garcia Feldens – Aracaju:
UNIT, 2015.
176 p. il.

Inclui bibliografia.
Dissertação (Mestrado em Educação)

1. Educação. 2. Dualismo. 3. Professor. 4. Ambiental. 5. Ética.
I. Feldens, Dinamara Garcia. (orient.) II. Universidade
Tiradentes. III. Título.

CDU: 372.891.2

Ficha catalográfica: Rosangela Soares de Jesus CRB/5 1701

DEDICATÓRIA

Para Luís Felipe e João Francisco, meus filhos amados, brotos do meu rizomar, para os quais tento ser um exemplo, sei que não foi fácil ficar sem um pai no dia a dia dos acontecimentos do existir.

Para Ablene, minha amada esposa, amiga e companheira, pelo incentivo e apoio incondicional em mais essa jornada, há em você meu amor um devir-mulher, um devir-deusa, um devir-rainha.

A todos os que me disseram que não seria possível, pois foram meus maiores incentivadores, brotei em cada não como um rizoma surgindo em solo inóspito.

EPÍGRAFE

“Tudo aquilo que é de minha espécie, na natureza e na sociedade, me fala, me elogia, me encoraja, me consola: - o resto não o entendo ou me apresso em esquecê-lo. Nunca estamos senão em nossa própria companhia. “

Frederich Nietzsche (1844 – 1900)

“A escrita de um trabalho pode ser comparada a uma gestação que culmina com um parto feliz. É preciso sangrar quando se escreve, é preciso chorar quando se lê o que foi escrito. “

Castro-Tanajura (23/11/2013)

AGRADECIMENTOS

A Maria Amélia Silva Santos Ferreira das Chagas Castro Tanajura (1943 – 1987), mulher, negra, pobre, catadora de recicláveis, lavadeira de roupa, faxineira, idealista, inconformada, rebelde, experimentadora da vida, ovelha negra da família, louca e livre, transgressora da moral hipócrita, amiga e amante de muitos homens, minha mãe! “Esse meu filho tem uma estrela lá em cima que brilha forte, ele vai sair dessa vida, ele vai vencer. ” Obrigado mamãe!

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Dinamara Garcia Feldens, que me encontrou a deriva e sem bússola a navegar no mar das incertezas, trouxe-me para terra firme e, com muita paciência, incentivou-me a recomeçar em outros mares, agora posso navegar sozinho, já sei seguir a mim mesmo.

À minha primeira orientadora e acolhedora, Prof.^a Dr.^a Ada Augusta Celestino Bezerra, por me receber de braços abertos e por ser humilde o bastante para fazer parcerias em reflexões e escritas com este incipiente aspirante a pesquisador. Essa mulher é um verdadeiro exemplo de empenho e comprometimento.

À minha companheira na pesquisa de campo e em outras inquietações, Prof.^a Ms.^a Aldenise Santos Cordeiro, pelas análises, observações e sugestões que em muito contribuíram para o melhorar do meu trabalho e por intermediar o contato com os pesquisados. Andar com você é estar “ Sempre Alerta! ”

A todos os professores e funcionários que compõem o Colégio Estadual Senador Lourival Baptista, que tão gentilmente me receberam e cederam entrevistas e documentos para que esse trabalho ganhasse corpo e se tornasse realidade. Estar com vocês foi além de um aprendizado, foi um imenso prazer, foi mágico.

Aos “Seres Professores” que compõem essa pesquisa por tão prontamente abrirem as portas de suas casas e de suas vidas para me receberem, ouvir e falar. Pela generosidade dos ricos depoimentos que ajudaram a tecer as teias desse meu pesquisar. É para mim um grande prazer poder eternizar uma pequena parte de suas vivências.

Ao meu amado GPECS – Grupo de Pesquisa, Educação, Cultura e Subjetividade, e a todos os parceiros de inquietação filosófica que dele fazem parte, que estiveram comigo durante muitos e bons momentos, compartilhar experiências é muito enriquecedor e gratificante.

Ao Leonardo, a Josi e a Meire, meus maravilhosos malditos de inquietação filosófica pelo permitir de aproximações que vão além da simples trivialidade do ambiente comum. “Diferença é movimento, acontecimento, misturas, experimentações...” trançar o meu rizoma com o de vocês me fez mais forte.

À família Silva, à família Bomfim, à família Castro, à família Oliveira e a todos os amigos e demais familiares que se viram privados da minha presença durante esse período; vocês sempre estiveram comigo no percorrer dessa jornada. Certas viagens só podem ser realizadas a sós, “é preciso ser um andarilho de si mesmo para encontrar-se.”

À CAPES, a Universidade Tiradentes e a todos os professores que compõem o PPED – Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas contribuições e carinho ao longo desse pesquisar. Em especial ao Prof.^o Cristiano de Jesus Ferronato e à Prof.^a Simone Silveira Amorim. Foram parceiros generosos em muitos momentos.

RESUMO

Este trabalho é o percorrer de linhas que desembocam em um sujeito que ao longo de sua caminhada, molda e é moldado, mas também flexiona e cria fora do molde, o “Ser Professor”, um ser presente nos movimentos de múltiplas épocas, de múltiplas vidas. Pensamos durante esse percurso em como ocorrem o processo de educação ambiental e as produções de subjetividades que envolvem a questão, buscamos para tal cartografar os saberes e práticas ambientais desenvolvidas pelos professores no seu espaço escolar, tendo como campo dos acontecimentos o Colégio Estadual Senador Lourival Baptista. Esta é uma pesquisa cartográfica desenvolvida a partir de três professores que participaram e dois que ainda participam, dessa instituição de ensino que está situada no povoado Triunfo, município de Simão Dias, região agreste do semiárido sergipano. Para alicerçar essa construção, foram realizadas entrevistas em que se desvelaram falas permeadas de experiências, narrativas carregadas de emoção, signos e significados, elementos educacionais, outros ensinamentos de vida, compostos de dores e prazeres, conceitos de ensinância, subjetividades e diversos outros aspectos que compõem o Ser Professor. Paralelamente foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica acerca do surgimento do homem memorioso que hoje compõe a sociedade ocidental, na tentativa de explicar os fatores que influenciaram a sua visão dualista de mundo e como isso contribuiu de forma negativa na sua relação com a natureza, com o ambiente. Para pensar a possibilidade de uma educação ambiental que perpassa essa visão dicotômica e produz novas possibilidades, foram chamados a fazer essa caminhada autores da Filosofia da Diferença, como: Friedrich Nietzsche (1985, 2005, 2007, 2009, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b) Gilles Deleuze (1976, 1986, 1988, 1995a, 1995b, 1995c, 2004, 2010a, 2010b), Felix Guattari (1993, 1995a, 1995b, 1995c, 2001, 2008) e outros que pesquisaram a partir dessa possibilidade teórica. Entendemos que os dispositivos educacionais e outros instrumentos de poder social, carregam em seus fundamentos, em sua genealogia, valores que ensinam e conduzem os seres humanos a agirem por meio de enquadramentos dualizados e dualizantes que funcionam como modeladores do que ser e de como agir. Estes enquadramentos são como demarcações das subjetividades; influenciam hábitos e costumes, estabelecem o que é certo e errado, o bem e o mal, definem a moral como sendo sinônimo de ética e determinam modelos de relações com o mundo, colocam o meio ambiente como coisa a parte do existir, como objeto que ali está apenas para ser dominado e explorado indefinidamente. Este estudo nos leva a compreender que o problema da educação ambiental transcorre pelo entendimento de que não devemos partir dessas construções culturais já postas e perpetuadas, de que o homem não deve ser visto dividido em corpo e alma, e permanecer discutindo essa dualidade. Essa divisão é o próprio cerne desta discussão, porque é ela que determina a atual relação do homem com a natureza.

Palavras-chave: Dualismo; Professor; Educação; Ambiental; Ética.

RESUMEN

This. Este trabajo es las líneas go que terminan en un tipo que a lo largo de su paseo, formas y tiene la forma, sino que también se flexiona y se crea fuera del molde, "Ser Maestro", un ser presente en los movimientos de varias veces, múltiple vive. Piense durante este viaje que se producen en el proceso de producción de educación ambiental y la subjetividad que implican el tema, buscamos que mapear el conocimiento y las prácticas ambientales desarrollado por los profesores en su entorno escolar, con el campo de los eventos del State College senador Lourival Baptista . Esta es una investigación cartográfica desarrollada a partir de tres profesores que participaron y dos que participan en esta institución educativa que se encuentra en la localidad Triunfo, distrito Dias Simão, región agreste de semiárida Sergipe. En apoyo de esta construcción, se realizaron entrevistas en las que se dio a conocer experiencias permeadas discursos, narraciones cargadas de emoción, signos y significados, otros elementos educativos, compuestos enseñanzas de vida de los dolores y placeres, conceptos ensinância, subjetividades y muchos otros aspectos que conforman Ser profesor, desarrolló una literatura paralela acerca de la aparición de memorioso hombre que hoy conforman la sociedad occidental, en el intento de explicar los factores que influyeron en su cosmovisión dualista, y cómo contribuyó negativamente en su relación con la naturaleza con el medio ambiente. Considerar la posibilidad de una educación ambiental que se respira en esta dicotomía y produce nuevas posibilidades, fueron llamados a hacerlo autores pie Diferencia de la filosofía, como Friedrich Nietzsche (1985, 2005, 2007, 2009 2012a, 2012b, 2013a, 2013b) Gilles Deleuze (1976, 1986, 1988, 1995a, 1995b, 1995c, 2004 2010a, 2010b), Félix Guattari (1993, 1995a, 1995b, 1995c, 2001, 2008) y otros que han investigado desde esa posibilidad teórica. Entendemos que los dispositivos educativos y otros instrumentos de poder social, llevan sobre sus cimientos, en su genealogía, los valores que enseñan y llevan los seres humanos para actuar a través de marcos dualizadas y dualizantes que funcionan como modeladores sean y cómo actuar. Estos marcos son las demarcaciones de la subjetividad, que influyen en los hábitos y costumbres, establecer lo que es correcto y lo incorrecto, el bien y el mal, definir la moralidad como sinónimo de ética y determinar los modelos de relaciones con el mundo, puso el medio ambiente como una cosa Parte de la existencia como un objeto que está ahí sólo para ser dominado y explotado de manera indefinida. Este estudio nos lleva a entender que el problema de la educación ambiental se lleva a cabo por la comprensión de que no hay que dejar estas construcciones culturales ya poner y perpetuada, que el hombre no debe ser visto dividido en cuerpo y alma, y permanecer discutir esta dualidad. Esta división es el corazón mismo de esta discusión, porque eso es lo que determina la relación del hombre con la naturaleza actual.

Palabras clave: Dualismo; Maestro; Educación; Medio Ambiente; Ética.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 COMEÇANDO O CAMINHO.....13

1.1 Como cheguei até aqui13

1.2 Percorrendo meus caminhos16

1.3 Buscando traçar a ideia.....20

1.4 Movimentos metodológicos.....22

1.5 Exercer a ética para não utilizar a moral26

1.6 Caminhando em direção a escola/colégio32

2 UMA BREVE VIAGEM PELA GENEALOGIA DA MORAL DE FREDERICH NIETZSCHE36

2.1 Construindo a memória para enraizar a moral36

2.2 Surge o contrato: a culpa, a má consciência e o dever.....42

2.3 Nasce a dicotomia corpo/alma48

2.4 Multiplicidades: O corpo, a arte, a terra, o Ser53

3 CARTOGRAFANDO LINHAS DE FULGA SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL60

3.1 Buscando ver uma origem60

3.2 O surgimento de uma preocupação66

3.3 Olhos no passado para enxergar o futuro72

3.4 A natureza, o homem, a sociedade, a escola78

4 UM CAMINHAR OUTRO, UM SABER OUTRO, UM FAZER OUTRO – EM MOVIMENTOS DE ENSINÂNCIAS E APRENDÊNCIAS AMBIENTAIS.....	92
4.1 O nascimento de uma escola: um chão, um sonho, um desejo	93
4.2 Os encontros e os diálogos que compõem essa pesquisa.....	99
4.3 Um Ser Professor: um dom, uma vocação, um saber, um fazer	102
4.4 Um Ser Professor: um sentimento de união, uma mobilização	105
4.5 O surgimento de um Ser professor	109
4.6 Os novos Seres Professores.....	114
4.7 As dificuldades que desafiam um Ser Professor a se tornar melhor	116
4.8 Outro Ser Professor: um novo encontro, novas descobertas	122
5 FAZENDO UM CORTE NO PERCURSO PARA NÃO CONCLUIR	128
ENTREVISTAS	132
ANEXOS	133
REFERÊNCIAS.....	169

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1

Foto de professores em palestra na UFS, antes da viagem para Brasília, ano 1993.

Fonte: acervo do Colégio Estadual Senador Lourival Batista95

FIGURA 2

Foto da fachada do Colégio Estadual Senador Lourival Batista, 20 de maio de 2015.

Fonte: acervo do pesquisador98

FIGURA 3

Foto da quadra de esportes do Colégio Estadual Senador Lourival Batista, ano 2015.

Fonte: acervo do pesquisador.....98

FIGURA 4

Foto: Alunos e professores nas ruas do povoado convidando a comunidade para a campanha de coleta do lixo e práticas de higiene, ano 1992.

Fonte: acervo do Colégio Estadual Senador Lourival Batista.....106

FIGURA 5

Foto: Mural contendo apenas palavras retiradas da obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos.

Fonte: acervo da professora Aldenise.....118

FIGURA 6

Foto: Aluno caracterizado de Graciliano Ramos.

Fonte: acervo da professora Aldenise.....119

FIGURA 7

Foto: Professor Daniel e alunos do 9º ano, em espaço escolar destinado a aulas práticas.

Fonte: acervo do professor Daniel.....122

FIGURA 8

Foto: Alunos do 6º ano, em espaço escolar destinado a aulas práticas.

Fonte: acervo do professor Daniel.....127

1 COMEÇANDO O CAMINHO

1.1 Como cheguei até aqui

Onde estiver o vosso tesouro, lá estará o vosso coração”, e o **nosso** tesouro está onde estão as nossas colmeias do conhecimento. Sempre nos empenhamos como animais alados e coletores do mel do espírito e do coração e só cuidamos de uma coisa, de “trazer” algo para nós. Do que à vida se refere, e do que chamam de “acontecimentos da vida”, quem é que dentro de nós se preocupa a sério? Quem tem tempo para se preocupar? Assuntos semelhantes não exigem nem o nosso interesse, nem o nosso coração, nem sequer os nossos ouvidos. Mas assim como um homem divinamente distraído e absorto em si mesmo acorda sobressaltado, quando o despertador dá as doze badaladas do meio-dia, e pergunta entre si: “que horas são?” Igualmente nós somente depois esfregamos os ouvidos e perguntamos entre admirados e surpresos: “O que sucedeu conosco?” e ainda mais: “o que somos nós? ”, e depois contamos as doze badaladas tonitruantes de nossa vida, do nosso ser, e, aí de nós! enganamo-nos na conta... É que somos fatalmente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos de nos confundir com os outros, e para nós eternamente haverá esta lei: “cada qual é para si o mais estranho!; nem quanto a nós mesmos somos de qualquer forma conhecedores.

Friedrich W. Nietzsche (1844 – 1900)

Esta consciência de não ser conhecedor de mim mesmo e de todas as coisas que compõem a minha realidade, despertaram-me o desejo que me lançou sobre este objeto de pesquisa, um objeto que é fruto de uma curiosidade que me inquieta desde o primeiro contato que tive com a natureza, com o meio rural, com as coisas do campo, com os estudantes das escolas beneficiadas e assistidas pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, e pelo Programa Nacional de Habitação Rural – PNHR, onde atuei como professor convidado e voluntário dos assentamentos e colônias do sertão e semiárido sergipano. Nessas maravilhosas ocasiões, ministrei cursos voltados à sustentabilidade e autonomia do homem do campo e sua relação com o meio

ambiente. Foram nestes contatos que a temática educação e meio ambiente me chamaram a atenção pela primeira vez. Fiquei a me perguntar sobre qual seria a visão dos professores com relação a questão ambiental nas escolas? Quais são suas práticas? Como se colocam diante dos reflexos da ação do homem sobre o meio ambiente? O próprio termo “meio” já me inquieta! Se somos “partes” de um todo que compõem o planeta, porque o chamamos de “meio”? Porque temos a natureza como coisa a parte do nosso existir?

Mesmo sem ter tempo para me preocupar com as questões que me inquietavam, observei nesses contatos que tive com o homem do campo em sua relação com a natureza, que quando estamos em outro ambiente, outro habitat, outro mundo, nos sentimos deslocados de nossa realidade, de nossa previsibilidade no agir. Somente após as doze badaladas tonitruantes dessa constatação e não mais como um homem absorto em mim mesmo, passei a situar-me desse novo espaço em que me encontrava, a perceber suas cores e seus cheiros, suas formas e suas texturas, seus acontecimentos, suas nuances. Percebi que eu mesmo era um homem em outro ambiente. Nesse momento lembrei-me de Grün (2012), dizendo que é preciso “reorientar as premissas do agir humano em sua relação com o meio ambiente”, referindo-se a forma como é feita a educação ambiental nas escolas, uma forma passiva, estática, como sendo coisa a parte do nosso próprio fazer, do nosso próprio existir, levando-nos a pensar que “uma das primeiras coisas que nos vêm à mente é que se existe uma educação que é *ambiental*, deve existir também uma *educação não ambiental*” (GRÜN, 2012, p. 20 e 21).

Pensei! Qual o espaço fora do lar onde ocorrem os primeiros contatos com o novo, com o mundo? Em que local experimentamos novos olhares, novos sons, novas alegrias e tristezas e somos preparados para a vida? Voltei no tempo. Me vejo novamente aos doze anos de idade pisando pela primeira vez no pátio da escola em que estudei: portão grande um pouco enferrujado, um muro alto e branco, grandes e largos corredores que davam acesso às salas de aula. Agora vejo-me fardado e em fila com outras crianças sendo conduzido para a minha primeira aula: as carteiras azuis com um gavetão largo, o quadro negro que tomava toda a parede e fazia jus ao nome, pois era realmente negro! A frente do

quadro um grande birô marrom cheio de gavetas e, sentada atrás dele e de frente para a turma, encontrava-se Dona Raimunda, minha primeira professora. Mulher de semblante sério e imponente que inspirava respeito e confiança.

Confesso que hesitei em narrar essas lembranças, porém, Nietzsche impediu-me de não fazê-lo, disse-me “que um pensamento vem quando “ele” quer, não quando “eu” quero”. (NIETZSCHE, 2012a, p. 26). Esse relembrar me fez ver que foi na escola que experimentei pela primeira vez um novo ambiente. Uma nova sensação. Um novo deslocamento de minha realidade. Na verdade, foi ali que passei a me sentir “parte” do mundo. Lembrei-me que nessa época as poucas práticas voltadas a conservação do meio ambiente se limitavam à comemoração do dia da árvore e ao dia do índio. Tinham como atividade apenas o plantio de algumas mudas de plantas ornamentais e algumas árvores nativas que nós mesmos trazíamos de casa ou pegávamos pelo caminho, e que eram plantadas estrategicamente a frente e nas laterais da escola; o índio representava um ser que não era humano, não fazia parte da nossa concepção de gente, nesta época não se falava sobre desmatamento, poluição do ar e destruição da camada de ozônio, caça e pesca predatória, derretimento da calota polar, extinção de espécimes animal e vegetal, nem mesmo a questão do lixo era considerada um problema que merecesse atenção.

Com o intuito de auxiliar a compreensão da minha escrita no caminhar deste pesquisar, procuro descrever como pretendo mover-me dentro da inquietação que me motiva. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimentar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir. ” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 09). Procuro construir uma escrita que me caracterize a partir das leituras que fiz até aqui, das experimentações que a vida me fez e que fiz da vida, com os contatos que tive com o campo do objeto investigado e com os sujeitos professores em seu movimento de ensinar e aprender. Professores que fazem da docência um viver artístico. Da escola uma festa. Da sala de aula um festejar. Da diferença uma possibilidade. Do ensinar um acontecimento. Fazem “A” diferença.

Pesquisar o acontecimento na diferença como possibilidade requer movimentos dos corpos e estados das coisas. Das misturas às linhas puras. Das rachaduras ao brotar *rizomático*¹. Do percorrer os sulcos abertos como linhas de fuga. Pensar assim como um pesquisar possível promove um choque com o que já existe, com o que já é feito. Pesquisar assim é o que Deleuze (1998) chama de uma experimentação dos conceitos e das imagens do pensamento que animam uma pesquisa do acontecimento. Pesquisar assim é entrar no fluxo e aprender com ele sem deixá-lo estático, sem precisar prendê-lo.

1.2 Percorrendo meus caminhos

A criação de uma pesquisa pode ser vista inicialmente despojada de uma significação, sem conter a assinatura daqueles que a desenvolvem e executam. Ela não se forma, não se materializa, a não ser em um processo de anulação dos doadores de sentido anteriores, nos quais os movimentos se tornam inexpressíveis, quase insignificantes, e que nunca são miméticos, seja em relação ao sujeito, seja em relação ao objeto. “Falamos exclusivamente disto: multiplicidades, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínico e seus diferentes tipos [...]” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 08–09).

[...] ela não consiste num ato subjetivo decorrente de condições empíricas negativas, como a ignorância do sujeito pesquisante, nem trata de ultrapassar obstáculos contingentes de

¹ A pesquisa rizomática faz os professores embarcarem numa viagem conceitual, para a qual não existe nenhum mapa prévio, e na qual eles são forçados a deixar para trás as pesquisas habituais, sem nunca ter certeza sobre o lugar onde irão aportar. “Pode ser essa pesquisa a expressão de sua luta contra as pesquisas de natureza midiática, informacional, comunicacional da imagem do pensamento educacional dominante; e que, à medida que se desenvolve, torna-se mais complexa nos seus alcances, procede por variação contínua dos conceitos e dos problemas, e espalha-se como um rizoma, no qual, há intensos períodos de invenção”. (cf. em CORAZZA, Sandra M. **Por que somos tão tristes?** Brusque, SC: UNIFEBE, 2008. p. 6-7).

Deleuze e Guattari dizem que qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. Para eles o rizoma é muito diferente da árvore ou da raiz que fixa um ponto, uma ordem. “Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço [...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.” (cf. em DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 1ª ed. (Coleção TRANS) 34 editora. São Paulo, 2010b, p. 13 e 14).

desconhecimento acerca de algum fenômeno educacional, como se pesquisar fosse uma passagem do não-saber ao saber; uma pesquisa, cuja energia provém do processo de desmontagem de todos os modelos já incorporados: à medida que são feitos vão sendo eliminados os movimentos expressivos da pesquisa, e a energia pesquisadora, antes reservada à representação, pode então ser canalizada para o movimento puro da pesquisa; enquanto pesquisar não transcende o movimento da própria pesquisa [...] fora do plano de consistência da pesquisa, nem fora da sua própria ação, de maneira que só a pesquisa lhe dá o sentido do seu pesquisar. (CORAZZA, 2008, p. 2).

Para fazer o percurso rumo às minhas inquietações, tracei como objetivo geral desta pesquisa: “Cartografar as práticas ambientais desenvolvidas no Colégio Estadual Senador Lourival Baptista”, instituição de ensino situada no Povoado Triunfo, Município de Simão Dias, zona rural, região agreste do Estado de Sergipe. Essa pesquisa é constituída de dois momentos: no primeiro utilizo como ponto de partida para esta investigação as práticas de trabalhos desenvolvidos por três professores (as), aposentados, que ajudaram a tornar realidade o sonho de criar a escola, e que foram os primeiros a desenvolver pequenas práticas ambientais e sociais nessa instituição. No segundo momento entrevisto dois professores (as) que fazem parte do corpo diretivo e lecionam no ensino fundamental e médio dessa instituição, e que buscam manter vivas as heranças deixadas pelos seus antecessores. Para chegar a este objetivo geral foi definido os seguintes objetivos específicos:

- Traçar um desenho dos acontecimentos que envolvem a educação ambiental na escola sobre a ótica dos saberes e práticas desenvolvidas por esses professores.
- Compreender algumas concepções teóricas a respeito da relação homem e natureza, e sua correlação com a atual situação ambiental.

Por acreditar que a forma dicotômica de ver e viver o mundo é fruto de um processo que descaracterizou o homem em sua relação consigo mesmo e com a natureza, iniciarei esta pesquisa com um breve mergulho na “*genealogia*

*da moral*², de Friedrich Nietzsche (1844 -1900), além de buscar fôlego em outras obras do mesmo autor que também corroborem para com os objetivos pretendidos. Para o dialogar da questão estarão presentes *filósofos da diferença*³ como: Gilles Deleuze (1925 - 1995) e Michel Foucault (1926 – 1984), dentre outros. No segundo momento voltarei o meu olhar para o tema educação ambiental, tendo como bússola alguns acontecimentos que marcaram o surgimento da temática como preocupação social, e a sua constante evolução para a discursão sobre o importante papel da escola na contemporaneidade. Neste outro caminhar estarão comigo mais alguns filósofos da diferença como: Mauro Grün e Felix Guattari (1930 – 1992), além de autores que contribuem de forma significativa e não menos importante para a temática em questão.

Movo-me assim neste meu pesquisar, por acreditar que quando o professor institui o meio ambiente como parte do objeto de suas práticas, possibilita um terreno fértil para se cultivar saberes e práticas que promovam o envolvimento consciente por parte de toda uma comunidade escolar, um envolvimento ético que possibilita a reflexão sobre o meio ambiente, permitindo vê-lo e mover-se nele, não como parte, mas sim como um todo ao qual nos encontramos interligados como num fluxo contínuo. Como em um rizoma. Inter-ser. Intermezzo. Provocando rupturas no emergir do seu brotar.

² A opção por iniciar o referencial teórico a partir da obra “A genealogia da moral” de Frederich Nietzsche, atende ao objetivo de tentar entender as escalas de desenvolvimento do homem para o inculcar de uma moral que o tornará um fantoche do seu próprio existir, e posteriormente como isso repercutirá na forma, na maneira, como a sociedade ocidental se relacionará com a natureza, como o mundo. A partir dessa obra, tento enxergar e mostrar como surgem as bases para a sustentação do pensamento dualista e dicotômico que formam os modos de vida dos povos ocidentais na contemporaneidade.

³ Os filósofos da diferença aos quais me refiro são assim denominados, por pertencerem a uma geração de intelectuais franceses que se tornaram mundialmente conhecidos a partir dos anos 1960, em virtude dos acontecimentos ocorridos na França em 1968, dentre os quais figuram Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jean-Francais Lyotard, Jacques Derrida, entre outros.

“Na academia, muitas vezes eles são chamados de pensadores pós-modernos ou pós-estruturalistas, tal denominação de pós-moderno se deve em grande parte à leitura norte-americana desses autores. Tal rotulação acaba por dar uma ideia de movimento ou escola, quando eles nunca se organizaram num grupo único. Em contrapartida, prefiro chamá-los de pensadores da diferença, tendo em vista que seus estudos perpassam pela questão da diferença”. (SANTOS, Aldenise C. **A educação no canto do Uirapuru: subjetividade de mulheres no movimento escoteiro**. Aracaju, SE. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes, Unit. 2012, p. 25).

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento [...] se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. [...] riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p. 36).

Na discussão ambiental julgamos importante ressaltar o papel da escola como ferramenta de transformação social, que com suas ações micro podem possibilitar o desenvolvimento de movimentos norteadores que abarquem o contexto ético ambiental de forma macro. A escola pode apresentar-se assim, como um espaço fluido onde o aluno poderá olhar à natureza como algo que o compõe, e dentro de um contexto entrelaçado de práticas sociais, de possibilidades de transformação.

Afastando-o de uma visão dualista e dicotômica da vida, uma visão que coloca o meio ambiente como coisa a "parte", como algo que tem começo, meio e fim. Permitindo-lhe ver e viver o ambiente como um "todo" que compõe uma realidade mais complexa, uma teia que compõem a trama social na qual ele está integrado. Despertando ainda um olhar ético sobre os problemas ambientais e a necessidade de garantir a própria perpetuação da humanidade neste planeta. Feldens (2014) nos diz que podemos ver na escola contemporânea práticas pedagógicas descontextualizadas, que não levam em conta a complexidade global que compõem a trama social e as reais necessidades locais.

A escola em quanto espaço de socialização e disseminação de saberes e práticas, busca fôlego para acompanhar as atuais mudanças pelas quais passam a sociedade; porém, tomando como base a realidade de forma fragmentada, sem levar em conta muitas vezes as mudanças ocorridas nos diversos cenários sociais. Os novos contextos em que a escola se encontra inserida exige entendimento do mundo em sua inteireza, mas ainda, ações que sejam locais, respeitando e atendendo as diversidades no campo do microcosmo,

pois são essas ações que poderão possibilitar uma; “macro ação”. Isto implica em pensar uma nova prática que pressuponha uma corajosa ética ambiental, e que estejam vinculadas a formação e aprendizagem de valores e saberes fundamentais para a escola e para a sociedade na contemporaneidade.

1.3 Buscando traçar uma ideia

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. [...]. Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que se mova sobre a terra. (GÊNESIS 1: 26-28).

A forma como pensamos e tratamos o *ambiente*⁴ até então o colocou como um objeto, como coisa inesgotável, que existe única e exclusivamente para ser dominado e explorado de acordo com as necessidades de cada ser humano, de cada sociedade. E é muito provável que essa maneira de ver e viver a natureza seja fruto de uma educação dualista que a partir de *Platão*⁵ (427 a. C. – 347 a. C.) a apresentou como sendo algo externo ao nosso existir, como se o homem e a natureza pudessem ser separados, dissociados um do outro, como sendo possível a existência do homem sem a existência da natureza e tudo o que a compõe, que a embeleza, que a torna singularmente múltipla.

No período pré-socrático homem e natureza não estavam dissociados, pois faziam parte de um todo no qual coexistiam de forma harmoniosa e equilibrada. Era na natureza que o homem buscava encontrar maneiras de explicar as coisas que aconteciam ao seu redor e sua própria existência. No mundo atual, a maneira de pensar a relação com a natureza tem sido feita de forma dualista, dicotômica. A civilização ocidental aprendeu a diferenciar o

⁴ A partir daqui buscarei não mais utilizar o termo “meio” para me referir ao “ambiente” – meio ambiente – pois o entendo como um todo no qual a vida está constituída, e como espaço a onde tudo acontece e se interliga, se relaciona, se transforma e continua.

⁵ O dualismo platônico é a forma encontrada para separar a alma do corpo. A realidade para Platão pertence ao mundo das ideias e a irrealidade está nas coisas, no mundo sensível. “Sua concepção do mundo é assim dualista, existindo o sensível e o inteligível” (PIRES, José H. **Os filósofos**. São Paulo: Cultrix, s/d).

ambiente natural do ambiente social como se fossem dois mundos distintos, o primeiro é habitado pelos animais e pelos homens naturais (silvícolas) e o segundo, pelos homens civilizados.

Essa dicotomia entre homem civilizado e homem natural, promove um afastamento dos acontecimentos inerentes ao ambiente quase que por completo. O homem natural vive em harmonia e equilíbrio com a natureza, se adaptando as intemperes do habitat. O homem civilizado vive em conflitos por conta de um mundo de regras rígidas, fruto de um moralismo que dita normas, que procura racionalizar suas ações e consequentemente racionalizar as ações sobre o ambiente, sobre a natureza.

Quanto a essa racionalização do mundo e do homem, Gallo (2012, p. 18) nos diz que essa “divisão entre dois mundos é a marca da filosofia de Platão, aparecendo também em sua divisão do homem, separando o corpo da alma”. Sobre isso Pires (s/d, p. 111) nos diz que o “verdadeiro conhecimento para Platão, encontra-se no Mito. Mas nos alerta que o mito platônico [...] não é o mito pré-filosófico. ” O mito da caverna por exemplo nos dá uma visão geral da racionalização platônica de mundo e do homem, uma visão do dualismo *socrático/platônico*⁶ que sustenta a *base moral*⁷ do pensamento ocidental até os dias atuais.

Sua concepção de mundo é assim dualista, existindo o sensível e o inteligível. O sensível não tem estabilidade, não tem segurança, pois flui continuamente, como as águas de um rio ou as labaredas do fogo heraclitano. [...] Além destas sombras estão as idéias, que constituem o mundo verdadeiro, do qual procedemos. Estas sombras são reflexos das idéias. Para que haja reflexos, porém, é necessário haver primeiramente algo que as reflita. Dessa necessidade surge a natureza tríplice da concepção platônica do mundo: o Ser, o Não-Ser e o Devir. O Ser é o mundo das idéias, que se unifica numa idéia do Bem, idéia suprema, de que todas participam e para a qual todas evoluem. O Não-Ser é o espaço vazio, o espaço matemático em que as formas geométricas

⁶ Platão é o primogênito de Sócrates, o seu herdeiro direto. Recebeu em mãos toda a fortuna do pai e cultivo-a para o futuro. Na maioria dos diálogos platônicos, Sócrates é o protagonista. (cf. em PIRES, José H. **Os filósofos**. São Paulo: Cultrix, s/d).

⁷ “*Base Moral*” aqui diz respeito a moral cristã. Que representa para Nietzsche um modelo de construção de um homem que não existe, de uma história de negação do humano, negação da vida. Para Nietzsche o homem é o que é, e não o que precisa ser. “O homem só é verdadeiramente homem se for dono do seu pensamento” (grifo meu).

reproduzirão as idéias, como reflexos ondulantes na face de um espelho. O Devir é o mundo sensível, o mundo corpóreo, material, em que os reflexos se desenvolvem através de figuras sucessivas, que aparecem e desaparecem, na fluidez da inconsistência. (PIRES. s/d, p.111 e 112).

“Nós os filósofos não temos a liberdade de separar o corpo da alma, [...] e menos liberdade ainda temos de separar a alma do espírito.” (NIETZSCHE, 2013b, p. 25). Para tecer essa ideia Nietzsche precisou dar um passo atrás, buscou entendimento naqueles que para ele eram os verdadeiros filósofos, os gregos pré-socráticos. A ideia de natureza tinha na visão dos filósofos gregos do século VI a.C., o homem como uma parte integrante e inseparável do cosmos, ou microcosmos.

O mundo da natureza, para os gregos pré-socráticos, era um mundo de corpos em constante movimento devido à existência de uma vitalidade ou, a uma "*alma*". Nessa concepção a natureza seria um mundo vivo e inteligente. Tudo que a integrava. A vida e a inteligência das criaturas que vivem na face da Terra encontravam-se, portanto, partícipes. Não havia separação.

A vida em natureza é um desconhecimento contínuo, sem fim, permitindo ao homem estar em constante devir consigo mesmo e com o ambiente, o devir permite a construção, a desconstrução e a reconstrução desse viver, tornando a vida uma infinita e constante transformação que só pode ser plenamente vivida, se o pensamento for livre. “A vida consiste, para nós, em transformar sem cessar em claridade e em chama tudo o que somos e também tudo o que nos toca”. (NIETZSCHE, 2013b, p. 25-26).

1.4 Movimentos metodológicos

Para a reflexão da educação ambiental sobre a ótica dos saberes e práticas desenvolvidas pelos professores, foram feitas entrevistas que versaram sobre temas voltados à docência e práticas ambientais já ocorridas na escola, e sobre outros projetos ambientais que estejam em andamento. Temos em mente que em uma entrevista não devem ser formuladas questões que remetam ao

sentido de certo ou errado, falso ou verdadeiro, isso ou aquilo. Uma entrevista é um diálogo, uma conversa.

Mesmo que sejam pertinentes as questões não devem ser colocadas de forma explícita, isso empobrece a fluidez do diálogo, inviabiliza o olhar do outro sobre o outro, trava os sujeitos, os petrifica e os impedem de serem quem realmente são. “A maior parte das vezes, quando me é colocada uma questão, mesmo que seja pertinente, apercebo-me que não tenho rigorosamente nada para dizer”. (DELEUZE e PARNET, 2004, p.11). Acreditamos que através das entrevistas a pesquisa de campo pode proporcionar uma forma fluida de experimentação dos conceitos e das imagens formadas no pensamento de cada um, como um acontecimento que se dá no estante em que os corpos se movimentam. Se misturam e potencializam múltiplas transformações. Criam novas possibilidades.

[...] pesquisar o Acontecimento requer operações que se movimentem: dos corpos e estados de coisas aos acontecimentos; das misturas às linhas puras; da superfície corporal à metafísica do pensamento puro; do figurativo ao abstrato; da árvore e seu verde ao verdejar; das ações e paixões dos corpos às verdades eternas; do visível ao invisível; das ações cotidianas ao atributo noemático correspondente; do tabuleiro físico ao diagrama lógico; do cosmo ao campo acósmico; do pessoal ao impessoal; do indivíduo ao pré-individual; do sentido ao não senso... para potencializar as forças que ficam entre esses movimentos (CORAZZA, 2008, p. 08).

Sobre essa e outras óticas é que as reflexões teóricas/metodológicas estão sendo empreendidas, visando dar formas e suporte às análises realizadas, bem como estimular o contato do pesquisador com a realidade dos professores entrevistados. Essas reflexões partiram de uma “*cartografia*”⁸ dos movimentos que acontecem na escola, bem como seus desdobramentos e possibilidades. Olhando os movimentos de ensinar e aprender como ferramentas de criação, levando em conta os desejos, as experiências e os acontecimentos que são

⁸ A cartografia é um método que não parte de um modelo preestabelecido, mas indaga o objeto de estudo a partir de uma fundamentação própria, afirmando uma diferença, diante da complexidade. Permite outra concepção de mundo e de subjetividade trazendo um outro patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de outros saberes, de outras práticas, para além do científico. Favorecendo a revisão de concepções hegemônicas e dicotômicas. Trabalhando com forças outras. (DÓRIA *et al.* 2015).

inerentes ao professor dentro dos movimentos de descobertas que ocorrem no espaço escolar, descobertas inteiramente diferentes, que permitem aprender em domínio outro daquele que se tem ideia, que se planeja, que se está habituado. “Não é preciso descobrir se uma ideia é justa ou verdadeira. Seria necessário descobrir uma ideia inteiramente diferente [...] aprender isto ou aquilo em domínios muito diferentes”. (DELEUZE e PARNET, 2004, p.20).

Como a metodologia é um instrumento para fazer ciência centrando-se no “como” fazer ciência, visando traduzir o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade e de tudo que nela acontece, fui entendendo pouco a pouco, assim como Dória (2015) que com a utilização da cartografia é possível seguir as *conformações subjetivas*⁹ do objeto estudado, sua diversidade, seus agenciamentos, suas nuances. Não há começo, meio e fim, que determinem um agir. Há apenas rupturas que acompanham as linhas de fuga. Geram acontecimentos, criam possibilidades. A cartografia diferente do mapa que representa um todo estático, é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem, da natureza, acontecem, se transformam.

Para Santana (2012, p.17) cartografar é “acompanhar as linhas, os signos presentes no campo investigado e, por conseguinte, perceber seus territórios, “traçar o mapa” das subjetividades que estão compondo o objeto que se estuda”. As cartografias são multiplicidades e não tem finalidade de formar um todo, algo pronto, acabado, se algum todo é formado é o das partes ao lado. O que se busca fazer em uma cartografia “é acompanhar as linhas que se traçam,

⁹ O processo de produção de subjetividades atua de forma a compor e fabricar modelos de ser homem ou mulher, como lidar com o corpo, com as formas de se compreender e o olhar para o outro e, mais especialmente, a relação consigo mesmo. Na contemporaneidade, fabricam-se subjetividades em escala mundial, e essa produção maquinica atua também nas delimitações do tempo, movimentando os entendimentos do que seja passado, presente e futuro. Quanto ao mapeamento destas questões das subjetividades no método cartográfico, Cyntia Farina (2011) entende que, “Cartografar o subjetivo tem a ver com atender às conexões que ele estabelece com o mundo no presente. Nessa perspectiva, uma pesquisa não desenha um mapa fixo ou histórico, mas estuda as relações, os encontros com o mundo, as forças em movimento desprendidas nesses encontros, enquanto eles acontecerem. (p.10). (cf. em SANTOS, Aldenize C. **A educação no canto do Uirapuru: subjetividade de mulheres no movimento escoteiro**. Aracaju, SE. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes, Unit. 2012, p. 22).

marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. ” (BARROS, 1993, p.104).

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (DELEUZE, 1995, p.22).

Para desenvolver essa investigação partiremos do pressuposto de que: as questões que envolvem o ambiente e suas problemáticas ganharam nas últimas décadas uma dimensão global, demandando uma participação cada vez mais efetiva por parte de toda sociedade. Tendo em mente ainda que sem ambiente não existiria sociedade alguma, pois ambas compõem um todo. Um todo que envolve movimentos infinitos, que se percorrem e retornam. São *microcosmos*¹⁰ que se interligam e se relacionam dentro de um espaço maior. Os microcosmos acontecem dentro do espaço dos *macrocosmos*¹¹.

No espaço do macrocosmo tanto o superior quanto o inferior estão ligados por uma só e mesma vida, vida que é infinita e inesgotável. O todo é Uno e todas as coisas que existem e coexistem no universo estão dotadas de alma e de vida, de sentido. Se relacionam e se complementam sem deixarem de ser o que são, sem perderem sua identidade, suas características. O universo é eterno no tempo, infinito no espaço e tudo está em constante evolução. Tudo se movimenta e se transforma. Tudo acontece num eterno devir.

¹⁰ Utilizo o conceito de microcosmos para me referir aos pequenos espaços a onde ocorrem transformações que só são possíveis devido as características e peculiaridades específicas de determinado contexto social, geográfico, político, histórico, cultural, etc.

¹¹ Macrocosmos, é o todo possível e imaginável dentro e fora desse planeta, mas nesta pesquisa será utilizado para se referir especificamente ao planeta terra. O espaço do macrocosmo fica aqui entendido como sendo todo globo terrestre, a onde ocorrem uma incalculável quantidade de micro acontecimentos que podem ou não tomar uma dimensão macro. O conceito de “macrocosmos” aqui não tem sentido de totalidade, mas sim de um rizomar sempre aberto a várias conexões que é possível fazer entre os diversos saberes.

1.5 Exercer a ética para não utilizar a moral

Buscamos entender a escola como o local onde os diversos campos de conhecimento humano se fazem presentes e também onde acontecem ações de diferentes agentes sociais; tanto a educação quanto a questão ambiental são um conjunto de categorias conceituais que formam tendências e perspectivas: ético, política e teórico-metodológicas diferenciadas, pois isso se configura como possibilidade quando pensamos na educação e no ambiental como necessidade planetária que exige a participação ética de todos os agentes sociais.

Porém, dentro desse contexto social não é difícil perceber que em muitos momentos pensamos na ética como sendo sinônimo de moral, como se etimologicamente ambas as palavras tivessem a mesma origem, o mesmo sentido ou significado, e é possível ter essa percepção quando ouvimos os julgamentos sobre o comportamento humano nas atividades políticas, nas relações de trabalho, na escola, no seio familiar ou em outros espaços onde ocorrem as relações sociais, onde a conduta das pessoas é passível de questionamentos, ou seja, a forma de agir está em desacordo com o que se espera como “conduta moral”, como um comportamento aceitável e pré-estabelecido pela sociedade em determinado contexto ou período.

Ao fazermos uma rápida busca em alguns dicionários brasileiros encontramos as seguintes definições sobre o que vem a ser ética: “Parte da filosofia que estuda os valores morais e os princípios ideais da conduta humana.” (MICHAELIS, 2001, p.123), ou: “Estudo da conduta que a sociedade julga que todos devem ter.” (SANTOS, 2001, p.262), e ainda: “Parte da filosofia prática que tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral [...] conjunto das regras de conduta consideradas como universalmente válidas,” (JAPIASSÚ, 2001, p.69).

Percebemos que a própria definição de ética nos remete ao conceito de moral que envolve a conduta humana, tornando-a muitas vezes difícil para alguns dissociar uma palavra da outra. Porém, embora ambas as palavras etimologicamente digam respeito ao caráter do comportamento humano, possuem

peculiaridades intrínsecas. A palavra ética deriva do grego “ethos” e significa comportamento, representa a liberdade de agir, de fazer suas próprias escolhas, o agir ético parte da consciência de cada homem. Já a palavra moral tem origem no latim “moris” e significa costume, maneira de agir determinado pelo uso, é o estabelecido como valores dentro de um determinado grupo social, as ações dos homens ficam condicionadas ao estabelecido como regra. Percebemos então que a primeira representa o ato voluntário de fazer escolhas, porém sem o apelo de fazê-lo em função de um ditame social de certo ou errado. Já o segundo é justamente o oposto, a moral é uma convenção social na qual o comportamento é determinado pelo que foi convencionado como certo ou errado em defesa dos costumes. Aranha e Martins, (2009, p. 214) definem moral e ética da seguinte maneira:

Moral é o conjunto de regras que determinam o comportamento dos indivíduos em um grupo social. De modo simplificado, o sujeito moral é aquele que age bem ou mal na medida em que acata ou transgredir as regras morais admitidas em determinada época ou por um grupo de pessoas. Diz respeito a ação moral concreta, quando nos perguntamos: O que devo fazer? Como devo agir nessa situação? O que é certo? O que é condenável? E assim por diante.

Ética é a reflexão sobre as noções e princípios que fundamentam a vida moral. Essa reflexão orienta-se nas mais diversas direções, dependendo da concepção de ser humano tomadas como ponto de partida. Por exemplo, a pergunta “O que é o bem e o mal? ”, respondemos diferentemente, caso o fundamento da moral esteja na ordem cósmica, na vontade de Deus ou em nenhuma ordem exterior à própria consciência humana.

Quando pensamos a ética no contexto escolar, temos em mente a liberdade de escolha por parte dos sujeitos – alunos e professores – de serem quem são e de agirem conforme suas próprias convicções, de se moverem dentro do seu espaço e tempo, de serem *livres*¹² para criar, pois “somos todos vulcões em atividade que terão sua hora de erupção: é verdade que ninguém sabe se esse momento está próximo ou distante”. (NIETZSCHE, 2013b, p. 72).

¹² Na história dos seres vivos, o ser humano foi sempre o mais gigantesco dos acontecimentos da natureza, porque o indivíduo é um ser inteiramente novo e criador de novidades. “Sei que são poucos os livres hoje, mas sempre afaguei a esperança de que, em mil anos, os homens seriam capazes de criar tantos seres livres quanto são hoje capazes de criar almas de escravos”. (NIETZSCHE, 2013a, p. 19-20).

O homem criador é o homem livre, e só na plena realização da sua liberdade é ele criador, porque só há criação onde há liberdade. O exercício da liberdade torna o homem criador, embora não seja ela alcançável por todos, porque não basta dizer aos homens que são livres para que se tornem realmente livres e criadores. Se muitos nunca poderão exercitar a liberdade, a culpa não é da liberdade – essa bela palavra que só deixa de ser palavra quando é praticada e se torna ato -, mas do homem que a teme. E quem teme a liberdade nunca é criador. E a primeira libertação do homem está em libertar-se de si mesmo, essa luta imensa que travamos dentro de nós mesmos, contra todos os nossos demônios, guardados por séculos e séculos, que se manifestam nos preconceitos ferozes. [...] esses preconceitos tecem a teia de aranha da metafísica moral. (NIETZSCHE, 2013a, p. 17)

O conceito de moral é oposto ao de liberdade, não a liberdade onde a moral está estabelecida. Não há ação. Ou “eu” crio meu próprio *conceito*¹³, ou o conceito não vai existir em mim. Trataremos a ética dentro do contexto escolar e ambiental sobre um olhar de responsabilidade e de possibilidade de uma ação, de uma potência de existir e não como determinação de um agir, um agir moral que limita, que molda, que dita formas, que impede a subjetividade que é própria do sujeito, do ser humano. Que toda criação seja uma construção sobre um plano de existência, um instante supremo de possibilidades infinitas, pois, “você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria.” (DELEUZE E GUATTARI, 2010b, p. 13).

Quando eu escolho, a minha escolha deve ser livre para transforma-se em ato. Sou eu que escolho e que faço alguma coisa. Sou consciente de mim e de que todo ato, toda ação, tem consequências e tem resultados. Se vou agir de determinada forma, de determinada maneira, tem que ser pela liberdade de fazer escolhas, pela capacidade de saber que posso responder pela escolha que fiz e pela ação que pratiquei. A liberdade de fazer escolhas implica em ter consciência ética sobre mim e sobre tudo que está ao meu redor. Se sou livre devo ser

¹³ Foucault diz que “a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração.” (FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves – 8ª ed. Rio de Janeiro: Forence Universidade, 2012, p. 5). Obra traduzida do original de 1969.

responsável pelas escolhas que faço, não devo esperar nem permitir que façam as minhas escolhas. Consciência ética é capacidade de fazer ou não fazer alguma coisa em função de uma escolha e não em função de um ditame “moral” ou social de “certo ou errado”.

O instante supremo é a capacidade do indivíduo de atribuir a si mesmo os sucessos e fracassos frutos de suas escolhas e de suas ações. É, o eu existo sem o peso das moralidades dos costumes. Isso é se permitir. É errar e acertar. É fazer, desfazer e refazer. Isso é ser livre. E esse é o “Super-homem” de Nietzsche. Ele está na superação de si, e não nas verdades *morais*¹⁴. “Verdade? Para que a verdade? ”.

O que é, portanto a verdade? Uma multidão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos; em resumo, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas pela poesia e pela retórica e que, depois de um longo uso, pareceram estáveis, canônicas e obrigatórias aos olhos de um povo: as verdades são ilusões das quais se esqueceu de que são, metáforas gastas que perderam a sua força sensível, moeda que perdeu sua efígie e que não é considerada mais como tal, mas apenas como metal. (NIETZSCHE, 2007, p. 33-34).

Este homem autônomo e feliz abre a invenção de si mesmo através das escolhas que faz, ele é ético, independente de causas ou razões externas, não vive em função de condicionamentos sociais, ou de valores morais determinantes, – a flor da liberdade não floresce em solo moral – mas sim de sua própria concepção de mundo e de si. Ele cria e segue seus próprios conceitos. Aprende com seus próprios erros e continua a caminhar na direção daquilo que lhe motiva, na direção de seus sonhos. Pois o homem que é verdadeiramente livre deve seguir a si mesmo.

¹⁴ "Até hoje os valores morais ocuparam posição superior; quem poderia duvidar deles? Mas retiremos esses valores de sua posição e mudaremos todos os valores: inverteremos o princípio da sua hierarquia precedente" (*Wille zur Macht*; trad. fr. *Bianquis*, III, 503). O imoralismo de Nietzsche, seu "relativismo axiológico", que o leva a criticar a moral corrente e ver nela formas camufladas de egoísmo e hipocrisia, é simplesmente a proposta de uma nova tábua de valores, fundada no princípio de aceitação entusiástica da vida, na preeminência do espírito dionisíaco. É por esse motivo que Nietzsche pretende substituir as virtudes da moral tradicional pelas novas virtudes em que se exprime a vontade de potência. (cf. em Nicola Abbagnano. Dicionário de filosofia; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 383).

As ações éticas dentro do contexto escolar devem não só respeitar a subjetividade, como propiciar meios de estimular a singularidade dos sujeitos na perspectiva de possibilidades de transformação de sua realidade. Contrariamente a *Descartes*¹⁵, Guattari (2001) diz que o sujeito não é evidente, que não basta pensar para ser, já que há inúmeras outras maneiras de existir que se instauram fora da consciência. Para ele a subjetividade é o “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”. (GUATTARI, 2008, p. 19).

[...] o sujeito advém no momento em que o pensamento se obstina em apreender a si mesmo e se põe a girar como um pião enlouquecido, sem enganchar em nada dos territórios reais da existência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes. Ao invés de sujeito, talvez fosse melhor falar em componentes de subjetivação trabalhando, cada um, mais ou menos por conta própria. (GUATTARI, 2001, p. 17).

No ambiente escolar os diversos atores devem ter espaço para exercerem o seu papel como partícipes de sua própria trajetória de vida, – *cada um de nós compõe a sua história e guarda o dom de ser feliz*¹⁶ – pensando, sentindo e agindo. Pensando como indivíduo que existe fora da “*moralidade do costume*”. Sentindo-se capaz de escrever a sua própria história como autores que preparam o próximo capítulo de sua criação. Agindo finalmente como senhor de si mesmo, de sua própria história de vida. Que a escola permita nascer, crescer e viver o que Nietzsche (2009, p. 19) chamou de “*indivíduo soberano*”.

[...] igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supramoral (pois “autônomo” e “moral” se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode *fazer promessas* - e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência *do que* foi finalmente alcançado e está nele

¹⁵ “Cogito, ergo sum” “Penso, logo existo”. A partir de seu cogito Descartes afirma que o homem é evidente. O cogito então se torna uma área de certeza. “Há, pós, no pensamento, uma verdade intrínseca, que se impõe por si mesma, que é evidente. Essa será a primeira regra do método: só aceitar o que é evidente. (PIRES, s/d p. 217).

¹⁶ “**Tocando em Frente**” música e composição do cantor e ator Almir Sater em parceria com o compositor Renato Teixeira.

encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização. (NIETZSCHE, 2009, p. 19 e 20).

Trabalhar com ética é trabalhar com autonomia de escolhas, escolhas geram possibilidades, possibilidades de se surpreender, se decepcionar, de se realizar, de se frustrar, de sentir ansiedade em querer saber qual será o próximo capítulo da história que se está vivendo. O ambiente escolar deve ser um palco onde se possa dar cambalhotas, fazer piruetas. Um palco aonde de cambalhota em cambalhota, de pirueta em pirueta, os vários artistas cheguem ao ápice de sua apresentação. Que ao final do ato lhe seja permitido desmontar o palco da existência, para poder montá-lo novamente no dia seguinte e continuar.

Esse processo de desmontar e montar o palco constitui um exercício de constante construção, desconstrução e reconstrução, que permite a cada novo dia um novo sentir, um sentir que compreende uma pluralidade de sensações, de vontades e ações. Que faz sentir a potência de existir e realizar a própria vida.

[...] a vontade e a ação, de algum modo, são a mesma coisa, e atribuí o existo, e atribuí a execução de seu querer à própria vontade, e deste modo aumenta em si próprio aquele sentimento gozoso do poder, sentimento que acompanha o existo. O “livre-arbítrio” é a palavra que expressa o conjunto de sensações agradáveis de quem quer, de quem manda, e que se identifica com aquele que executa, e que como tal divide a alegria do triunfo sobre as resistências, julgando em seu foro íntimo que foi propriamente a sua vontade que venceu. (NIETZSCHE, 2009, p. 28).

Ao se executar um trabalho com ética não se pode ter a pretensão de ensinar nada, de dar nada, pronto ou acabado para o outro, para ninguém. A ética assim como um conceito acontecem singularmente. É o sujeito que deve se descobrir e criar seus próprios conceitos ou o conceito não vai existir em si mesmo, eles não nos esperam inteiramente feitos. Pode-se até conhecer um conceito, saber conceito, refletir conceito. Mas nunca dar conceito, eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, não são nada sem a assinatura daqueles que os criam. “Toda criação é singular, e o conceito como criação [...] é sempre uma singularidade.” (DELEUZE E GUATTARI, 2010a, p. 13).

É nessa visão de ética que pretendemos desenvolver a pesquisa sobre os saberes e práticas ambientais desenvolvida pelos professores dentro do

espaço escolar. Tendo em mente que uma “pesquisa tem caráter de captura e de fuga. Tem potência de acontecimentos. Fatos, passagens, simples ocorrências podem assumir sentidos, exercer poderes, expressar-se, estar implicados entre si, entre outros, com tudo. ” (FELDENS, 2014, p. 34). Tendo em mente que o pensamento é livre e ao mesmo tempo condicionado.

A nossa maneira de ver e viver a vida dependem do lugar em que nos encontramos no mundo. O pensamento é fruto de nossas vivências e convivências, dores e alegrias, lugares e oportunidades. Escolhemos esse tema como objeto de investigação por acreditarmos que os saberes e práticas desenvolvidas nesta escola podem propiciar um campo fértil para reflexão e produção de entendimentos sobre as questões que envolvem a educação e o meio ambiente, de forma ética, e, portanto, autônoma, supra moral, livre.

1.6 Caminhando em direção a escola/colégio

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou”.

Clarice Lispector (1925 – 1977).

Como qualquer coisa que começa, esta escola tem uma história. Tem sua genealogia. Sua pré-história que a diferencia de qualquer outra. A história desta escola passa por muitas fases, muitos sins e não-s: um desejo, um pedido, uma surpresa, uma dúvida, uma decisão, uma interpelação, outra decisão, uma esperança, uma realização, uma alegria. “Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? [...] Se essa história não existe, passará a existir”, (LISPECTOR, 1998, p. 11) pois eu vou conta-la agora!

A instituição nasce escola no Povoado Triunfo, Município de Simão Dias, Zona Rural, Região Agreste do Estado de Sergipe, em 19 de setembro de

1987. Digo nasce escola por que é assim que consta em sua certidão de nascimento, o Decreto Municipal nº 9930/88¹⁷. Sua gestação foi fruto da necessidade de se implantar o primeiro grau no povoado, tendo em vista que nesse período só haviam duas escolas que até então só contemplavam o ensino fundamental menor, o que me faz lembrar que ser fundamental não basta, nem deve bastar.

Que ninguém se engane: se o parto já foi difícil o seu desenvolvimento também não foi fácil. Quando o assunto é educação só se consegue as coisas mais simples através de muito trabalho e empenho. A história da então escola começa a mudar no ano seguinte a sua constituição, quando diante da inexistência de professores habilitados em nível superior na Rede Municipal de Ensino, o então *Prefeito Manoel Ferreira Matos*¹⁸, doou o prédio da referida escola ao Estado de Sergipe sob a condição de que esse nível de ensino fosse implantado naquele mesmo ano, tendo em vista o objetivo de atender aos anseios da população local e adjacente. Atender os anseios da população deveria ser sempre uma prioridade a ser acatada, suprida. Como um grito que se escuta e se intende e atende, por ser puro, legítimo.

A escola desenvolveu dentro dos seus quase 28 (vinte e oito) anos de fundação projetos ligados à comunidade; tais ações levaram a escola a participar de encontros, seminários e outros eventos patrocinados pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, na condição de relatora de experiências inovadoras, recebeu visitas de secretários de educação de outros municípios e estados, além da visita do Ministro da Educação de Cuba, que na ocasião demonstrou grande interesse pelas práticas desenvolvidas pela escola. No ano de 1993, a ainda Escola de 1º Grau Senador Lourival Baptista integrou em Brasília a delegação de Sergipe na Conferência Nacional de Educação para todos.

Por meio da Resolução nº 055/09¹⁹ de 12 de março de 2009, a então Escola de 1º Grau Senador Lourival Batista, passa a ser denominada de: Escola Estadual Senador Lourival Baptista, no mesmo período por meio da Resolução nº

¹⁷ Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Senador Lourival Baptista de 2015.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

056/09, sua denominação passou a ser a de Colégio Estadual Senador Lourival Batista, o qual permanece até os dias atuais.

Teve como corpo diretivo ao longo de sua existência os seguintes *professores/diretores*²⁰:

- Prof.^a Luciene Macedo Deda e Carvalho, foi diretora da escola durante 10 (dez) anos, no período de 1987 a 1996;
- Prof.^a Sônia Maria Menezes de Carvalho, foi diretora da escola durante 05 (cinco) anos, no período de 1997 a 2001;
- Prof.^a Valdeluce Castro, foi diretora da escola durante 01 (um) anos, no período de 2001 a 2002;
- Prof.^o Raimundo Roberto de Carvalho, foi diretor da escola durante 05 (cinco) anos, no período de 2002 a 2007;
- Prof.^a Maria Ernestina Nunes da Silva, foi diretora da escola durante 02 (dois) anos, no período de 2007 a 2009;

Atualmente está à frente dessa instituição de ensino a Prof.^a Mizalva Martins de Andrade, que iniciou a sua gestão em 2009.

Uma das razões que me levaram a escolha dessa Instituição de ensino, tem como motivação as práticas ambientais desenvolvidas por alguns professores e alunos visando à superação de uma relação pouco harmoniosa entre os seres humanos e o meio ambiente, que busca por meio de suas micro práticas, um não distanciamento da realidade social dos alunos. A outra razão é o contexto rural do qual a escola faz parte e que sempre despertou em mim grande paixão. Tenho pelas coisas do campo e da natureza verdadeira paixão.

Não sei como se dará o que vai se seguir, o que ainda está por vir, só sei que seguirei o meu caminhar cartografando os agenciamentos e as nuances que forem acontecendo pelo caminho do meu pesquisar. Farei do contato com o espaço escolar um estar em mundo outro que não o meu. Dançarei a dança dos movimentos não coreografados dos professores em seu balé docente. Buscarei beber de suas fontes. Degustarei os acontecimentos. Deixar-me-ei inebriar pelas diferenças que criam possibilidades. Tentarei ver pelo olhar do outro, o que

²⁰ Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Senador Lourival Baptista de 2015.

direciona e motiva o agir desses professores em seu processo cotidiano de ensinar e aprender. Suas práticas. Suas sapiências.

2 UMA BREVE VIAGEM PELA GENEALOGIA DA MORAL DE FREDERICH NIETZSCHE

2.1 Construindo a memória para enraizar a moral

“O imenso trabalho daquilo que denominei ‘moralidade do costume’ — o autêntico trabalho do homem em si próprio, durante o período mais longo da sua existência, todo esse trabalho *pré-histórico* encontra nisto seu sentido, sua justificação, não obstante o que nele também haja de tirania, dureza, estupidez e idiotismo: com ajuda da moralidade do costume e da camisa de força social, o homem foi realmente *tornado* confiável”. (NIETZSCHE, 2009, p. 48).

Ao discutir em sua obra *Genealogia da moral*, as complexas circunstâncias que originaram o surgimento da memória, Nietzsche (1844 – 1900), já apontava para a singularidade do homem e como isso o diferenciava dos outros animais. Ele busca esclarecer a maneira diferente do homem agir em relação a forma intuitiva dos outros seres. Nessa busca, faz uma reflexão sobre o surgimento de um animal consciente, capaz de planejar, de fazer promessas e de se comprometer. É a tentativa de determinar o surgimento de um animal *memorioso*. Nele será possível enraizar a moral.

A mente ainda não funcionava tanto, as ações eram na maioria das vezes determinadas pelos impulsos instintivos, as pessoas viviam como os animais, não eram ainda pensativas, lógicas e racionais. Estavam centradas no acontecimento, na ação, agiam mais de forma natural, o uso do instinto não tinha sido abolido, era ele que garantia a sobrevivência e a possibilidade do amanhã. O bicho homem podia seguir o fluxo natural da vida como *qualquer outro animal*²¹. Não era necessário pensar para viver, para ser. Nessa tentativa o genealogista indaga: “Criar um animal que pode fazer promessas – não é esta a tarefa

²¹ O afastamento do bicho homem dos outros animais se dá no momento em que este começa a padronizar as suas ações e posteriormente as ações do grupo, quando passam a agir com intuito de se protegerem dos perigos naturais do habitat em que vivem. Aos poucos o homem vai abandonando os extintos naturais e concomitante a isso vai desenvolvendo a sua percepção de mundo. A menmotécnica começa a sofrer transformações. “Os seres humanos também são animais [...] apesar de terem utilizado a inteligência [...] Os primeiros humanos provavelmente viviam como o fazem atualmente os povos primitivos”. (STORER, *et al*, 2003, p. 3 e 9).

paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? ” (NIETZSCHE, 2009, p. 43).

Ele tenta demonstrar a dimensão processual da memória, interpretando esse processo sem valorizar tanto os pontos de partida e de chegada, um começo que estabelece um fim, procura conceder maior ênfase ao durante, ao instante do acontecimento, da vida. “Não é este o verdadeiro problema do homem? ” (NIETZSCHE, 2009, p. 43). A vida funciona de uma maneira tal que durante o processo de experimentação dos acontecimentos o homem não se detém na possibilidade do amanhã, de forma que só o agora é realmente importante e verdadeiro.

O filósofo utiliza-se do método genealógico sem se preocupar com uma origem que seja essencial para a emergência da memória, o que ele pretende é mostrar o devir histórico que possibilitou o seu surgimento, sem utilizar, no entanto, qualquer explicação metafísica para justificar uma origem. O devir lhe basta e pronto. “[...] cada um tem suas rupturas específicas, cada um permite um corte que só a ele pertence”. (FOUCAULT, 2013, p. 3). No devir as coisas surgem num fluxo contínuo, não há uma origem nem fim na natureza das coisas, não há preestabelecimentos de um momento que seja essencial, todos os momentos o são.

Não é necessário haver um processo para que outro surja, não existe um momento determinante do tipo: para que isso aconteça é necessário antes que aconteça aquilo; quando isso acabar, aquilo vai começar. Para Foucault (1996, p. 18-19), não existe um momento no qual as coisas surgiram, para ele:

O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da sua origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate. [...] Gosta-se de acreditar que coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou da luz sem sombra da primeira manhã. A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo: está ao lado dos deuses, e para narrá-la se canta sempre uma teogonia [...]. Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua “origem” [...]; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos

começos. [...] O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem.

Nietzsche, adota o método genealógico em suas investigações e critica a partir de sua obra *Genealogia da moral*, os valores morais de sua época e principalmente os valores da *moral cristã*²². Questiona o valor dos valores e afirma uma nova exigência nas avaliações desses valores. Para ele “uma nova exigência se faz ouvir”. (2009, p. 11).

Dedicou-se então o filósofo na viagem solitária de desvendar a metamorfose da mnemotécnica, o surgimento da memória, o momento de instauração da força inibidora dos instintos, o substrato da moral. Para isso julgou necessário seguir um caminho outro, afastou-se então da tradição idealista por considerar as interpretações metafísicas e religiosas como sendo explicações fantasiosas, *místicas*²³. Anunciou que “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram”. (NIETZSCHE, 2009, p. 12).

Diferente da abordagem mítico-religiosa presente na história dos gregos arcaicos, Nietzsche, aponta para o fato de que a memória já surge no seio das relações sociais. O homem é um animal consciente, capaz de memorizar e determinar uma pretensa condição privilegiada, que evidencia a sua superioridade sobre a natureza. E sob essa afirmação sobre o surgimento da memória, esboça-se uma teoria sobre a irrupção da cultura. Assim ele destaca que talvez não exista algo de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica.

²² O cristianismo é para Nietzsche como a mais extravagante figuração do tema moral que a humanidade chegou até agora a escutar. A doutrina cristã “é e quer ser somente moral, e com seus padrões absolutos, já com sua veracidade de Deus, por exemplo, desterra a arte, *toda a arte*, ao reino da mentira – isto é, nega-a, reprov-a, condena-a. [...] O cristianismo foi desde o início, essencial e basicamente, asco e fastio da vida na vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se enfeitava sob a crença em “outra” ou “melhor” vida. (cf. em NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 18 e 19).

²³ “As explicações místicas são tidas por profundas: a verdade é que sequer são superficiais”. NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Riedel, 2005. p. 112.

O filólogo demonstra que a atividade da memória aparece inicialmente como uma mnemotécnica e que seu desenvolvimento ocorre como fruto da pressão social, que teve como intuito a regularização do homem, visando torná-lo previsível e controlável. Porém: Como fazer lembrar-se de algo um ser gregário? “Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtuso, meio leviano”. Como fixar algo “nessa encarnação do esquecimento?” (NIETZSCHE, 2009, p. 12).

Crueldade. Sim crueldade!

Castigando o corpo, marcando e ferindo o corpo, dessa forma a memória surge como cicatriz, é assim que se grava no homem uma memória. Retirando o homem da dormência de seus instintos para garantir a preservação da espécie, do bando, do grupo, do conjunto de relacionamentos humanos em que brotará a sociedade. Surge assim a crueldade. Para despertar no homem a memória que o permitirá lembrar-se constantemente das regras que se constituem necessárias para a vida em sociedade. Com o surgir da memória o homem pode agora fazer promessas, e para não esquecer-se de cumpri-las, existirá para sempre o castigo e a dor. Prometer representa agora estar sempre lembrando. O bicho homem torna-se assim confiável. A faculdade da memória permite que se cobre o que foi prometido, mesmo sem saber o que está por acontecer.

Para dispor de tal modo do futuro, o quanto não precisou o homem aprender a distinguir o acontecimento casual do necessário, a pensar de maneira causal, a ver e antecipar a coisa distante como sendo presente, a estabelecer com segurança o fim e os meios para o fim, a calcular, contar, confiar – para isso, quanto não precisou antes tornar-se ele próprio *confiável, constante, necessário*, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si *como porvir!* (NIETZSCHE, 2009, p. 44).

O homem nos primórdios do seu existir não tinha nada em sua condição que precisasse ser guardado na lembrança. Antigamente não havia a necessidade de lembrar, a vida era um acontecimento único. Para Nietzsche o bicho-homem é por natureza um animal que esquece. São as pressões sociais que criam no homem a memória. Os perigos iminentes do ambiente forçaram as

hordas humanas a agirem com rapidez em seu habitat, a agirem prontamente ao menor sinal de perigo. Dessa forma todos os membros deveriam relembrar os procedimentos comuns a todos como maneira de autopreservação e preservação do grupo, do bando.

Quanto menos memória tinha a humanidade, tanto mais de espantar era o aspecto dos seus costumes; o rigor das leis penais permite apreciar especialmente as dificuldades que ela experimentou antes de se fazer senhora do esquecimento e para manter presentes na memória destes escravos das paixões e dos desejos algumas exigências primitivas da vida social. (NIETZSCHE, 2013a, p. 61).

Autopreservação, preservação dos seus, do grupo, do bando. Lembrar para preservar, para continuar existindo. Essa maneira de agir encontrada pelas hordas possivelmente determinou as premissas da ação do grupo, tornando-os previsíveis e responsáveis, surge à necessidade de lembrar-se de seus deveres para com a comunidade. A memória surge então em meio a pressões coletivas que foram impostas diante de grandes ameaças. É preciso antecipar-se aos acontecimentos. Não basta viver o agora. Não se pode mais ser guiado pelos instintos naturais que até então norteavam o seu agir. Não mais. Agora a sua mnemotécnica se metamorfoseia em memória.

Nietzsche ao tratar da emergência da memória, do seu surgimento, estabelece semelhanças entre o credor e o devedor. Explica que o devedor, assume a responsabilidade com aquele que atua como credor, “a fim de viver os benefícios da sociedade”. Mas sendo a vida um eterno devir, como saber que irá acontecer o cumprimento da promessa? Como dar ao credor a certeza de que as imprevisibilidades do amanhã não iram impedir o cumprimento da promessa por parte do devedor? O que fazer? Aceitar o descumprimento? Não! Utilizemo-nos da mnemotécnica para gravar a dor – sim a dor! – “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” (NIETZSCHE, 2009, p. 46).

O homem teve que ser *iniciado*²⁴ para poder viver em sociedade, a iniciação é um momento de tortura cujo objetivo é marcar o corpo. A marca serve como um obstáculo ao esquecimento. “O esquecimento não é só uma *via inertiae*, como creem os supérfluos, antes é um poder ativo, uma faculdade moderadora à qual devemos atribuir tudo quanto nos acontece na vida, [...]”²⁵ Após a iniciação o corpo carrega impresso as marcas, as cicatrizes, que serviram de lembrança a passagem de uma condição a outra, o ser nômade e desvinculado socialmente passa à ser *gregário*²⁶. Após a iniciação as marcas indicam o pertencimento ao grupo social. Agora o corpo é uma memória. Não é mais a autopreservação e a preservação do bando que fomenta o ato de lembrar-se, agora é o desejo e a necessidade de pertencimento. Se não pertencer será banido.

As impressões deixadas no corpo pelas facas, pedras, cordas e outros instrumentos utilizados nos rituais, produziram as feridas que antecederam as cicatrizes, que atestam no homem a condição de poder prometer. Para ser aceito ele se submeteu ao rito. “Até que ponto o homem teve de fazer-se pensador metódico, regular, necessário, tanto quanto ao próximo, quanto às suas próprias ideias, para poder garantir a si como futuro como procede todo aquele que promete! ” (NIETZSCHE, 2013a, p. 58).

Este homem livre, que **pode** prometer, este dono do livre-arbítrio, este soberano não há de reconhecer quanta superioridade há sobre todas as coisas que não podem prometer e responder por si mesmas, quanta confiança, temor e respeito inspirou [...] a consciência desta liberdade rara, e poder dispor sobre si e o destino chegando às profundidades maiores do seu ser passou ao estado de instinto dominante [...] (NIETZSCHE, 2013a, p. 59).

Agora que o corpo foi marcado é necessário lembrar-se continuamente da promessa feita, da palavra empenhada. O homem precisa cumprir a promessa.

²⁴ Nos processos ritualísticos os jovens sofrem flagelos na própria carne para provar que são capazes e merecedores de pertencer ao grupo social. “No ritual iniciatório, a sociedade imprime a sua marca no corpo”. CALASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. 2. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 128-129.

²⁵ (NIETZSCHE, 2013a, p. 57).

²⁶ O termo gregário é utilizado aqui com o sentido de rebanho. No homem, essa tendência, chamada de mentalidade gregária, leva os indivíduos a unir um certo conformismo e a adotarem “passivamente os modos de pensar, sentir, agir e reagir do grupo. ” JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 87.

Essa promessa feita coloca em segundo plano o esquecimento, como se esse fosse uma força inibidora. Esquece-se assim, a força positiva do *esquecimento*²⁷, uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, e graças a qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência.

2.2 Surge o contrato: a culpa, a má consciência e o dever

O surgimento da relação contratual entre devedor e credor é para Nietzsche (2009) também o anúncio do surgimento da má consciência, da ideia de equivalência na qual o castigo dado ao devedor deve ser tão grande quanto o dano causado, tão grande quanto o prejuízo sofrido. A lembrança do dano desperta no credor o desejo de reparação, de vingança, alimenta uma forma inebriante de ressentimento. Esse ressentimento é para ele onde está contida a origem da justiça. Ele vê no próprio ato de julgar o estabelecimento de uma punição para o membro da comunidade, que falhou, que cometeu um erro, que descumpriu a regra. O momento seguinte, o amanhã, ele surgirá do momento atual, ele será fruto do agora. O que aconteceu não pode mais ser esquecido, deixado para trás. A promessa foi feita.

[...] quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória; os mais horrendos sacrifícios e penhores (entre eles o sacrifício dos primogênitos), as mais repugnantes mutilações (as castrações, por exemplo), os mais cruéis rituais de todos os cultos religiosos [...] tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica. (NIETZSCHE, 2009, p. 46).

²⁷ O esquecimento é uma força ativa no homem que o livra de perder-se no passado. A força ativa do esquecimento é o que apaga as marcas no homem e o permite novamente experienciar o devir. Mas o homem reativo não consegue esquecer ele re-experencia novamente porque suas forças ativas não conseguem superar suas forças reativas, responsáveis pela criação das memórias. Sendo assim, este homem perde a capacidade de metabolizar o que lhe acontece e passa a rememorar eventos passados. Lembrar é sempre ruim: até mesmo uma boa lembrança, porque nega o aqui e agora. O homem ressentido sente a frustração do peso de sua bagagem. A identidade que preocupa-se em manter, os valores de bem e mal, ideais são consequência da perda do devir pela memória hipertrofiada do homem reativo. (TRINDADE, 2013, s/p).

O devedor deve lembrar-se de sua promessa, de sua dívida, ou será punido, castigado de forma equivalente ao dano que causou, pois este não pode mais ser esquecido, ignorado, deixado para trás. Assim a memória tornou-se um instrumento de reação diante das promessas extremamente ameaçadoras. Diante do contrato e do que ele estabelece é preciso acautelar-se, ser prudente, pensar antes de empenhar a palavra. “[...] o predomínio da prevenção, da astúcia, da repressão das forças espontâneas, a não manifestação dos impulsos, o freio dos instintos, leva ao surgimento da consciência. Trata-se de uma atividade reativa”. (BARRENECHEIA, 2009, p. 100).

Nietzsche tem a força ativa como sendo uma forma de afirmar a vida, a própria vida é uma potência, uma *potência de existir*²⁸, em constante busca de mais potência, e em seu oposto a força reativa que transforma o homem em um negador da vida. Deleuze (1976) destaca que a ação e reação exprimem a vontade de potência como forças que existem no homem: “Afirmar e negar, apreciar e depreciar exprimem a vontade de potência assim como agir e reagir exprime a força” (DELEUZE, p. 44).

Dessa forma consciência e memória surgem contemporâneas, gregariamente vinculando o homem à sua comunidade, ao seu meio; tornando-o dependente das normas e diretrizes do grupo a que pertence, submetendo-se, para poder pertencer e usufruir dos benefícios de viver em grupo, de ser aceito socialmente. Ele deixa de seguir o fluxo natural de sua existência, da vida, e passa finalmente a acatar todas as coordenadas e determinantes do seu agir, ele não mas hesita ao que lhe é imposto, os seus instintos naturais não mais se manifestam e a força reativa prevalece, o homem passa a negar a vida. Negar a vida é negar a si mesmo.

O homem reativo tem sua espontaneidade travada, pois está preso as obrigações sociais, ele não exterioriza mais suas forças, sua criatividade, ele está impossibilitado de agir, ele cria novas tensões dentro de si, não consegue usar

²⁸ Nietzsche define o corpo como uma multiplicidade, uma multiplicidade hierarquizada e em constante busca por intensificação de sua potência. Ele propõem a superação como caráter da própria vida, identificando a vontade de potência como a própria vontade de existir. “Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência e nada além disso!” (NIETZSCHE, 1999, § 1067)

sua força criativa, não há espontaneidade em suas ações, pois sua força ativa foi inibida. Abriu-se o caminho para o ressentimento. Volta-se para dentro os instintos que não podem ser descarregados, o homem não pode mais ser espontâneo, ser ele mesmo, ser natural. Os seus impulsos devem ser contidos, viola-se as condições iniciais da vida humana, o homem passa a viver em constante vigília dentro de si, seu “Eu” agora deve está em constante estado de atenção, de tensão. Um eterno acautelar-se. Acontece o que é para Nietzsche a *interiorização do homem*. “Para as funções mais simples sentiam-se canhestros, [...] não mais possuíam os velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos – estavam reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, [...]” a palavra foi empenhada, o castigo foi estabelecido, é preciso cumprir o contrato. (NIETZSCHE, 2009, p. 67).

Quando imaginamos estas relações de contratos, acodem à nossa mente, desde o início, como é de esperar o que eu disse anteriormente, múltiplas suspeitas e antipatias de todo o gênero contra a humanidade primitiva que inventou ou tolerou estas relações. É ali justamente que **se promete**, justamente ali que se **forma** a memória daquele que promete; é ali justamente, assim se pode suspeitar, o lugar onde se encontra a crueldade e a dureza. O devedor, para inspirar confiança na sua promessa de pagamento, para dar garantia de sua seriedade, de sua promessa, para gravar na sua própria consciência a necessidade de pagamento sob a forma do dever, da obrigação, compromete-se, em virtude de um contrato com o credor, a indenizá-lo, em caso de insolvência, com alguma coisa que “possui”, e ainda tem poder, por exemplo, com seu corpo, com a sua mulher, com a sua liberdade ou com a sua **vida**. (NIETZSCHE, 2013a, p. 63).

Novamente se estabelece a crueldade!

Perder a liberdade e a própria vida para morrer honrado e cumpridor da promessa que não esquecera. Vida, que nos primórdios se defendia literalmente com unhas e dentes para usufruir da liberdade nômade. Agora não mais. A crueldade incute no homem uma memória. A máquina territorial primitiva codifica os fluxos, investe os órgãos e marca os corpos. Até que ponto circular, trocar, é uma atividade secundária em relação a esta tarefa que resume todas as outras: marcar os corpos, que são da terra, que carregam vida. “A essência do *socius* registrador, escritor, enquanto atribui a si próprio as forças produtivas e distribui

os agentes de produção, consiste nisto: tatuar, excisar, incisar, recortar, escarificar, mutilar, cercar, iniciar. (DELEUZE e GUATTARI, 2010a, p. 191).

As ideias metafísico-religiosas, geram os atributos chamados de espirituais, podemos ver nesses atributos que todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldade. – *Quanto de barbárie e crueldade não se praticou em nome de Deus*²⁹ – Esses atributos são oriundos dos métodos bárbaros, pois a espiritualidade só poderia ser alcançada através de ações brutais que torturam, mutilam e por fim dobram o corpo. É dessa forma que foi possível interiorizar o homem, criar a memória e por fim gerar a consciência. Essa barbárie que interioriza e ressenete o homem, ressenete a sua dor, reativa o sentimento de culpa, até finalmente ele perder a sua capacidade ativa e criadora. A história não nos deixa esquecer que a barbárie é salutar, que existe prazer e alegria em sua prática.

Como é que o ato de fazer sofrer pode ser uma satisfação? Como? O método genealógico nos mostra:

Ver sofrer, alegre; fazer sofrer, alegre mais ainda; há nisto uma frase dura, uma antiga verdade “humana, demasiado humana”, à qual talvez subscrevessem os macacos, porque, na verdade, e diz-se que com a invenção de certas bizarras crueldades anunciam já o advento do homem. Sem crueldade não há gozo, eis o que nos ensina a mais antiga e remota história do homem; o castigo é também uma festa. (NIETZSCHE, 2013a, p. 65).

Nesse ambiente, nesse clima, é que se tem origem os *conceitos morais*³⁰. A onde na relação entre devedor e credor, o fazer sofrer causava um imenso prazer à parte prejudicada, ela tinha no desprazer do prejuízo causado

²⁹ As cruzadas e a Santa Inquisição são exemplos de movimentos religiosos que em nome de Deus, promoveram diversas formas de crueldade. “Agora graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do mistério Uno-primordial. (cf. em NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 31).

³⁰ Nietzsche definia “a moralidade dos costumes como o verdadeiro trabalho do homem sobre si mesmo durante o mais longo período da espécie humana, todo seu trabalho pré-histórico”. Para Nietzsche Os conceitos morais de culpa, consciência, dever, santidade do dever, estão, ideias, como tudo o que é grande na terra e que foram profusamente regadas com sangue. (cf. em NIETZSCHE, Friedrich W. **A Genealogia da moral**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. I, XI, p. 64.).

pelo seu devedor, um extraordinário gozo no ato de cobrar, “isto era uma verdadeira **festa!**”³¹

Pelo castigo do devedor, o credor participava do **direito de senhor**: finalmente chegou a sua vez de saborear uma sensação enobrecedora de desprazer e maltratar o que esteja por baixo dele, ou, pelo menos, de poder maltratá-lo quando a aplicação da pena foi delegada à autoridade, contentando-se em **ver** como é maltratado aquele ser inferior. A compensação consiste, pois, na promessa e no direito de ser cruel. (NIETZSCHE, 2013a, p. 64).

O homem que inicialmente era espontâneo, instintivamente esquecido, torna-se um homem memorioso, calculista e previsível no qual o ressentimento existe como uma forma de ativar continuamente a sua memória. Diferente do homem que tinha a capacidade do esquecimento e que segundo Nietzsche, promovia a *digestão psíquica*³². A má consciência introduziu a maior e mais sinistra doença, da qual a humanidade até hoje não se curou, o sofrimento do homem com o homem, consigo, com o mundo, com a natureza, com a vida. O homem não interage mais com o seu Eu, ele se polícia, restringe e pune seu Eu. Ele se castra para a vida.

Podemos observar até aqui que Nietzsche, discute o surgimento dos valores morais, os aspectos espirituais e da consciência, da má consciência e de outros aspectos interiores, é possível perceber que ele põe no centro de suas análises as reflexões sob as questões que envolvem o excessivo uso da memória em detrimento do uso natural do esquecimento. Para ele os valores e os aspectos apresentados como espirituais decorrem contemporaneamente ao surgimento da memória que é para ele, fruto das pressões sociais de cada contexto histórico. A atividade exagerada da memória em detrimento do esquecimento faz surgir o ressentimento, e conseqüentemente a atividade reativa que aparece em contraposição ao esquecimento e ao desenvolvimento da força ativa. Pois “o fim e

³¹ (cf. em NIETZSCHE, Friedrich W. **A Genealogia da moral**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. I, XI, p. 64.).

³² Nietzsche, usa a expressão “digestão psíquica” para aludir à relação entre a memória e o esquecimento, pois, analogamente, essa relação funciona como o aparelho digestivo do corpo, capaz de eliminar tudo aquilo que é desnecessário, tudo que causa incômodo, livrando o homem de todo o peso “inconveniente”. “[...] havia aqui um espírito com estranhas, ainda inominadas, necessidades, uma memória regurgitante de perguntas, experiências e coisas ocultas, à cuja margem escrito [...] um ponto de interrogação.” (NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 16).

utilidade não são mais do que um indício de que uma vontade poderosa subjugou outra coisa menos potente e lhe imprimiu o sentido de uma função”. (NIETZSCHE, 2013a, p. 75).

O “desenvolvimento” de uma coisa, de um costume, de um órgão, não é uma progressão para um fim e menos uma progressão lógica e direta realizada com o mínimo de forças e de despesas; é antes uma sucessão constante de fenômenos mais ou menos independentes e violentos, de coisas subjugadas por outras coisas, sem esquecer as resistências e as metamorfoses que entram em jogo para a defesa e para a reação e também os resultados das ações contrárias do bom êxito. Se a forma é fluida, o “sentido” mais o é...

O esquecimento que para o genealogista, tem caráter ativo, é um verdadeiro e natural reparador da harmonia, do equilíbrio psíquico. O esquecimento é inerente ao homem, está presente em sua mnemotécnica, é uma faculdade natural do homem. Já a memória surge posteriormente ao esquecimento, ela é fruto de uma longa série de condicionamentos físicos e sociais. Ela é marcada pela crueldade.

Por meio do contrato surge a relação entre devedor e credor, e as mais variadas formas de barbárie surgem sobre a força do ato de julgar, como forma de evitar o esquecimento e garantir a memória para o cumprimento do contrato, da promessa feita, da palavra empenhada. A relação de contrato é o anúncio do surgimento da má consciência, a ideia de equivalência na qual o castigo dado ao devedor deve ser tão grande quanto o dano causado. Não lembrar pode custar a própria vida.

Ao apresentar uma crítica ao excesso de memória, Nietzsche, não estabelece a prevalência do esquecimento sobre a lembrança, o que ele busca é ressaltar a força ativa do esquecimento como *virtude*³³. Para ele Entre a memória e o esquecimento deve prevalecer a harmonia e equilíbrio. Pois a saúde psíquica do ser humano não suporta excessos e é preciso dosar lembranças e

³³ É virtude toda paixão que diz sim à vida e ao mundo: "a altivez, a alegria e a saúde; o amor sexual, a inimizade e a guerra; a veneração, as belas aptidões, as boas maneiras, a vontade forte, a disciplina da intelectualidade superior, a vontade de potência, o reconhecimento para com a terra e para com a vida. (cf. em Nicola. Abbagnano. Dicionário de filosofia; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 383).

esquecimentos. É preciso ter equilíbrio para gozar de boa saúde psíquica, assim como é preciso ter estômago de vaca para ruminar a vida várias vezes, antes de finalmente digeri-la.

2.3 Nasce a dicotomia corpo/alma

“Antigamente a alma olhava desdenhosamente para o corpo: e depois esse desprezo se tornou supremo – a alma queria que o corpo fosse débil, medonho e faminto. Assim, pensava poder escapar dele e da terra.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 18).

A forma dicotômica do pensamento socrático/platônico sobre o homem, dividindo-o em corpo e alma serviu posteriormente de base para a tradição do *pensamento ocidental*³⁴. Ao fazê-lo, Platão desvaloriza o corpo, e a alma torna-se o aspecto central, essencial da existência humana.

Tem-se início a segunda parte da domesticação humana, depois das crueldades infligidas sobre o corpo para o despertar da memória, depois de se ver impelido a não usar a faculdade do esquecimento sobre pena de sofrer torturas e até perder a própria vida, a castração do homem, de sua essência, de sua espontaneidade, se dará agora em sua *sinagoga*³⁵, o ser gregário que vivia harmoniosamente com a natureza e via em seu corpo o todo do seu existir, terá agora que colocar em sua cabeça que este mesmo corpo é o responsável pelo seus males, deve convencer-se que está no corpo “agora maldito”, os impedimentos para a alma elevar-se. O homem que adormece pleno, pois é uno e plural deve acordar dividido e pronto para travar uma luta sem fim com o seu próprio corpo, mas que isso, deve vencê-lo se quiser alcançar a plenitude necessária para chegar ao mundo ideal, se quiser transcender ao *além-túmulo*³⁶.

³⁴ O modelo do pensamento ocidental teve como base a filosofia de Sócrates e Platão.

³⁵ Utilizo-me do termo sinagoga, para referir-me a cabeça do homem como sendo o espaço de infinitas possibilidades.

³⁶ Nietzsche, usa o termo além-túmulo para referir-se a vida pós-morte. Na visão platônica, após a morte, o homem agora livre do corpo não estaria mais preso a terra, e de acordo com as virtudes acumuladas alcançaria a plenitude da vida que eleva à Deus. Transcenderá do mundo físico para o mundo espiritual.

Diferente da *visão platônica*³⁷ que vê na alma a única chave de acesso ao mundo ideal, o mundo das ideias que constituem o mundo verdadeiro. Para Nietzsche aquele que despertou e experimentou o conhecimento é “inteiramente corpo e nada mais”. Esta fala encontrada na obra “*Assim falou Zaratustra*”³⁸ aponta para a valorização do corpo e o traz como meio de entendimento da subjetividade, nessa visão, o lugar do corpo deve subverter a sua concepção tradicional, a existência do transcendente, do além, deve ser contestado, “a alma é apenas uma palavra para algo em meu corpo” (NIETZSCHE, 2012b, p. 39).

No discurso dos desprezadores do corpo [...] se centraliza a crítica nietzschiana à concepção de homem dos metafísicos, os quais, lá, desde Platão, compreenderam a natureza humana como um composto de alma e corpo. Enquanto a alma foi tomada como eterna, verdadeira, boa, pura, o corpo passou a ser um empecilho perecível, causador de sofrimento aos homens. Portanto, era necessário livrar-se do corpo, ou seja, dos desejos, paixões e instintos para que pudéssemos alcançar a felicidade. É contra a tradição metafísica, ou seja, os desprezadores do corpo, que o discurso de Zaratustra combaterá a postura da afirmação da alma como o triunfo sobre o corpo ou como a natureza mais elevada do homem a favor da valorização do corpo e dos instintos. (JACUBOWSKI, 2011, p. 142).

O ser humano é constituído de forças vitais, instintivas e afetivas. O corpo não é apenas o meio pelo qual o espírito pode experimentar por meio dos sentidos o gosto do mundo, o sabor de suas infinitas possibilidades. O limite para o corpo, para o uso do corpo é apenas os limites que nós impomos ou permitimos que nos sejam impostos. O corpo consiste em um fenômeno rico e observável, crer no corpo é mais plausível que crer no espírito, pois ele o espírito, é um “Instrumento de teu corpo é também a tua pouca razão, meu irmão, a qual tu chamas de “espírito”, – um pequeno instrumento e brinquedo da grande razão [...]

³⁷ A preocupação central de Platão consistia em perceber a relação entre aquilo que, de lado, é eterno e imutável, e aquilo que, de outro, flui, ou seja, movimenta-se. Conclui que aquilo que é eterno e imutável está no plano ideal, racional, espiritual. Está naquilo que ele chamou de mundo das ideias. Já aquilo que flui pertence ao mundo dos sentidos, dos acontecimentos, e é feito de um material sujeito a corrosão do tempo. (cf. em GALLO, Sílvio. *et alii. Ética e cidadania: caminhos da filosofia*. 20 ed. Campinas: Papirus, 2012. Na visão platônica as ideias “constituem uma necessidade lógica para a compreensão do mundo e para a existência da Ciência do incerto, do efêmero, do inconsistente, como é o mundo sensível. Somente o inteligível, o mundo das ideias, oferece base “sólida” para a permanência das coisas.” (cf em PIREs, José H. *Os filósofos*. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 113).

³⁸ Nietzsche. Friedrich W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Carla Duarte e Anna Duarte, São Paulo: Martin Claret, 2012b, primeira parte, dos desprezadores do corpo, 39.

é o teu corpo com a grande razão dele que não diz “Eu”, mas faz o “Eu”. (NIETZSCHE, 2012b, p. 39).

Acreditar no além e na alma é apenas um reflexo do corpo, o espírito ainda se encontra no próprio “Eu”, no corpo a mais razão do que na melhor sabedoria. “O corpo é uma grande razão, uma pluralidade com um sentido, uma grande guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. ” É necessário deixar o corpo e a alma juntos para que o homem possa compreender-se a si mesmo. O homem precisa ser um observador de si. Ele precisa caminhar com o seu Eu para ser pleno em sua singularidade. “O corpo canta, o corpo é que, não aguentando a palavra, torna-se canção. É ele que cria um ritmo interno que o salva por alguns instantes. É a ele que prendemos e ele que alça vôos. (FELDENS, 2014, p. 75).

O Eu enxerga com os olhos dos sentidos, mas também escuta com os ouvidos do espírito. Sempre o Eu escuta e procura a si mesmo: compara, supera, conquista, destrói. Domina e é também o dominante do Eu. Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um comandante poderoso, um sábio desconhecido – cujo nome é Ser. Ele vive em teu corpo, ele é o teu corpo. (NIETZSCHE, 2012b, p. 39).

Saber-se homem é saber-se constituído de forças que estão em constantes conflitos internos e externos, são estes confrontos de si consigo mesmo e com o mundo, que o torna ao mesmo tempo singular e plural, uno e múltiplo, uma multiplicidade que possui um único sentido, a vida ativa irreduzível em sua plenitude criadora e transformadora. “O corpo é fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis; sua unidade é a de um fenômeno múltiplo”. (DELEUZE, 1986, p. 32).

Nietzsche representa uma ruptura, um contraponto, a dicotomia da filosofia socrático/platônico, com sua filosofia do *martelo*³⁹ busca desconstruir essa

³⁹ Nietzsche é considerado o filósofo do martelo. O martelo representa a ferramenta original que a tudo destrói, por isso Nietzsche o utiliza como símbolo de sua filosofia. Ele acreditava que a “golpes de martelo” tudo aquilo que passou a fundamentar a civilização ocidental viria abaixo, principalmente os valores transcendentais fundamentados na moral e na religião cristã, bem como na filosofia metafísica socrático-platônica. Para Nietzsche todo aquele que é considerado criador necessariamente será também um destruidor, destruidor dos antigos valores da tradição. No entanto, há alguns valores antigos que Nietzsche considerava que sobreviveriam aos golpes do martelo, principalmente àqueles relacionados à arte, pois sucumbiriam apenas os valores débeis que não permitiriam a afirmação incondicional da vida neste mundo. “Derrubar ídolos – isso sim, já

maneira dualista de pensar, promove um choque no pensamento, na raiz do pensamento humano, para ele o pensamento é também uma atividade corporal, pois o homem é capaz de se comunicar de diversas formas, inclusive corporalmente, o corpo não é apenas um envoltório no qual a alma habita e do qual tenta se libertar, o corpo propicia o experimentar da vida de múltiplas maneiras.

O corpo e a alma são o próprio “Ser”. Não existe corpo sem alma nem alma sem corpo. Tudo não passa de uma invenção do pensamento dualista e dicotomizante de uma filosofia metafísica que buscou moldar o homem, deixa-lo docilizado, socialmente previsível e regulável. Uma maneira criada para incutir no homem uma moral; uma moral de rebanho. Com essa moral a identidade do homem passa a ser nada a mais do que uma ficção sobre a própria natureza humana. O homem deixa de se ver como um ser criador, capaz de fazer escolhas e de decidir sobre os rumos de sua própria vida. Este homem agora normatizado sente necessidade de ser guiado, conduzido. De ter determinada a sua vida. Sua força ativa que outrora fervilhava agora sede lugar a força inibidora. Uma força reativa que não permite a afirmação incondicional da vida neste mundo. A vida só será plena quando nos livrarmos do corpo, quando passarmos dessa existência a outra, no além tumulo.

Assim ele busca chamar a atenção do homem para a necessidade de um despertar, de um afastamento de uma vida *fraca e doentia*⁴⁰. Alerta para que fuja de uma cilada conceitual, utópica e por isso mesmo intangível, a crença no além, no além-túmulo, aonde o *transcendente*⁴¹ ganha uma dimensão metafísica

faz parte de meu ofício. ” (NIETZSCHE. Friedrich W. O pensamento vivo de Nietzsche. Organização: Scarlett Marton. São Paulo: Martin Claret Editores, 1985. p. 19.)

⁴⁰ Nietzsche acreditava que a modernidade padecia de uma doença e que por isso precisava de uma cura. Ele “tentará diagnosticar as [...] doenças que geraram a maioria das filosofias e religiões tradicionais do Ocidente” (BARRENECHEA, Miguel Angel. Nietzsche e o corpo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 24). Nietzsche dizia que: “Toda filosofia que coloca a paz acima da guerra, toda ética com uma concepção negativa da felicidade, toda metafísica e toda física que conhecem um final, um estado definitivo de uma espécie qualquer, toda aspiração, sobretudo estética ou religiosa, possui um ao-lado, um para-além, um de-fora, um por-cima, autorizam a perguntar-se se não foi a doença que inspirou o filósofo. ” NIETZSCHE. Frederich W. A gaia ciência. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013b, p. 23 e 24).

⁴¹ O transcendental, que *isola* o intelecto, isto é, a parte do conhecimento que tem origem só no intelecto (conhecimento *a priori*), mais precisamente da *Analítica* transcendental, [...] que é “a resolução de todo o nosso conhecimento *a priori* nos elementos do conhecimento puro

e esconde aquilo que não existe na expectativa de despertar a curiosidade e o interesse do outro naquilo que está além de si, pois não faz parte de sua experiência. Em seu *Zaratustra* ele avisa aos desprezadores do corpo⁴²: “O ser próprio criativo criou para si a estima e o desprezo, criou para si a alegria e a tristeza. O corpo criativo criou para si o espírito como um punhado de sua vontade”. (NIETZSCHE, 2012b, p. 40).

Essa é uma visão que convida o homem a um distanciamento de uma metafísica que pretenda uma identidade interna, que o homem se afaste das concepções que defendem a existência de um substrato subjetivo. Para o *andarilho*⁴³ dos *vales e montanhas*⁴⁴, essas coisas não passam de ficções inúteis. É para ele o mesmo que fazer tábula rasa, não serve de nada ao homem; sua única função é torna-lo fraco e passivo. Espírito, razão, consciência, alma, vontade, verdade, etc. Todas essas coisas não existem sem o corpo, o corpo “é o ponto de partida para a compreensão do homem e das demais questões filosóficas”. (BARRENECHEA, 2009, p. 16).

Uma alma boa e um corpo bom trilham caminhos separados. A alma pensa em como trilhar os caminhos que a levam ao além, que a elevam a um plano maior da existência, a um espaço de perfeição e eterna alegria. O corpo continua com os seus afazeres mundanos e impuros para que a alma possa elevar-se, e para que isso aconteça, ele deve ser torturado, mutilado, castrado,

intelectual". [...] "transcendental" é o "eu penso", que "deve poder acompanhar todas as minhas representações, pois de outro modo seria preciso imaginar em mim alguma coisa que não pudesse ser pensada, o que significa que a representação seria impossível ou, ao menos para mim, não existiria absolutamente" (*Crít. K. Pura*, Anal. Dos conceitos, § 16). A apercepção pura ou transcendental (o Eu penso) não é senão a *possibilidade* da relação, constitutiva da Consciência. Empírica, entre o eu empírico e o objeto: possibilidade que, como Consciência, nada mais é que a inteligência como espontaneidade (*Ibid.*, § 25, nota 1). O procedimento analítico também foi usado por Kant em *Crítica da Razão Prática*, com o fim de isolar os princípios práticos, isto é, morais; (cf. em NÍCOLA A. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 71).

⁴² Nietzsche. Friedrich W. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Carla Duarte e Anna Duarte, São Paulo: Martin Claret, 2012. Dos desprezadores do corpo, p.40.

⁴³ Nietzsche costumava caminhar enquanto refletia e escrevia sobre as inquietudes da vida e do homem. Para ele “Quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a terra senão como andarilho”. (NIETZSCHE. Friedrich W. O pensamento vivo de Nietzsche. Organização: Scarlett Marton. São Paulo: Martin Claret Editores, 1985. p. 97.)

⁴⁴ “Quem respirar o ar dos meus escritos, sabe que é um ar das alturas, uma atmosfera forte”. Nietzsche (1844 – 1900).

marcado das mais diversas e perversas formas até tornar-se bom e propício para que a alma alcance a plenitude e mereça a vida eterna. O corpo deve ser bom para alma. “Não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. [...] O bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada”. Deleuze e Guattari (1995b, p. 16).

O corpo é uno e ao mesmo tempo múltiplo, um fio condutor de infinitas possibilidades. O corpo é arte em movimento e está em constante processo de criação e reinvenção de si. O homem *não deve* se afastar da vida, do mundo natural e do que lhe é mais próprio: os instintos, os sentimentos e tudo que a partir de si mesmo seja capaz de afirmar a vida que o ligue a terra. NIETZSCHE (2012a). Nos ensina que o que engrandece o homem é ele ser uma ponte e não um fim, para ele o que se pode amar no homem é ele ser uma transposição e não uma queda. A moral de rebanho alimenta uma esquizofrenia que surge porque o corpo e alma seguem rumos diferentes, o homem é dividido, dicotomizado, dualizado. O resultado disso é uma grande agonia existencial, uma angústia alimentada pela sensação de ser rasgado ao meio. Uma mutilação, uma dilaceração do próprio “Eu”.

2.4 Multiplicidades: o corpo, a arte, a terra, o Ser

Para criar é preciso ultrapassar-se, ir mais além de si mesmo, e nesse processo “a criatura deve prevalecer sobre o criador”. É preciso a superação de si para propiciar o surgimento de uma nova maneira de sentir. Pensar e avaliar. Para criar novas possibilidades de existir. “Nietzsche cria Zaratustra”, e por meio dele anuncia a vinda do super-homem. Ao cria-lo supera-se e encontra uma *forma artística*⁴⁵ de sentir e dizer a vida, de criar a vida, – “*Até hoje todos os seres*

⁴⁵ A arte aparece sempre na filosofia de Nietzsche como a alternativa para a ciência, ou, utilizando a terminologia dos textos que estamos analisando, para o “instinto ilimitado de conhecimento”. Isto não quer dizer, no entanto, que a perspectiva nietzschiana pretenda uma negação do conhecimento ou uma redução da totalidade do campo do saber à arte. Significa que na luta contra o desejo de verdade a todo custo, na crítica à tese metafísica de que a verdade é um valor superior, a arte não só é reabilitada por sua força afirmativa da vida, como também é escolhida

*criaram algo além de si mesmos*⁴⁶ – e isso ajudou a quebrar a dureza da vida, ajuda a suportar a vida. “A arte deve antes de tudo e em primeiro lugar *embelezar a vida*”. (NIETZSCHE, 1985, p. 75).

Criar é arte, é produzir algo, alguma coisa a partir do nada, a criação humana é sempre uma criação nova e singular. Exige do sujeito criador a invenção de alguma coisa que não existia anteriormente. A arte é sentimento e *intuição*⁴⁷. *Experiência estética*⁴⁸. *Imaginação manifesta*⁴⁹. Um acordo entre a natureza e sujeito. É na visão de Deleuze e Parnet (2004) o que torna a vida suportável como fenômeno estético, ou seja, se a encararmos dessa forma será possível aguentá-la, desse modo o homem deve viver a sua vida como se essa fosse uma obra de arte em constante processo de criação.

Sobre essa concepção de criar e viver a vida como uma arte, o homem reconhece sua singularidade e tem a possibilidade de transformar a sua vida em um eterno retorno de si mesmo, fabricando questões para sua vida como um artista que cria e recria questões para sua arte, dessa forma o homem estaria criando conceitos e aplicando a sua filosofia a si mesmo. “De fato, admitindo que cada um de nós seja uma pessoa, tem-se necessariamente também a filosofia de sua pessoa” (NIETZSCHE, 2013b, p. 22).

Deleuze e Guattari (2010a) observam que Nietzsche pressentiu esta relação da criação de conceitos com um gosto propriamente filosófico, sendo o filósofo aquele que cria conceitos graças a uma faculdade de gosto, como um

como modelo capaz de impregnar o próprio conhecimento com a dimensão do trágico. A grande ambição da filosofia de Nietzsche é dar ao conhecimento as características da arte. (MACHADO, 1999, p. 44).

⁴⁶ Nietzsche. Friedrich W. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Carla Duarte e Anna Duarte, São Paulo: Martin Claret, 2012. (Prólogo de Zaratustra 2, p. 17.)

⁴⁷ Como conhecimento imediato, a intuição pode ser empírica, se relacionada a um objeto do mundo, e racional, se se refere à relação imediata entre duas ideias. Toda intuição é uma descoberta, seja de um objeto, de uma nova ideia ou de um sentimento. (cf. em ARANHA, M^a Lúcia de A.; MARTINS, M^a Helena P. **Filosofando: Introdução à filosofia**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009, p. 417).

⁴⁸ Na experiência estética, a imaginação manifesta, ainda, o acordo entre a natureza e o sujeito, numa espécie de comunhão cuja via de acesso é o sentimento. (idem p. 420)

⁴⁹ Imaginar é capacidade de ver além do imediato, do que é dado, de criar possibilidades novas. É responder à pergunta: “Se não fosse assim como seria?” (idem p. 419)

*sapere*⁵⁰ instintivo, quase animal, que dá a cada filósofo o direito de aceder a certos problemas, como um sinete marcado sobre seu nome, como uma afinidade da qual suas obras *promonam*⁵¹.

As questões fabricam-se como qualquer outra coisa. Se não nos deixam fabricar as nossas questões, com elementos vindos de toda a parte, não importa de onde, se apenas nos são colocadas>>. Não temos grande coisa a dizer. A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição do problema, antes de se encontrar uma solução. (DELEUZE e PARNET, 2004, p. 11).

A filosofia e a arte são ambas fruto da criatividade humana e, portanto, inerentes a natureza do Ser. O artista cria *perceptos*⁵² e afetos, cria sensações a partir das visões que tem da vida e do mundo, por meio de sua arte cria pensamentos e sentimentos, gera entendimentos. A arte do filósofo é criar conceitos, inventar porquês para alimentar a continuidade das questões. A concepção de construir e transformar, fazer e refazer, nos remete a noção do eterno retorno, aos devires. “Tudo retorna sem cessar. Se o universo tivesse algum objetivo, já o teria atingido; se tivesse alguma finalidade, já a teria realizado”. (NIETZSCHE, 1985, p. 33). A vida é um constante devir, um criar e destruir, uma multiplicidade de acontecimentos, de processos de demolição e construção que não param de acontecer, e que permite sempre um recomeço, uma reconstrução. Uma nova experiência. Experimentação de devires.

Os devires são geografias, são orientações, direções, entradas e saídas. [...] Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem uma sujeição a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. [...]. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não-paralela, de núpcias entre dois

⁵⁰ *Sapere aude* é uma frase em latim que significa “ouse saber” ou “atreva-se a saber”, por vezes traduzido como “tenha a coragem de usar teu próprio entendimento”.

⁵¹ Nietzsche, *Musarion-Ausgabe*, XVI, p. 35. Nietzsche invoca frequentemente um gosto filosófico, e faz derivar o sábio de “sapere” (“sapiens”, o degustador, “sisyphos”, o homem de gosto extremamente “sutil”): *La Naissance de la philosophie*, Paris, Gallimard, 1938, p. 46. “Um conceito está privado de sentido enquanto não concorda com outros conceitos, e não está associado a um problema que resolve ou contribui para resolver”. (cf. em DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. 34 editora. São Paulo, 2010a, p. 95).

⁵² É um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente. “Há os conceitos, que são a invenção da Filosofia, e há o que podemos chamar de perceptos. Os perceptos fazem parte do mundo da arte”. (cf. em DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse, Paris. 1988. Tradução e Legendas: Raccord 1995).

reinos. [...]. Os devires são o que há de mais imperceptível. São actos que só podem estar contidos numa vida e expressos num estilo. (DELEUZE e PARNET, 2004, p. 11).

Uma multiplicidade nunca tem seu crescimento interrompido, nunca cessa, nunca finda. Um artista faz do lugar onde mora o seu mundo, faz dele a referência, a matéria prima para suas cartografias. Trabalha com relação ao corpo, ao espaço e a seu tempo. Em meio a movimentos de caminhar e conhecer, perambula para capturar imagens, realiza um inventário das multiplicidades das coisas que vê, que houve, que pega; sente o cheiro, descobre o sabor. “Toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p.14).

Não é necessário ter visão para se formar uma imagem sobre algo, alguma coisa, e é impossível satisfazer uma vontade de descobrir novas coisas, de saber novas coisas. A sempre um devir que impulsiona a busca, uma captura de saberes. A nossa vontade de saber se desloca como consequência de uma descoberta, mas pode também ser lida como a aparição de novas formas de “*vontade de verdade*”⁵³.

Há sem dúvida, uma vontade de verdade [...] que não coincide nem pelas formas que põe em jogo, nem pelos domínios de objeto aos quais se dirige, nem pelas técnicas sobre as quais se apoia, com a vontade de saber que caracteriza [...] Tudo se passa como se, a partir da grande divisão platônica, a vontade de verdade tivesse sua própria história, que não é a das verdades que constroem: história dos planos de objetos a conhecer, história das funções e posições do sujeito [...] (FOUCAULT, 1999, p. 16 e 17).

O platonismo e posteriormente o cristianismo, foi colocado para o homem como uma verdade absoluta sem a qual não seria possível mais viver, sem essa verdade não existiria razão e a existência do homem seria em vão, seria inútil existir. A partir desse entendimento, Platão buscou anular toda e qualquer possibilidade de vida que se formasse fora dessa perspectiva.

53 Para Michel Foucault a vontade de verdade e as instituições que a cercam exercem pressão sobre a produção discursiva. Ele cita como exemplo a subordinação da Literatura Ocidental ao verossímil e ao natural impostos pela Ciência. (cf. em FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Neves. São Paulo: Edições Loyola, 1999).

Promoveu-se então uma castração das possibilidades de experimentação, não é mais permitido errar sem sentir culpa. A culpa! Agora surge o medo da culpa! Impedido o homem de ser homem, de ser uno. Essa verdade é o início do fim para a capacidade criadora do homem.

Ter consciência é natural, pois faz parte da natureza humana, é inerente ao seu desenvolvimento, o problema está na *má-consciência*⁵⁴. A má-consciência incutiu no homem a culpa, e o medo de ter culpa freia no homem o seu maior e mais puro instinto, lhe castra a essência natural que o liga a terra, que o liga a vida, que o torna consciente de ser parte do todo que compõe a existência. “Permaneça fiéis a terra, meus irmãos, com o poder da vossa virtude! Deixai que vosso amor dadivoso e o seu conhecimento sejam devotados ao sentido da terra! Assim vos peço e imploro”. (NIETZSCHE, 2012b, p. 80).

A ideia de que a vida perfeita só será alcançada no reino dos céus, tira o olhar do homem das coisas da terra, da natureza, do próprio corpo. Cria a falsa impressão de que o espírito e a virtude não devem ser devotados às coisas da terra, pois nela estão as coisas mundanas e impuras. Os bons valores e as boas normas já estão determinados e o homem deve segui-los se quiser ascender à vida eterna. O homem virtuoso e obediente, o homem temente, deve tirar os olhos da terra e volta-los para o seu, se quiser alcançar a plenitude e chegar ao paraíso, chegar a Deus. Ao além-túmulo. “Eu não desejo isso como uma lei de Deus, eu não desejo isso como uma norma ou necessidade humana [...] O que eu amo é uma virtude terrestre: acrescida de um pouco de prudência e o mínimo de sabedoria cotidiana”. (NIETZSCHE, 2012b, p. 41).

Nietzsche se posicionava contrário à toda e qualquer forma de normatização, era contra tudo que determinasse o agir humano, que inibisse ou limitasse a vida e a vontade do indivíduo, que priorizasse a alma em detrimento do corpo, da arte, da vida. Ele diz em seu Zarathustra: “Que o vosso espírito e a

⁵⁴ Nietzsche vê a má-consciência como uma profunda doença, um estado mórbido, em que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. NIETZSCHE, Friedrich W. *A Genealogia da moral*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Segunda Dissertação § XVI, p. 81).

vossa virtude sejam devotados ao sentido da terra, [...] deixai que o valor possa ser determinado novamente por vós”. (2012b, p. 80).

Houve um tempo em que a blasfêmia contra Deus era a maior das blasfêmias, mas Deus morreu, e com ele morreram também os blasfemadores. O mais terrível dos pecados agora é blasfemar contra a terra e dar um valor maior às entranhas do incognoscível do que ao sentido da própria vida. Oh, essa alma era, ela mesma, débil, monstruosa e faminta: e a crueldade era o seu deleite! (NIETZSCHE, 2012b, p. 18).

O corpo é uma grande razão que se utiliza da consciência para comparar, subjugar, conquistar e destruir. É ele o fundamento, o soberano ou o princípio de nossas ações, toda atividade, seja consciente ou não, é produto do corpo, é interesse do corpo, instinto é corpo em processo constante de incorporação e produção de subjetividade. O corpo é uma multiplicidade de impulsos lutando por mais “Potência”. Potência de ser. Potência de estar. Potência de agir.... É no corpo que se dá o exercício de poder, ele é sempre mais do que realiza, é um campo de forças gerativas e produtivas, atualizando sem esgotar seu poder de transformação. No corpo agem forças *reativas e ativas*⁵⁵. “A matéria subjetiva que o corpo produz, uma espécie de fala, de grito, de comunicação, de afecção, ocupa, constrói, desenha um território. ” (FELDENS, 2014, p.75).

Jacubowski, interpreta o corpo como sendo uma luta entre multiplicidades de pensamentos, para ele todas as partes que o compõem: estrutura óssea, órgãos, tecidos, células, e todas as outras minúsculas e variadas partes, possuem sua própria perspectiva, com relação às suas condições de existência, assim como em relação ao seu nível de crescimento, desenvolvimento e intensidade de potência, numa busca incessante por impor a suas forças as demais partes do corpo. “Pensamentos que nos vêm à *consciência*⁵⁶ são apenas

⁵⁵ As forças inferiores definem-se como reativas, nada perdem de sua força, de sua quantidade de força, exercem-na assegurando os mecanismos e as finalidades, preenchendo as condições de vida e as funções, as tarefas de conservação, de adaptação e de utilidade. Este é o ponto de partida do conceito de reação. O reativo se define a partir do outro termo da relação, ou seja, a partir do ativo. (DELEUZE, Gilles *Nietzsche e a filosofia*, 1986, p. 33).

⁵⁶ Para Nietzsche, a consciência é o último estágio, o mais tardio, daquilo que é orgânico; é, por conseguinte, também o que há de menos acabado e de menos forte. Da consciência provêm inumeráveis enganos que fazem perecer um animal ou um homem mais cedo do que seria necessário, “apesar do destino”, como dizia Homero. Sem a associação conservadora dos

um resultado tardio da luta: ela percebe somente qual pensamento prevaleceu”. (JACUBOWSKI, 2011, p. 147).

Zaratustra avisa: É o teu Ser próprio que ri de teu Eu e de seus saltos orgulhosos; o Ser diz para o teu Eu: “Sinta a dor! ” Em seguida sofre e pensa em como dará um fim a esse sofrimento, a essa dor – “e justamente por isso *precisa* pensar”. “Depois diz: Sinta prazer! ” E então o Eu se regozija de prazer e pensa como regozijar-se com maior frequência, como continuar a sentir prazer, como fazer para prolonga-lo – “e justamente por isso *precisa* pensar”. Para o Ser de nada servem os saltos e voos do pensamento. O arauto diz aos desprezadores do corpo que eles desprezam aquilo a que devem a sua estima. Ao pergunta-lhes quem criou a estima, o desprezo, o valor e a vontade? Ele apresenta o “Ser”. Avisa-os que ele mora no corpo, que ele é o corpo. Os desprezadores do corpo estão agora com raiva da vida e da terra, há em seus olhares uma inveja, um desprezo que lhes enviesa a testa. Eles não são mais capazes de criar além deles mesmos. Não há beleza em sua arte. Não há arte. São tolos que mesmo com toda insanidade e desprezo, estão ainda assim servindo ao vosso Ser próprio. Ao corpo. Nietzsche não segue o caminho dos desprezadores do corpo. Eles não são para ele a ponte que leva ao Super-homem.

instintos, se essa associação fosse infinitamente mais poderosa que a consciência, não haveria regulador: a humanidade sucumbiria sob o peso dos seus juízos absurdos, de suas divagações, de seus juízos superficiais e de sua credulidade, numa palavra, de sua consciência: ou antes, não existiria mas há muito tempo. (Nietzsche. Frederick W. A gaia ciência. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013b, aforismo 11, p. 74)

3 CARTOGRAFANDO LINHAS DE FULGA SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

3.1 Buscando ver uma origem

Quereis *viver* “segundo a natureza?” Que equívoco de palavras, ó nobre estóicos! Imaginai um ser como é a Natureza, infinitamente indiferente, sem intuito nem consideração, sem piedade nem justiça, ora fecunda ora estéril, sempre incerta; imaginai a *indiferença* convertida em potência: como podereis viver segundo esta indiferença? Por ventura, viver não significa querer ser algo diverso daquilo que é a natureza? Não significa estimar, preferir, ser injusto, limitado, querer-ser-diferente? E se supomos que vossa máxima “viver segundo a Natureza” significa no fundo “viver segundo a vida”, como podereis agir *diferentemente*? Por que quereis um princípio fora do que sois, e do que deveis ser? Na verdade, acontece de outro modo; quando pretendeis na Natureza decifrar os maravilhosos artigos de vossa lei, quereis precisamente o contrário, autores maravilhosos e enganadores de vós mesmos. (NIETZSCHE, 2012a, p. 9-10).

Neste discurso do filósofo com os *estóicos*⁵⁷, é possível perceber que a natureza era tratada de maneira equivocada e interpretada de forma ludibriosa. Quando pergunta se – viver não significa querer ser algo diferente daquilo que é a natureza? – Tinha-se a noção de que viver a vida era viver de forma diferente da natureza, como se fosse possível viver a natureza como sendo algo a parte do próprio existir, como sendo algo diverso do que realmente é. Viver a natureza dessa maneira, representava nesse momento um erro, uma enganação, uma alto-enganação. Viver a vida é viver segundo a natureza, em equilíbrio com a natureza.

Durante todo o longo e doloroso período de desenvolvimento do mundo e principalmente do mundo ocidental a natureza foi vista e entendida como mera coisa a ser explorada, estava ali apenas para ser utilizada pelo homem indiscriminadamente; fruto de um pensamento lento e que por isso mesmo precisou dicotomizar o mundo para tentar entende-lo, racionaliza-lo e finalmente

⁵⁷ Nietzsche vem no estoicismo uma equivalência à tirania de se mesmo. “Um inconcebível orgulho vos infunde a esperança insensata de que *assim* como podeis tyrannizar a vós mesmos, assim também a Natureza se deixa tyrannizar” (CF. em NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012a, p. 18).

dominá-lo “O espírito é mais lento que a natureza [...] as próprias raízes são pivotantes com ramificação mais numerosa, lateral e circular, não dicotômica.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 09).

É na modernidade que o desenvolvimento do mundo ocidental se aprofunda e a dicotomia ganha força, e o “espírito humano” busca adquirir velocidade pelo uso da razão como eixo central do seu agir sobre a natureza. A passagem da idade média para a modernidade é definida como sendo um período histórico onde ocorreram os principais processos de transformação do mundo ocidental. Ela surge como o ultrapassar da tradição, como o romper das correntes que prendem o homem a um passado superado.

A ideia de modernidade pode ser entendida como sendo a ideia de progresso, a ideia de que o novo será melhor, mais avançado do que o antigo, a ideia de progresso pode ser vista ainda como a valorização do sujeito ou da subjetividade, como sendo esta o lugar da certeza e da verdade, e mais ainda, “como origem dos valores, em oposição à tradição, isto é, ao saber adquirido, às instituições, à autoridade externa”. (MARCONDES, 2004, p. 140).

A compreensão do que vem a ser a modernidade se faz necessária para o entendimento de como se deu a descoberta da ideia de *sujeito como agente dominador e transformador do mundo*⁵⁸. A modernidade foi um período histórico responsável pelo aprofundamento da dissociação do homem com a natureza, como também pelo amplo desenvolvimento de práticas sociais que potencializaram essa forma dicotômica de ver e viver o mundo.

Sobre essa nova perspectiva de mundo que surge da transição entre idade média e idade moderna, a razão se apresenta para ocupar o centro das ações humanas, por meio da razão o homem buscará objetificar a natureza, o mundo, a vida.

⁵⁸ Não é mais a vontade da divindade e entidades que garantem ou definem o sentido do agir humano, é o próprio sujeito quem dá significado à sua existência. O próprio indivíduo é responsável pelo progresso ou decadência da sua vida. (cf. em CRUZ. Daniel N. da e CARDOSO. João Santos. **A DISCUSSÃO FILOSÓFICA DA MODERNIDADE E DA PÓS – MODERNIDADE**. Revista Eletrônica Print by Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> Μετάvoια, São João del-Rei/MG, n.13, 2011. Acessado em: 08/09/2015).

A razão desliga o espírito de todos os fatos simples, de todos os dados simples, de todas as crenças baseadas no testemunho da revelação, da tradição, da autoridade; só descansa depois que desmontou peça por peça (...) Mas, após esse trabalho, impõe de novo uma tarefa construtiva (...); deverá construir um novo edifício, uma verdadeira totalidade (CASSIER, 1992, p. 32 e 33).

A modernidade buscou essa totalidade por meio da razão, e assim construir um sujeito livre das pressões tradicionais existentes na idade média. A razão tornou-se então absoluta e esse absolutismo trouxe a ideia de progresso, uma ideia de que a vida finalmente poderia ser equilibrada e segura. É nesse contexto que a ciência surge como detentora da verdade, o sujeito se identifica com ela e nela passa a confiar plenamente, Deus não é mais a única resposta ou a resposta para tudo. Ao mesmo tempo a ciência passa a proporcionar o desenvolvimento tecnológico e aos poucos a redução do processo de racionalidade do moderno para uma sociedade baseada na instrumentalização da razão.

O homem da modernidade convence-se que é capaz de subjugar a natureza, de transforma-la para que esta atenda às suas necessidades. Ele passa cada vez mais a calcular, medir, quantificar e experimentar. Vai aos poucos desvendando tudo o que antes era obra divina. O que era mistério se desvenda. Por meio de explicações detalhadas e racionalizadas, vai aos poucos removendo os mistérios do mundo, e aquilo que antes se desconhecia deixa de ser mistério e tornar-se conhecido. A ciência com seus instrumentos lança a luz da investigação e do experimento, todos os mistérios e segredos da natureza que eram até então atribuídos única e exclusivamente aos desígnios de Deus. Agora a ciência desvenda o que estava oculto, ela detém a verdade. Por meio da dominação da

natureza, controle e manipulação, a ciência passa a deter a *produção do conhecimento*⁵⁹ sobre as leis que regem os fenômenos naturais.

Nietzsche criticava a modernidade, pois via no pensamento tradicional desde Aristóteles uma maneira totalizante e coerente com a realidade, a verdade era procurada em um sistema lógico e formal, na sua crítica à modernidade ele tenta chamar a atenção para uma desconstrução do modo de pensar tradicional, busca desfazer a ideia de um pensamento sistemático que contempla o todo e objetiva a verdade, para ele a verdade não está pautada na razão, nem na ciência.

É certo que com a ciência se pode favorecer um e outro objetivo. Talvez agora se conheça mais a ciência por causa da sua faculdade de privar os homens de seu prazer e de torna-los mais frios, mais insensíveis, mais estoicos. Mas nada impede também que se descubra nela faculdades de grande dispensadora de dores! (NIETZSCHE, 2013b, p. 76).

A natureza agora como objeto da ciência, ganha maior atenção por parte da classe burguesa, que vê na crescente demanda por bens de consumo uma maior possibilidade de exploração econômica, é o momento de ascensão do capitalismo, o nascimento da necessidade social da falta que será amplamente explorada pelos processos de produção. É aqui também que a relação dicotômica homem-natureza sede espaço a relação indústria-natureza, sociedade-natureza. “Em um certo nível, é provável que a natureza se distinga da indústria: por um lado, a indústria se opõe à natureza, por outro, absorve os materiais dela; por outro, ainda, ela lhe restitui seus resíduos etc.” (DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 15).

⁵⁹ Este modelo de racionalidade do moderno tem caráter totalitário, uma vez que não admite que outros modos de produção de conhecimento — não orientados pelos mesmos princípios epistemológicos e metodológicos — sejam considerados racionais. Assim, o modo de produção de conhecimento que marca a modernidade torna-se hegemônico. Este conhecimento é baseado na formulação de leis gerais que sejam aplicáveis em qualquer momento, seja do passado ou do futuro. Pressupõem, portanto, uma uniformidade e uma estabilidade entre o passado e o futuro que, por sua vez, decorre de uma visão mecânica do mundo. (cf. em TEO, Igor. FERREIRA, Rodrigo. 2011. **Racionalidade Moderna na produção da Verdade**. Disponível em: <http://www.deldebbio.com.br/2011/12/14/racionalidade-moderna-na-producao-da-verdade>. Acessado em 01/09/2015).

A produção social da falta aumenta a necessidade de obtenção dos bens produzidos pela indústria, o desejo em adquirir novos produtos torna os sujeitos mais exigentes e isso faz com que a *indústria*⁶⁰ utilize cada vez mais os recursos naturais. Surge a *produção do consumo*⁶¹ que vai alimentar continuamente a máquina do capitalismo. Agora tudo é produção, tudo se retroalimenta, tudo está determinado no seio da própria produção, e neste processo a natureza reduzida a mero objeto de utilização para transformação em bens de consumo, deixa de ser parte integrante da vida e passa a ser coisa. Agora a dissociação homem-natureza está completa.

É que, na verdade — na ruidosa e obscura verdade contida no delírio — não há esferas nem circuitos relativamente independentes: a produção é imediatamente consumo e registro, o registro e o consumo determinam [...] diretamente a produção, mas a determinam no seio da própria produção. De modo que tudo é produção: *produção de produções*, de ações e de paixões; *produções de registros*, de distribuições e de marcações; *produções de consumos*, de volúpias, de angústias e de dores. Tudo é de tal modo produção que os registros são imediatamente consumidos, consumados, e os consumos são diretamente reproduzidos. (DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 15).

Ao reproduzir os consumos, as necessidades de consumo, o capitalismo reproduz o desejo de ter, “é preciso ter para ser”, e nessa busca incessante, insana e devastadora aos poucos se instaura no homem moderno um vazio que jamais será preenchido. A busca do prazer, da felicidade, por meio da obtenção de produtos e serviços, se torna a razão de viver do homem moderno.

A manipulação do desejo pela sociedade burguesa alimentou o racionalismo e conseqüentemente a ascensão do capitalismo, ajudou a aumentar ainda mais o afastamento do homem de sua relação com a natureza, o capitalismo o inseriu no processo de produção como parte integrante e não

⁶⁰ [...] a essência humana da natureza e a essência natural do homem se identificam na natureza como produção ou indústria, isto é, na vida genérica do homem, igualmente. Assim, a indústria não é mais considerada numa relação extrínseca de utilidade, mas em sua identidade fundamental com a natureza como produção do homem e pelo homem. DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 16).

⁶¹ Esta relação distintiva homem-natureza, indústria-natureza, sociedade-natureza, condiciona, na própria sociedade, a distinção de esferas relativamente autônomas que chamaremos de “produção”, “distribuição”, “consumo”. (cf. em DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 1ª ed. (Coleção TRANS) 34 editora. São Paulo, 2010b, p. 15).

apenas como produtor-consumidor, ele agora também é produto, o homem não está na ponta do processo, não é o fim nem a razão de ser do processo, ele é inserido como um registro dentro do processo. O sentido é “inserir o registro e o consumo na própria produção, torná-los produções de um mesmo processo. (DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 15). O homem é agora e ao mesmo tempo, produto-produtor-consumidor. O ciclo vicioso está completo. Os papéis se inverteram e agora são os homens que servem ao capitalismo.

[...] a indústria não é mais considerada numa relação extrínseca de utilidade, mas em sua identidade fundamental com a natureza como produção do homem e pelo homem. Não o homem como rei da criação, mas antes como aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas ou de todos os gêneros, que é o encarregado das estrelas e até dos animais, que não para de ligar uma máquina-órgão a uma máquina-energia, uma árvore no seu corpo, um seio na boca, o sol no cu: o eterno encarregado das máquinas do universo. Este é o segundo sentido de processo; homem e natureza não são como dois termos postos um em face do outro, mesmo se tomados numa relação de causação, de compreensão ou de expressão (causa-efeito, sujeito-objeto etc.), mas são uma só e mesma realidade essencial do produtor e do produto. (DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 15).

Para Deleuze e Guattari (2010b) a produção como processo excede todas as categorias ideais e forma um ciclo ao qual o desejo se relaciona como princípio *imanente*⁶². O desejo aproxima-se das condições de existência objetiva, une-se a elas, segue-as, não lhes sobrevive, desloca-se com elas. O fim de todo processo não é sua própria continuação ao infinito, mas sua efetuação. Para eles o processo deve tender para sua efetuação, não para alguma horrível intensificação, não para algum horrível extremo no qual o corpo e alma chegam a perecer. “O produzir está sempre inserido no produto, razão pela qual a produção desejante é produção de produção.” (DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 18).

⁶² [...] a imanência absoluta é nela mesma: ela não está em alguma coisa, dentro de alguma coisa, ela não depende de um objeto nem pertence a um sujeito. (DELEUZE, 2006, s/p). A imanência não é estática, não há um ponto de partida e de chegada na imanência, não se pode determinar um ponto no qual a imanência esteja. A imanência está no fluxo, e é ao mesmo tempo o fluxo, sem fim nem começo, não há nem sujeito nem objeto da imanência. Para GELAMO (2008) Dessa forma, a imanência não pode ser entendida como uma instância que contém objetos ou como um lugar onde os objetos estejam, bem como tampouco pode ser considerada como algo sobre o qual a consciência de um sujeito se detém para formular seus conhecimentos. (cf. em GELAMO, Rodrigo Pelloso. **A imanência como “lugar” do ensino de filosofia**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.1, p. 127-137, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n1/a09v34n1.pdf>. Acessado em: 02/09/2015).

3.2 O surgimento de uma preocupação

Apesar do tema educação e ambiente estarem na pauta do momento em praticamente todo o mundo, ou até mesmo como modismos como muitos acreditam e até defendem. Grün (2012) em seus estudos, já nos alertava que a educação ambiental não deve ser vista como algo tão novo assim se levarmos em conta que ela se efetivou como uma realidade concreta, uma preocupação digna de atenção, há pelo menos três décadas. Para ele “A emergência da crise ambiental como uma preocupação específica da educação foi precedida de uma certa “ecologização das sociedades” (GRÜN, 2012, p.15).

O autor usa o termo “ecologização das sociedades” para referendar o momento em que a questão ambiental deixou de ser uma preocupação apenas dos chamados amantes da natureza, defensores da fauna e da flora, ativistas da natureza, e identifica o ano de 1945 como sendo o marco temporal simbólico do início da ecologização das sociedades ocidentais.

Apesar da crise ecológica ter raízes profundas na história da humanidade, foi segundo ele, somente nos anos 1960 que a questão ambiental passou a ter mais visibilidade no cenário global, a despertar uma maior atenção para a necessidade de olhar os impactos ambientais causados pela ação do homem como uma preocupação real, como algo sério. Esse fato se deu inicialmente associado ao movimento *hippie*⁶³. Esse movimento que inicialmente teve origem nos Estados Unidos e Europa, ajudou muito no despertar sobre a questão. A partir daí os ambientalistas se esforçam em defender as questões ecológicas, dando início a uma luta pela legitimação da causa junto aos principais centros de poder do mundo.

⁶³ “Os Hippies surgiram nos Estados Unidos nos anos 1960, como parte da chamada contracultura, um período de muita efervescência cultural em que movimentos de lutas por direitos civis pipocavam em vários países, como movimento estudantil, o negro, o pacifista, o antinuclear etc. Neste contexto, como forma de questionar os valores e hábitos de consumo da classe média norte-americana, os hippies adotavam um estilo de vida desapegado e livre. Viviam em comunidades onde praticavam o amor livre, a vida simples, o consumo de produtos naturais e o fim das guerras”. (COSTA, 2011, p. 90).

Além da crise ecológica, o ambientalismo pôs anu a crise sociocultural e a complexidade que implica uma verdadeira transformação em busca da emancipação e da sustentabilidade global. A partir da constatação da degradação crescente e dos riscos gerados pela sociedade industrial, o movimento ambientalista passou a questionar outras determinantes da crise ambiental, tais como a distribuição do poder e da riqueza e a implicação desse fator no equilíbrio ecológico do planeta. Ampliação e aprofundamento do movimento ambientalista permitiram desvelar o componente ideológico da distribuição desigual de riscos socioambientais. (SEGURA, 2001, p. 38)

Na visão de Segura (2001) apesar da tônica política na luta ambientalista ainda ser compreendida por poucos, os questionamentos que o movimento promoveu sobre o modo de vida das sociedades modernas estão influenciando a maneira de ver e viver o mundo na atualidade. Comenta que o grande problema é justamente fazer com que as questões sociais e ambientais, ou seja, socioambientais consigam ter visibilidade e sejam defendidas por atores sociais dispostos a enfrentar os mais variados obstáculos.

Já Tassara (2005), nos lembra que a pedra de toque para esta consciência, os seus primeiros fungos, os primeiros germes, podem ser detectados, podem ser vistos, já no pós II Grande Guerra Mundial, para ela é o momento em que se inscreve a problemática no contexto geopolítico, é o momento no qual é possível constatar um surgimento embrionário, um substrato ideológico do que seria mais tarde a questão ambiental, “neste período, a evolução do discurso geopolítico culminou por consolidar a Ideologia do Naturalismo, tendo como substrato a Ideologia da Conservação da Natureza, difundindo-se em escala mundializada e em nível de massa”. (p. 261).

Porém, o importante, é que ainda que fosse uma preocupação de grande escala, a contribuição científica no ramo, é ainda muito pouca e em alguns casos insipiente, e foi somente nesta última década que realmente podemos observar um aumento considerável de literaturas produzidas pelos pesquisadores brasileiros a respeito do tema e trazendo esta preocupação, o que deve ser considerado extremamente positivo, apesar de ainda haver muito o que ser potencializado. Reigota (2014), comenta que é na produção artística e literária, nos espaços acadêmicos indisciplinados “que a temática da devastação ecológica

provocada pelos autoritarismos, totalitarismos e guerras e particularmente pela *Segunda Guerra Mundial*⁶⁴, ainda encontram eco”. (p. 709).

Não é difícil trazer à tona as inúmeras questões sociais, políticas e econômicas, que envolve os problemas ambientais provocadas pelas guerras e principalmente pela *II Guerra Mundial*⁶⁵. Mas é durante o período do pós-guerra que se torna possível perceber o quanto o ambiente foi degradado, o quanto se perdeu de biodiversidade, o que pode ser recuperado e quanto tempo e recursos serão necessários para resgatar um pouco do que *existia originalmente*⁶⁶. Infelizmente o ambiente nunca mais será o que era antes, e tende a piorar se continuarmos a consumir os recursos naturais no ritmo em que *consumimos hoje*⁶⁷. Não é difícil imaginar um futuro com insuficiência de recursos para a sobrevivência dos seres vivos no planeta.

No Brasil, foram nos anos de 1990 que ficaram marcadas definitivamente os rumos do que se chama hoje de ambientalismo, mesmo que

⁶⁴ Em 1945 nos Estados Unidos, uma equipe científica liderada pelo físico e professor Oppenheimer, explodiam a primeira bomba “H”. Dois meses depois eram jogadas as bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. “O Homo Sapiens, esta espécie tardia surgida há pouco mais de um milhão de anos, havia conquistado o poder de destruição total de si próprio e de todas as demais espécies sobre a face da terra. Os seres humanos adquirem, então, a autoconsciência da possibilidade de destruição completa do Planeta.” (cf. em GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 16).

⁶⁵ Dentre as inúmeras consequências funestas das guerras, estão os efeitos devastadores sobre o meio ambiente. Os bombardeios, o intenso movimento de veículos militares e tropas, a grande concentração de vôos de combates, os mísseis jogados sobre territórios ou a destruição de estruturas militares e industriais durante todos esses conflitos também provocaram a emissão de metais pesados e outras substâncias que contaminaram o solo, a água e o ar. Além da contaminação ambiental é necessário considerar ainda a modificação das paisagens naturais e a perda da biodiversidade a longo prazo, seja pela presença de minas terrestres ou agentes químicos dispersados no ambiente. (cf. em KANASHIRO, Marta. **Guerras perturbam o meio ambiente**. Reportagem, 2005.)

⁶⁶ Em 2005 a Organização das Nações Unidas – ONU, encomendou um documento técnico, do qual participaram mil trezentos e cinquenta (1.350) especialistas de noventa e cinco (95) países. O relatório desvenda a saúde dos ecossistemas do planeta e sua relação com a manutenção da vida. Segundo essa avaliação, 60% dos ecossistemas do planeta já estão destruídos ou seriamente deteriorados. As conclusões revelam que já ultrapassamos o limite da exploração possível da natureza e que dentro de pouco tempo a natureza não terá mais condições de fornecer bens naturais para o consumo humano. Um agravante desta situação é que o consumo ocorre de maneira muito desigual: apenas uma minoria de 20% da população mundial consome 80% dos recursos naturais, gera 75% da degradação e das emissões de poluentes e 86% do desperdício. (cf. em COSTA, Lara Moutinho da. **Cultura é natureza: tribos urbanas e povos tradicionais**. Rio de Janeiro: Geramond, 2011, p. 36-37).

⁶⁷ O consumo ocorre de maneira muito desigual, apenas uma minoria de 20% da população mundial consome 80% dos recursos naturais, gera 75% da degradação e das emissões poluentes e 86% do desperdício. (Idem.)

este tenha sido inicialmente vítima de uma concepção estreita e preconceituosa, pois as ideias que tratavam da preservação ambiental naquele momento eram tidas como um capricho ao qual só os países de primeiro mundo podiam se dar ao luxo. O Brasil ainda não havia acordado para ver a questão como um problema de escala global, e que, portanto, alcança a todos. Grün (2012) nos lembra que ainda não se pensava a educação ambiental como questão primordial para evitar ou prevenir agressões ao meio ambiente e muito menos como preocupação educacional.

Não havia uma percepção, um entendimento de que tudo que ocorre no planeta impacta diretamente a todos indistintamente. A palavra educação sugere uma troca de saberes em uma relação do indivíduo com o mundo que o cerca e com outros indivíduos que compõem a sua realidade, que compõem a trama da sua teia social. A palavra ambiental tempera essa relação inserindo a percepção sobre a natureza e a forma como os seres humanos interagem entre si e com ela, isto é, como se conectam com tudo que diz respeito a sua relação com o habitat, com o planeta, com a vida. Não há como querer tratar a questão de forma separada, como sendo um problema apenas do outro, como algo que não nos diz respeito, os acontecimentos que degradam a natureza atingem a todos indistintamente.

A conexão entre educação e o ambiental pode ser comparada a de um casamento conturbado, onde de um lado estão as questões políticas e do outro, as questões sociais. No entanto sem essa conexão político-social a questão ecológica não teria evoluído para o atual contexto ambiental, a onde a educação se apresenta como voluntária e desvinculada de qualquer normatização determinante. O encontro entre educação e ambiente “não resulta necessariamente em uma educação ambiental, mas implica uma sub-elevação ética, estética e política como expressão de um vitalismo que desmancha as formas atuais ao afirmar a vida em seu movimento de expansão”. (GODOY, 2009, pg. 15-16).

O compromisso da educação juntamente com a questão ambiental incorporou as mais diversas lutas de classes pelos direitos da vida em todos os

espaços onde ocorrem as relações humanas, e deve ser encarada como mais um instrumento de construção da cidadania, propagando uma nova proposta de relação com a vida e de compreensão do outro, do mundo, com os valores éticos, estéticos, democráticos e humanistas, partindo do princípio de respeito as diversidades naturais e culturais de cada contexto histórico, social, econômico, político, etc., em que estiver inserida.

Para Guattari (2001) o princípio particular para a ecologia ambiental é o de que tudo é possível, tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Não só a ação humana; guerras, desmatamentos, poluição dos rios e mares, predação animal, etc., como também as manifestações naturais do planeta; terremotos, cataclismos, maremotos, secas, inundações, longas estiagens etc., são estas também responsáveis por desequilíbrios que modificam o ambiente natural ao longo dos tempos, e:

Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas. Um tempo virá em que será necessário empreender imensos programas para regular as relações entre o oxigênio, o ozônio e o gás carbônico na atmosfera terrestre. Poderíamos perfeitamente requalificar a ecologia ambiental de *ecologia maquínica* já que, tanto do lado do cosmos quanto das práxis humanas, a questão é sempre a de máquinas - e eu ousaria até dizer de máquinas de guerra. Desde sempre a "natureza" esteve em guerra contra a vida! Mas a aceleração dos "progressos" técnico-científicos conjugada ao enorme crescimento demográfico faz com que se deva empreender, sem tardar, uma espécie de corrida para dominar a mecosfera. No futuro a questão não será apenas a da defesa da natureza, mas a de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para fazer reflorescer o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade. (GUATTARI, 2001, p. 51).

É nessa visão terrificante e ao mesmo tempo fascinante que a educação se apresenta como premissa básica e indispensável para uma ação promotora da prática ética sobre as questões que envolvem o ambiente, e sobre tudo que a ele se refere, sejam naturais ou provocadas pela ação do homem. Seu campo de abrangência não deve se restringir apenas a ações pontuais como o consumo consciente da água, preservação da fauna e da flora, cuidados com o

descarte do lixo, campanhas de reutilização de alimentos etc. É necessário uma postura ética que leve ao despertar da consciência, para que se possa discutir todas as questões que dizem respeito a uma nova forma de se relacionar com a natureza.

A discussão a respeito de uma nova ética global, que reorienta os rumos do desenvolvimento e das práticas cotidianas em várias esferas é particularmente interessante porque desafia a sociedade a organizar-se a partir de uma lógica emancipatória, que não se limite a relação com o Estado. Isso significa dizer que os atores sociais [...] precisam articular ações no campo político e cultural em torno do princípio da sustentabilidade [...]. (SEGURA, 2001, p. 29).

Guattari (2001) em sua ecosofia destaca que é necessário fazer emergir outros mundos diferentes daquele da pura informação abstrata, defende que é necessário engendrar novos universos de referência e territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude das coisas sejam levadas em conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e da ecologia social, possibilitando assim uma vida possível tais são as vias embaralhadas do que ele denomina de tripla visão ecológica. “É preciso, mais uma vez, invocar a História! No mínimo pelo fato de que corremos o risco de não mais haver história humana se a humanidade não reassumir a si mesma radicalmente”. (GUATTARI, p. 54).

No caminho da educação também não seria diferente, olhar para o passado, para a história da educação e buscar desaprender radicalmente todos os erros que já foram cometidos, todos os enganos que não permitiram que a educação lograsse êxito no desenvolvimento do seu papel. Larga-los a beira da estrada e torna-los algo essencial para promover uma reflexão concebida a partir das caminhadas e das observações já feitas e que embrionariamente guardam os germes das consequências desastrosas para esta densidade subjetiva que destrói nosso planeta. A educação pode ajudar a sociedade a compreender o significado e a importância da questão ambiental, mesmo tendo em mente que esse é um processo lento, que requer a participação ética de todos, e que encontra desafios e interesses de toda ordem. A ecosofia é uma proposta que pode ajudar a sociedade a reassumir as rédeas sobre si mesma.

3.3 Olhos no passado para enxergar o futuro

O filósofo, pesquisador e ambientalista Mauro Grün (2012), fala de uma nostalgia envolvendo a educação e o ambiental. Ele diz que: “A nostalgia pelo passado é uma característica central do emergente discurso da educação ambiental” (p. 75). Para ele o que parece é que está em curso uma certa *geografização*⁶⁸ do passado, servindo como alternativa ao discurso racionalista e dicotomizante do homem e do mundo: sujeito/objeto; natureza/cultura. Para ele é o surgimento de um discurso que valoriza ideais a muito perdidos em um passado distante, um discurso dotado de legitimidade política e algumas vezes científica. Uma alternativa ao caráter objetificante da epistemologia moderna.

Talvez uma das questões primordiais para a edificação do campo epistêmico da educação ambiental seja remontarmos ao passado com os olhos do presente, buscando o momento em que começa a emergir e afirmar-se aquele conjunto de valores que, já na própria lógica interna de sua elaboração, continha, embrionariamente, as consequências desastrosas para o meio ambiente. (GRÜN, 2012, p. 23).

Essas objetificações ajudaram a compor um sistema marcado pela máquina social que foi construída a partir dos agenciamentos do capitalismo, Guattari (2001) nos diz que é de grande importância se discutir hoje sobre uma possível *ecosofia*⁶⁹, pois para ele o planeta terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em uma contrapartida na qual engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não foram remediados, ameaçam no limite a implantação da vida em sua superfície.

Não é mais possível seguir o processo de objetificação da natureza, a ideia de alquimia do moderno não tem mais como ser sustentada na contemporaneidade e ameaça a existência de vida em todo o globo, a

⁶⁸ Um lugar espacialmente delimitado. Que funcionaria como um ponto de delimitação, que teria a propriedade de servir de referência ao presente.

⁶⁹ Ecosofia é um neologismo formado pela junção das palavras ecologia e filosofia, ou seja, é um conceito que aproxima atitudes ecológicas com o pensamento abstrato humano. Termo cunhado nos anos 1960, portanto ainda bastante recente, está em plena fase de construção de seu sentido, não havendo uma definição única e exata a qual ele se refira. Sua origem pode ser ligada a dois filósofos chaves para a sua compreensão: o norueguês Arne Naess, pai da ecologia profunda, e pelo francês Félix Guattari, filósofo pós-moderno.

objetividade científica se sobrepôs as qualidades sensíveis da natureza, conseqüentemente a natureza passou a ter sua qualidade e importância mensurada a partir do uso que proporcionava, sua conotação passou a ser a de mero objeto.

Com Galileu, a busca da objetividade científica implicou que a natureza perdesse suas qualidades sensíveis – a cor, o sabor, o cheiro. Bacon promoveu uma concepção utilitária de ciência na qual a natureza é considerada apenas quanto ao seu valor de uso. Descartes, por sua vez, inaugurou uma perspectiva metodológica na qual a natureza não é mais que um objeto à disposição da razão humana. Tomadas em conjunto, as ideias desses filósofos e cientistas formaram [...] a *alquimia do moderno* e foi justamente essa configuração que tornou possível o processo de objetificação da natureza. (GRÜN, 2012, p. 76).

O atual pensamento técnico-científico-moderno é fundamentado no cartesianismo e seu racionalismo, e infelizmente, nossas escolas e demais instituições de ensino também são pensadas e perpassadas por esta fórmula carregada de moralidades, por essas linhas duras, por essas *arborescências*⁷⁰. É neste sentido que Guattari e Rolnik (1993) ressaltam a importância de se pensar uma ecologia em três instâncias: social, mental e ambiental. Além de buscar reagrupar os regimes semióticos: econômicos, jurídicos, técnico-científicos e subjetivos. “É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão [...]” (GUATTARI, 2001, p. 07).

Reigota (1994) desenvolve uma linha de reflexão que chama a atenção para a busca de uma sociedade mais equilibrada e participativa, tanto do ponto de vista ambiental, quanto social, um equilíbrio que passa necessariamente pela educação, pela formação de cidadãos trabalhadores e consumidores, para que possam exercer sua capacidade de discutir seus interesses, é a emergência “de uma educação política que visa não só a utilização racional dos recursos naturais,

⁷⁰ Cada ponto da arborescência maquina ou enunciativa se reabre seqüencialmente em outras arborescências, outras redes, tanto por cima como por baixo, de acordo com modalidades conflitivas. Estamos assim completamente inseridos e submersos num conjunto de sistemas produtores de signos em mutação permanente (cf. em DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 34 editora. Rio de Janeiro, 1995c. v5).

mais também a participação do cidadão nas decisões que lhe dizem respeito”. (REIGOTA, 1994, p. 312).

Pensar o ambiente, não é só destacar uma visão ambientalista romântica que prioriza somente a natureza, a fauna, a flora, como bem já fazem alguns pesquisadores e outros profissionais engajados com a causa (GONÇALVES, 1989; BRANCO, 1990; LEIS, 1991;), tampouco se limitar a utilização dos modelos organicista, economista e higienista tão territorializado e territorializante. As implicações que envolvem a pesquisa em educação ambiental devem trazer a possibilidade de se discutir sobre questões ético-políticas e estéticas, e de maneira transversal - como propõem Guattari em sua proposta de uma “Ecosofia” -. O que permitiria a ação participativa de todos, sem impor barreiras e impedimentos, sem gerar *distanciamentos*⁷¹.

A temática ambiental perpassa de forma rizomática saberes e ensinamentos em todos os campos, por isso não deve transformar-se em si, numa *nova disciplina*⁷² que compõem a grade curricular, já tão engessada, dura, inflexível, objetificada e objetificante. Não! Isso seria um grande retrocesso, uma grande marcha-a-ré na educação. Esta deve sim, perpassar toda a escola e sua criação e ação educacional, pedagógica. “Antes de tudo [...] a educação deve superar a apatia, estimulando iniciativas criativas para superar as injustiças a partir do exercício de tomada de decisões”. (SEGURA, 2001, p. 45).

Não se pode negar que isso significa um imenso desafio para os educadores e os demais envolvidos nesse processo de ampliar o conhecimento sobre a questão ambiental, porém, é um esforço imensamente necessário, até mesmo indispensável, crucial. Um grande desafio de fazer movimentos puros,

⁷¹ O distanciamento é fruto de uma cultura política profundamente arraigada em valores como desigualdade, privilégio, servilismo e resignação, “os quais sustentam uma educação elitista que forma os que mandam e os que obedecem”. (cf. em SEGURA, Denise de Souza B. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001, p. 45).

⁷² Tratar a educação ambiental como uma nova disciplina curricular é segundo Grüm (2012) o mesmo que admitir uma possibilidade de se estudar uma educação não ambiental. Se alcançaria assim ao absurdo de se estudar um mundo exclusivo dos seres humanos e outro mundo feito apenas para a fauna e a flora. “O ápice do dualismo socrático/platônico” (grifo meu). (cf. em GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2012).

novos, éticos. Um fazer-se estrangeiro em sua própria ação de educar, exige do professor um novo agir dentro do seu espaço, do seu território. Pensar-se estrangeiro também se aplica a fazer-se estrangeiro os outros, ou provocar estrangeirismo em assuntos outros. Dialogar com esses assuntos e fazer criar tantos outros quantos sejam possíveis, multiplicando assim o campo das *virtualidades*⁷³. Das *subjetividades*.⁷⁴ Da vida.

Além dessas e outras questões subjetivas que estão implicadas nestas relações. A questão da educação e do ambiental, vêm à tona para ser discutida e repensada, para tentar criar novas formas de existir e de agir no âmbito das relações sociais, político, cultural. Uma forma micro, molecular. Daqui em diante o que estará em questão será a maneira como iremos nos relacionar com este planeta e com os demais seres vivos, com o que faremos para garantir que existirá um habitat para as gerações futuras. Como faremos para garantir a perpetuação da própria raça humana como um todo.

As relações da humanidade com o socius, com a psique e com a (natureza) tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação as essas questões consideradas em seu conjunto. Catastróficas ou não, as evoluções negativas são aceitas tais como são. O estruturalismo – e depois o pós-modernismo – acostumou-nos a uma visão de mundo que elimina a pertinência das intervenções

⁷³ Toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual se envolve de uma névoa de imagens virtuais. Tal névoa se eleva de circuitos coexistentes mais ou menos extensos, sobre os quais as imagens virtuais se distribuem e correm. É assim que uma partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos, de diferentes ordens. Eles são ditos virtuais quando sua emissão e absorção, sua criação e destruição são feitas em um tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e que tal brevidade os mantém desde então sobre um princípio de incerteza ou de indeterminação. Todo atual se envolve de círculos de virtualidades sempre renovadas, sendo que cada um emite outro, e todos envolvem e reagem sobre o atual (“no centro da nebulosa do virtual está ainda um virtual de ordem mais elevada... cada partícula virtual se envolve de seu cosmos virtual e cada uma, por sua vez, faz o mesmo indefinidamente...”). (DELEUZE e PARNET, 2005, p. 174).

⁷⁴ Guattari prefere falar em subjetivação, em produção de subjetividade ao invés de ideologia, para ele o sujeito, “segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um *être-là*, algo do domínio de uma suposta natureza humana”. Ele propõe o contrário disso, ele trás a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. “As máquinas de produção da subjetividade variam. Em sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade é fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional. (cf. em GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1993, p. 33).

humanas que encarnam em políticas e micropolíticas concretas. (GUATTARI, 2001, p. 22-23).

Ao fazer ponte com a educação e o ambiente, não se pretende aqui, de forma estereotipada, falar/brincar sobre como cuidar das plantas em sala de aula, colocar o lixo no lugar certo, reaproveitar o material reciclável, coletar lixo na praia e nos rios, etc., - o que também representam práticas pontuais importantes que devem continuar a serem utilizadas, disseminadas - mas sim da relação que se constrói e se estabelece com elas, relação esta, um tanto quanto já esquecida pelos modos de vida humanos individuais e coletivos, que estão sendo simplesmente deterioradas pela padronização dos comportamentos em massa, modos esses que são frutos dos movimentos promovidos pelo poder do capitalismo.

Esses modos são um reflexo da categorização da vida feita pela *Máquina binária*⁷⁵ destruidora do pensamento, do desejo, da subjetividade, do homem em sua essência. Para Deleuze e Guattari (1995) a máquina primitiva não se extinguiu, apenas foi sobrecodificada, assim como a máquina déspota. A segmentação operada por todas as máquinas tornou-se uma crescente esquizofrenização do mundo. Por toda parte se dissimulam as metanarrativas do destino trágico.

As máquinas desejantes são máquinas binárias, com regra binária ou regime associativo; sempre uma máquina acoplada a outra. A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: “e”, “e depois”... É que há sempre uma máquina produtora de um fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo (o seio — a boca). (DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 17).

A natureza é uma criação do mundo e por isso mesmo uma arte universal que merece contemplação. Refletir e agir a respeito das questões

⁷⁵ O uso do termo Máquina Binária faz referência a maneira como o capitalismo influencia as relações das pessoas umas com as outras por meio do consumo, gerando uma padronização do comportamento das pessoas em sociedade. Tradicionalmente, dizia-se que a linguagem possuía a forma de uma relação binária. No caso do capitalismo substitui-se a linguagem pelas pessoas. Produzir para consumir; consumir para produzir mais. E a vida se resume a ter para poder ter ainda mais. (cf. em DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 34 editora. Rio de Janeiro, 1995c. v5).

ambientais implicam uma inter-relação da política, da economia, da cultura, da ciência e da tecnologia, voltadas em prol de uma prática da educação ambiental que mire o seu olhar para a mudança de comportamento por parte das pessoas, das comunidades. Um olhar não moral, não determinante, que ajude a mudar a forma dualista de ver e se relacionar com o planeta e com as questões sociais, a fim de viabilizar uma melhor interação a partir dos micros-espacos, e que favoreça a atuação da escola em seu importante papel de agente mobilizador, disseminador e transformador de pessoas rumo a conscientização sobre os problemas ambientais, despertando-lhes a sensibilidade e o desejo de reverter os efeitos da atual crise ecológica.

Seguindo essas linhas de pensamento e tentando relacioná-las com outras reflexões, talvez seja possível pensar uma caminhada rumo a construção de experiências que promovam o fortalecimento da educação com o ambiente, no que para Nietzsche seria uma *transvaloração*⁷⁶, ou seja, a criação de novas possibilidades de vida. Percorrendo os movimentos das conexões entre educação e ambiente, entendendo seu potencial de criação de sentido: sentido de ensinar, de participar, de cooperar, de valorizar o ambiente, de valorizar o homem como ser que compõe uma rede, uma teia, um rizoma. Situa-lo como parte integrante de um contexto mais amplo, como peça de um grande mosaico, de um grande quebra-cabeças, que em seu processo de montar e desmontar, permita compreender o mundo em sua totalidade. Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo, pode ser conectado a uma micropolítica do campo social. “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 14).

⁷⁶ A transvaloração é um conceito Nietzscheano aonde ele afirma que num determinado momento, há uma inversão de valores, aonde na *Genealogia da Moral*, ele chega a conclusão de que, onde antes havia o bom, o forte e o nobre é, na moral dos escravos, substituído pelo ‘mau’. O ‘bom’ então, passa a ser os valores do homem fraco, comum. Neste contexto podemos relacionar este conceito com a ideia de uma transvaloração dos valores que estão sendo colocados em sala de aula, valores que visam programas prontos e uma moral deslocada da realidade. A transvaloração de todos os valores é, finalmente, a coragem de erigir novos e humanos valores, voltados para o florescimento e intensificação da vida humana. (NIETZSCHE, Friedrich. W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009).

3.4 A natureza, o homem, a sociedade, a escola

Com vosso orgulho, pretendeis incorporar à Natureza vossa moral, vosso ideal; pretendeis que a Natureza seja “segundo a Stoa” e quereis conformar a vida à vossa imagem e semelhança; quereis fazer da vida uma monstruosa e perene glorificação e generalização do estoicismo. Com todo vosso amor à verdade, vos esforçais constantemente e com rigidez hipnótica para contemplar a Natureza *falsamente*, quer dizer estoicamente, até que por fim já não sejais capazes de contemplá-la de outro modo. (NIETZSCHE, 2012a, p. 18).

Guattari (2001) nos alerta que não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural, “uma ecosofia” que envolva a participação dos diversos agentes que compõem o todo social. “Nesse domínio não nos ateríamos às recomendações gerais mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores”. (GUATTARI, p. 15).

Uma mesma perspectiva ético-política atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queira moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a da produção de existência humana em novos contextos históricos. (GUATTARI, 2001, p. 15).

Para Segura (2001) a crise ecológica não deve ser encarada apenas como mais uma crise pela qual passa a humanidade, mas sim como uma situação limite para a sobrevivência do planeta, ela tem raízes antigas e profundas envolvendo a relação natureza e cultura, na qual os seres humanos se viam e agiam como superiores. A sociedade contemporânea enxerga a cultura como sendo algo que diz respeito apenas ao ser humano, e tem o homem como um ser separado da natureza. Estas separações são um traço marcante da visão de mundo da cultura ocidental, hoje fortemente marcada pelo desenfreado desenvolvimento do poder do capitalismo.

Toda visão de mundo, todo paradigma, é uma construção histórica, que muda de acordo com os acontecimentos de cada época. Por isso, essa forma de

ver o mundo de maneira separada e bipartida é uma construção social, criada e reforçada ao longo da história do mundo ocidental. Desde então fomos ensinados e condicionados a pensar a natureza como algo externo ao homem, como algo separado e fora de nós. “E as divisões não param por aí: também pensamos que mente está separada de corpo, religião de ciência, ocidente do oriente e assim por diante”. (COSTA, 2011, p. 22).

Na visão de Grün (2012) a educação ambiental é antes de mais nada um sintoma da crise ecológica, que vem sendo abordada em vários campos do conhecimento humano. Ele acredita que a crise ecológica, vista como um sintoma da crise da cultura ocidental, tem engendrado uma ampla investigação a respeito dos valores que sustentam nossa cultura. Para ele muitas e variadas têm sido as abordagens da crise ecológica. Embora estas análises apresentem múltiplas facetas já é possível delinear com certa segurança algumas de suas *características principais*⁷⁷.

A educação ambiental pode criar uma perspectiva dentro da escola – apesar desta ser uma reprodutora dos padrões sociais estabelecidos – na qual se reconheça a existência de uma interdependência do meio natural com o meio social, demonstrando a continuidade dos vínculos nos atos do presente com as possíveis consequências para o futuro, bem como a interdependência das comunidades nacionais de solidariedade necessária entre os povos, permitindo, “não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.” (GUATTARI, 2001, p. 9)

⁷⁷ Segundo Pádua (1988) muitos fatores contribuem para o crescente interesse pelas questões ambientais: a expectativa de uma nova ordem internacional a partir do ecologismo; as relações cada vez mais explícitas entre a baixa qualidade de vida das populações do Terceiro Mundo e a degradação socioambiental; a imagem e o papel estratégico do Brasil no novo eixo de tensão criado entre o hemisfério norte e sul após o fim da guerra fria; a devastação da Amazônia (maior reserva biológica do mundo); a autoconsciência da possibilidade de uma catástrofe global que não respeitaria ideologias, religiões, fronteiras ou distinções entre ricos e pobres. Todos esses fatores inter-relacionam-se formando e propagando uma espécie de medo global. Todo esse processo tem contribuído para disseminar o ambientalismo e já vai longe o tempo em que a ecologia era uma preocupação localizada e específica, restrita aos setores altamente intelectualizados da classe média. Hoje o meio ambiente preocupa amplas parcelas da população. (CF. em GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 19).

Se a educação ambiental, como campo discursivo, engendra um modo de lidar com o mundo, de compreendê-lo, de falar sobre ele e sobre nós mesmos, ela não chega a constituir um campo discursivo autônomo: dir-se-ia que ela se funda num cruzamento de diversos campos – a educação, a macro-política e a discursividade ambientalista. Nesta perspectiva, sua produção implica não somente relações entre instituições, processos econômicos e sociais, regimes de normas e condutas que a dimensionam como saber específico, mas também movimentos que lhe são coexistentes e que desfazem esse campo, minando o discurso, liberando a diferença que a ordenação majoritária das práticas tenta submeter. Ela teria como que duas faces, uma voltada para o atual em relação ao qual ela cria identidades, produz verdades sobre a relação do homem com o meio e sobre a necessidade de um fazer educativo para orientar essa relação, legitimando-se como o saber autorizado pelos campos discursivos educacional (os alunos devem...), macro-político (...se adequar à forma do cidadão responsável...) e ambientalista (...logo, com disposições referentes a verdades cientificamente comprovadas). Uma outra face permanece voltada para o virtual – operando sobre um plano de composição que não cessa de se transformar com aquilo que ocorre nele e com o que se dá a partir dele. Estas duas dimensões, embora se distingam, não se separam: a primeira, como o que é dado à visibilidade e à dizibilidade; a segunda, como o que persiste no dado sem ser dado. (GODOY, 2009, p. 14).

Ao refletirmos sobre o lugar da educação ambiental e o papel da escola, tentamos captar as possíveis implicações que as questões ambientais podem despertar nos sujeitos – alunos e professores – afinal, nós seres humanos, somos os principais responsáveis por vários acontecimentos que degradam o ambiente e provocam o desequilíbrio ecológico no planeta. Desmatamos as florestas, poluímos os rios e os mares, degradamos o solo em busca de riquezas minerais, praticamos a caça e a pesca de forma indiscriminada e predatória. Com essas e outras ações promovemos a extinção de diversas espécies animal e vegetal que muitas das vezes nem chegamos a conhecer.

É necessário ter em mente a escola como um espaço de descobertas do novo e de si mesmo, de libertação da potência criadora e transformadora existente em cada sujeito. A escola a pesar de fomentadora dos padrões sócias e de ser o lugar da crítica das experiências educativas, e das dificuldades de se consolidar nas práticas educativas as proposições formativas que se espera dela, pode e deve ser vista como um solo propício para fundamentar práticas educativas capazes de criar vínculos dentro dos processos que dizem respeito à

educação ambiental e que também dizem respeito a toda coletividade, pois segundo Pádua (1988) já se faz a muito, o tempo em que a ecologia era vista como uma preocupação localizada e específica de grupos económica e intelectualmente favorecidos.

Precisamos sair da caixinha mental na qual fomos ensinados a olhar o mundo, uma caixinha, dualista, dicotómica, e que funciona até hoje como única forma de ver e viver sobre esse planeta. A educação ambiental não é mais fruto de uma prática isolada, exclusiva de grupos específicos que surgiram e existem especificamente para defender a natureza e garantir a sobrevivência das espécies animal e vegetal.

A escola deve abandonar a *moralidade dos costumes*⁷⁸, deve ressurgir, fazer-se nova, romper com as correntes ideológicas de um passado que a colocava como reprodutora de padrões morais, deve abandonar as ideias e as práticas que levam a escola a formar, moldar pessoas como se fossem mero produto para alimentar o atual e voraz sistema capitalista, pois tem um grande papel social que implica uma responsabilidade ética na formação das pessoas, tem o papel de prepara-las para lidar com situações conflitantes que envolvem o meio ao qual pertencem, e não apenas para perpetuar práticas obsoletas e falidas que só ajudaram a degradar o planeta mas diversas esferas do sócio. É no espaço escolar que devem ser valorizados: o respeito à diversidade, o respeito à igualdade de direitos, e de ter estimuladas relações que busquem corroborar com a vida, de participação ativa e solidária com as questões que envolvem a comunidade, a cidade, o estado, o país, o mundo. A partir das micro ações localizadas e participativas, pode ser possível desenvolver ações que abarquem o contexto macro ambiental. Para isso será preciso despertar um sentimento de reciprocidade.

⁷⁸ A escola ensina a obediência de rebanho com seus valores morais e a criação de sentidos, com sua lógica hierárquica dura, com seus símbolos, seus entes, suas palavras de ordem, seus agenciamentos. Para dar sentido às coisas, para ir significando, ou seja, para atribuir significados, a escola necessita do enunciado, necessita da palavra que dá ordens sociais, que faz o ato no coletivo. (cf. em FELDENS, Dinamara Garcia. A trama e o destino: Luízas, Rosas, Bias & Joanas. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 77).

Uma reciprocidade não só para com seus pares, seus iguais, mas de reciprocidade com a natureza, tendo em mente que toda a fauna e flora fazem parte de um mesmo habitat no qual estamos todos interligados. Fazemos parte de um mesmo *rizoma*⁷⁹, no qual a escola por meio da educação deverá ser capaz de ajudar a reorientar as premissas do agir humano em sua relação harmoniosa e equilibrada com o ambiente. É preciso pensar *fora da caixinha*⁸⁰, fugir do dualismo que coloca de um lado a floresta, os rios, o mar, as montanhas, os animais selvagens, e do outro lado, aquilo que é produzido pelo homem e que o caracteriza: a língua, a culinária, a música, a arte, os mitos e as crenças, etc. É preciso que o homem busque sempre viver em harmonia e equilíbrio com a natureza. Consigo mesmo.

No entanto não pode haver harmonia e equilíbrio em uma relação à qual um lado busca sobrepor-se ao outro, exercendo o seu poder com o intuito de *domina-lo*⁸¹. Molda-lo. Deixa-lo uniforme. A relação do homem com a natureza, com o seu habitat não pode ser de dominação e nem de apoderação. Sobe essa ótica a escola se destaca como espaço de possibilidade para ensinar o ser humano a pensar de forma não dualista, pois foi essa forma de pensar a natureza

⁷⁹ Ao pensar o rizoma como conceito tenho em mente a sua capacidade de ser e de estar, de ir e de vir, sempre chegando e ao mesmo tempo saindo, sempre generoso e recíproco consigo mesmo e com tudo, com o todo. O rizoma é feito de linhas: tanto linhas de continuidade quanto linhas de fuga como dimensão máxima, segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade metamorfoseia-se, mudando de natureza. O rizoma é o que já foi. Ele aproveita as fendas para promover rupturas. "Não se deve confundir tais linhas ou lineamentos com linhagens de tipo arborescente, que são somente ligações localizáveis entre pontos e posições. [...] O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso." (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 32-33).

⁸⁰ Para nós, pessoas urbanas do século XXI e de um país do mundo ocidental, há duas caixinhas no nosso cérebro: a caixinha da natureza (a fauna e flora), e a caixinha da cultura (inerentes a tudo que diz respeito ao homem). "Este modo de pensar a natureza partida nos trouxe até o momento em que estamos: hoje, fechando a primeira década do século XXI, 60% dos ecossistemas do planeta estão destruídos ou seriamente comprometidos. Além disso o homem consome 20% a mais do que a terra consegue repor em termos de recursos naturais, a ponto de já ser necessário mais meio planeta para atender a necessidade de água, minerais, alimentos, madeira, areia, cimento etc. E esse consumo continua crescendo numa velocidade acelerada". (CF. em COSTA, Lara Moutinho da. **Cultura é natureza: tribos urbanas e povos tradicionais**. Rio de Janeiro: Geramond, 2011, p. 11).

⁸¹ Nessa visão de dominação a humanidade pensa os animais, as plantas, os minerais, a água, as florestas e o que mais existir no mundo está aí para atender as necessidades humanas, para o homem usar, explorar e dominar. "No fundo, é assim que grande parte da humanidade pensa [...] As próprias palavras que usamos para falar de natureza – como recursos valores, bens e patrimônio – já deixam claro como pensamos nela apenas na medida em que ela possa nos trazer vantagens econômicas". (idem, p. 17-18).

que nos colocou na atual situação a qual nos encontramos. Não há necessidade de dominação por parte do homem para com a natureza. Não é mais preciso pensar e agir de forma dualista.

Para que dominar?

Uma relação harmoniosa não precisa de domínio. A educação ambiental na escola deve promover a fuga do impulso de dominar a natureza, ela não existe para ser dominada. Observa o jardineiro em seu trato com o jardim. Ele não domina, ao contrário ele cuida, ele zela. O jardineiro não domina a terra, não a impede de ser terra, ele apenas cuida, vira, mexe, remexe, e nesse movimento, nessa ação, ele permite sua oxigenação e ao mesmo tempo propicia a ação de plantar. A escola deve ser esse jardim, a sala de aula é a terra fértil e bem cuidada que foi preparada para receber os alunos. Alunos sementes. Alunos mudas. Alunos plantas.

O jardineiro professor. O professor jardineiro. Quando inicia o plantio se preocupa apenas em acomodar todas as mudinhas de uma forma a qual todas possam receber água, luz, e calor na dose certa, para que assim possam crescer e manter-se sempre fortes e saudáveis. Perceba que em nenhum momento há o exercício de domínio sobre o jardim, O jardineiro professor apenas trata com amor, carinho e dedicação, para que as plantas possam crescer e se multiplicarem possibilitando o surgimento de novos jardins. Não há domínio. Para que o domínio?

O gregos pré-socráticos, tinham uma forma interessante de interpretar a natureza, o mundo. Eles conseguiram conjugar de maneira igual: a arte, o pensamento e o saber; a verdade não tinha sido inventada, o conceito de verdade não existia, o que existia era a noção de que a relação do homem com a natureza deveria ser uma relação de submissão, mas uma submissão à natureza. Ao processo de transformação ao qual era fundamentado o devir. Os gregos pré-socráticos tinham a visão de que tudo muda o tempo todo, nada é fixo, para eles a vida era um fluxo contínuo que estava em constante mutação, não há domínio sobre a natureza. Os gregos tinham um sentimento de natureza diferente do nosso. Um sentimento de harmonia. Uma relação de equilíbrio. Havia na relação

homem natureza um sentimento de reciprocidade. Um *eterno devir*⁸² homem natureza.

Criticando a concepção antropocêntrica da ciência Cartesiana, Grün (2007) observa que precisamos de "uma ciência em que a Natureza não é dominada, mas vista e experienciada como parceira num diálogo mutuamente benéfico" (p.166).

Dominar é um exercício de poder sobre o outro, sobre algo, alguma coisa. Foi esse olhar sobre a natureza que nos fez chegar as preocupantes questões que envolvem o ambiente na contemporaneidade. Para justificar esse domínio seria necessário ter a verdade, há uma verdade que justifique a dominação? "Todas as minhas verdades são, para mim, verdades sangrentas. " (NIETZSCHE, 1985, p.31).

Como se poderia razoavelmente comparar a força da verdade [...] com separações que de saída são arbitrárias, ou que, ao menos, se organizam em torno de contingências históricas; que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem, nem sem ao menos uma parte de violência. (FOUCAULT, 1999, p. 13-14).

Claro que as questões ambientais não dizem respeito apenas ao ambiente escolar e aos sujeitos que nele se movem, ao contrário, estão cada vez mais se expandindo para os diversos setores da sociedade, e não poderia ser de outra maneira tendo em vista que toda a sociedade é diretamente responsável pelos impactos sofridos pelo ambiente. Não importa o quanto estejamos dentro ou fora, estamos todos profundamente envolvidos, pois fazemos parte da imensa teia rizomática que constitui a vida em todas as suas formas e possibilidades. A escola nesse contexto, poderia propiciar entendimento de que o mundo é um grande jardim e que todos nós poderíamos agir como jardineiros.

⁸² "Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem uma sujeição a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. [...] Os devires são o que há de mais imperceptível. São actos que só podem estar contidos numa vida e expressos num estilo [...] não é um termo que devém o outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois uma vez que não tem nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois, que tem a sua direcção própria, um bloco de devir, **uma evolução a-paralela.** " (CF. em DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução: José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004, p. 12 à 17).

Guattari (2001, p. 9) nos alerta que “o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta”, ele nos chama a atenção para o fato de que as questões ecológicas não estão dissociadas de uma articulação, ético-política. Ele usa o termo ético-política, para se referir a sua ecosofia, que é segundo ele a junção entre os três registros ecológicos: ambiente, relações sociais e subjetividade humana. Para ele seria possível sobre essa concepção, esclarecer questões éticas que vão muito além dos danos causados pela indústria ao meio ambiente. Sob sua ótica:

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, [...] (GUATTARI, 2001, p. 7).

É possível perceber que as dimensões tomadas pelas questões que envolvem o ambiente, não podem ser tratadas isoladamente como se fossem acontecimentos pontuais, e que a escola apesar de historicamente ser um lugar de reprodução social da falta que atende a demanda do capitalismo, tem um papel importante na promoção de ações que propiciem aos indivíduos agirem individualmente ou coletivamente sobre as questões que dizem respeito a natureza e a sociedade. “Mas do que nunca a natureza não pode ser separada [...] precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais”. Guattari (2001, p. 25). A questão ambiental tem levado a um consenso de que alguma coisa precisa ser feita para reversão e/ou amenização da degradação do ambiente. Já Grün (2012, p. 23) acredita que uma “das principais causas da degradação ambiental tem sido identificada no fato de vivermos sob a égide de uma ética antropocêntrica”.

Uma visão *antropocêntrica*⁸³, em que o homem é o centro do mundo, uma visão que reduz a natureza àquilo que rodeia o homem e tem relação direta

⁸³ Há uma passagem no Gênesis especialmente esclarecedora das raízes culturais do antropocentrismo: “Deus disse: Façamos o Homem a nossa imagem e semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves dos seu, os animais domésticos, todas as feras e todos

ou indireta com ele. Ou seja, entende o homem como parte de algo e o coloca numa posição de centralidade em relação a todo o resto, no centro de tudo o que existe. “Essa ideia de centralidade, é claro não é uma ideia de centralidade qualquer” (COSTA, 2011, p. 17). É mais que isso:

significa também uma superioridade, na qual o homem está hierarquicamente acima da natureza. É com base nessa ideia, de que nós estamos no centro e acima da terra e dos outros seres, que nos tornamos o que somos hoje. Construímos relações de **dominação**, em que aquilo que está ao nosso redor, seja coisa, animal ou pessoa, existe para nos servir, ou para servir ao homem.

O homem historicamente sempre tratou a natureza como coisa, como objeto, como algo inesgotável e que estava ali apenas para nos servir e ser explorada, essa visão antropocêntrica sobre a natureza ajudou a proporcionar a atual situação em que se encontra o planeta. Uma das possíveis formas de atenuar essa situação seria como acredita Guattari (2012), um agir sobre uma visão ético-político. Uma nova forma de viver daqui em diante no planeta, poderá favorecer um novo horizonte na existência humana. No qual os acontecimentos do passado possam servir de referência para as ações futuras, pois não dá mais para evitar o que já aconteceu.

Certamente seria absurdo querer voltar atrás para tentar reconstituir as antigas maneiras de viver. Jamais o trabalho humano ou o hábitat voltarão a ser o que eram há poucas décadas, depois das revoluções informáticas, robóticas, depois do desenvolvimento do gênio genético e depois da mundialização, a interdependência dos centros urbanos. (GUATTARI, 2001, P.24).

Um dos piores problemas ambientais, e por que não dizer socioambientais da contemporaneidade tem sido o consumo desenfreado que impulsiona o capitalismo e agrava as condições de desigualdade social. O *desejo*⁸⁴ voraz das civilizações principalmente a urbana em adquirir cada vez mais produtos industrializados contribui em grande escala para a degradação acelerada do planeta. “As condições materiais de existência influenciam

os repteis que rastejam sobre a terra” (GÊNESIS 26:28). No entanto, esta ética realmente tomara proporções outras a partir da filosofia de Descartes.

⁸⁴ O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. (cf. em DELEUZE e GUATTARI, 2010b, p. 17).

diretamente, e por vezes determinam tanto as relações que os homens estabelecem entre si quanto com a natureza”. (COSTA, 2011, p. 77).

As relações de mercado se desenvolveram ao longo dos tempos e com ela a concepção antropocêntrica do homem em relação a natureza se tornou cada vez mais devastadora, o homem passou a dominar o tempo, abandonando a ideia de que esse pertencia a Deus. Ele não mais se contenta com a posição legada a ele pela teologia, modificando assim a lógica espaço tempo pela qual os seres humanos percebem e *explicam o mundo*⁸⁵.

O Homem de *virtù* valoriza a capacidade de intervenção no mundo. Esta capacidade humana de interferir no curso dos eventos é reforçada pelo surgimento das relações de mercado. O surgimento de tais relações tem profundas ligações com a modificação na noção de tempo. No decorrer de toda a Idade Média, o tempo sempre fora considerado como algo que pertencia a Deus. Com o surgimento das relações de mercado algo curioso começa a acontecer. As novas regras do jogo político-econômico fazem com que os comerciantes comecem a vender a prazo cobrando juros. Ao venderem a prazo eles estavam “vendendo o tempo”. Este, que era algo que somente a Deus pertencia, passava agora a ser meticulosamente contabilizado. Iniciava-se o processo de quantificação no mundo moderno. Agora também o tempo pertence ao Homem. Ele passa a imprimir sua própria lógica no tempo. A natureza não tem mais um tempo que lhe seja próprio, com seus ciclos e suas relações de ecodependência de cadeias tróficas. O tempo da natureza passa a ser o tempo da racionalidade humana. A natureza é mercantilizada. Tempo, negócios e natureza passam a andar juntos. Relações de mercado, natureza e lógica temporal antropocêntrica passam a formar um sistema complexo de inter-relações. De agora em diante, “tempo é dinheiro” – eis o novo lema. (GRÜN, 2012, p. 25 e 26).

As modificações sobre a noção de tempo, permitiu que o *poder capitalista*⁸⁶ se deslocasse e se desterritorializasse, ao mesmo tempo ampliasse o

⁸⁵ Para Grün, não só a noção de tempo passa por grandes modificações neste período, mas igualmente observamos transformações radicais na noção de espaço. É na arte da Renascença que ocorre a principal ruptura com a noção de espaço. O artista forja o mundo a partir de si dando forma à matéria, diferentemente do mundo grego onde o artista apenas extraía o potencial da forma. Homem que ser senhor de seu destino, uma espécie de Deus, resumindo no microcosmo a unidade do macrocosmo. Leonardo da Vinci sintetiza bem estas ideias ao dizer que o caráter da pintura é divino, uma vez que “faz com que o espírito do pintor se transforme numa imagem do espírito de Deus”. O Homem começa a se divinizar. (cf. em GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 26).

⁸⁶ Uma economia de lucro e por relações de poder só pode, no momento levar a dramáticos impasses: o império de um mercado mundial que lamina os sistemas particulares de valor, que

seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica, política e *cultural*⁸⁷ do planeta, também se infiltrou no seio dos mais inconscientes *estratos subjetivos*⁸⁸. Por essa razão tornou-se “igualmente imperativo encarar seus efeitos no domínio da ecologia [...], no seio da vida cotidiana individual, doméstica, conjugal, de vizinhança, de criação e de ética pessoal.” (GUATTARI, 2001, p. 33).

Ao se referir ao conjunto da vida social o autor defende que a ecologia social deveria trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, ele entende também que a questão ambiental não poderá perder de vista o deslocamento do poder capitalista, esse deslocamento causa impactos diretos ao ambiente, pois baseia suas ações justamente na direção dos movimentos realizados pelas pessoas na busca de suprir suas necessidades, e a educação é uma delas. No entanto essa educação deverá ser capaz de reorientar as premissas do agir humano em sua relação com o habitat, com a vida, para isso ela precisa romper com o modelo de reprodução social da falta que alimenta o capitalismo e que afasta o homem de uma relação harmoniosa e equilibrada com a natureza e consequentemente consigo mesmo.

Contudo, existem também boas razões para que compreendamos essa proliferação ou explosão discursiva sobre o novo paradigma no âmbito da educação ambiental. A primeira dessas razões é de cunho epistemológico e diz respeito, basicamente, a

coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais etc.; o que coloca os conjuntos das relações sociais e das relações internacionais sob a direção das máquinas policiais e militares. (cf. em GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 11 ed. Campinas: Papirus, 2001, p. 10).

⁸⁷ “O que caracteriza os modos de produção capitalísticos” é que eles não funcionam unicamente no registro dos valores de troca, valores que são da ordem do capital, das semióticas monetárias ou dos modos de financiamento. Eles funcionam também através de um modo de controle da subjetivação, que eu chamaria de “cultura de equivalência” ou de “sistemas de equivalência na esfera da cultura”. Desse modo de vista o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência: o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva. Guattari não fala em sujeição subjetiva apenas se referindo a publicidade para a produção e consumo de bens de consumo. (cf. em GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1993, p. 21).

⁸⁸ No contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponíveis uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial (nas fábricas Fiat, por exemplo, a mão-de-obra assalariada passou de 140 mil para 60 mil operários numa década, enquanto a produtividade aumentava em 75%) Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente? “No terceiro mundo e no mundo desenvolvido, são blocos inteiros da subjetividade coletiva que se afundam ou se encarquilham em arcaísmos [...] (idem, p. 7-8).

impossibilidade radical de que se desenvolva uma educação ambiental profícua no tradicional esquema da epistemologia moderna que preserva a dicotomia sujeito/objeto, natureza/cultura e fato/valor. A segunda razão, que segue quase como um corolário da primeira, é que existe hoje um grande medo ecológico. (GRÜN, 2012, p. 67).

Do ponto de vista de Grün tudo se passa como se fôssemos educados e educássemos fora do ambiente. Parece que a única maneira de se entender o conceito de natureza na teoria educacional é por meio de sua ausência, sua inexistência. Segundo o autor a educação ambiental ainda carece de uma conceituação mais elaborada, pois, mesmo entre os educadores ambientais não existe ainda um consenso mínimo sobre o que é educação ambiental, o que se tem em comum é que a educação ambiental se apresenta hoje como uma necessidade quase inquestionável.

Apesar dessa crítica, o lugar da educação ambiental na escola não pode ser desconsiderado, na verdade o que se questiona é a forma como essa educação é pensada, como é feita. Grün (2012) defende que deveria ser parte da tarefa de uma educação ambiental proceder a uma tematização a respeito dos valores que regem o agir humano em sua relação com a natureza. Nesse novo paradigma estético a educação ambiental não pode ser tratada como sendo mais uma disciplina que compõe a grade curricular, ela deve ser descentralizada e incorporada às práticas cotidianas do ambiente escolar e aprendida como uma necessidade que demanda a participação de todos.

A inclusão de um novo paradigma estético dentro das escolas vai além de temas pontuais como: semanas do meio ambiente, dia do índio, dia da árvore, etc. Apesar de ser reconhecidamente uma iniciativa válida; há nível de mudança social, a educação ambiental deve passar em todos os ditames e limites da educação, adentrar de cabeça e fazer severas mudanças, afim de que seus objetivos sejam efetivados. Ao invés de tentar criar “novos valores”, como comumente é pensado, a educação ambiental deveria se preocupar em resgatar alguns valores já existentes, mas que foram recalcados ou reprimidos pela tradição dominante do racionalismo cartesiano ao longo dos tempos. “Talvez uma das questões primordiais para a edificação do campo epistêmico da educação ambiental seja remontarmos ao passado com os olhos do presente”. (GRÜN,

1996. p. 22). Olhar para o passado, não implica em querer voltar atrás, mais sim, buscar e aprender onde erramos e invocar a história mais uma vez, para aprender com nossos próprios erros, e enfim, jogar fora, desaprender o caminho para nunca mais, lá voltar.

A transversalidade implica em não haver uma diferenciação entre psique e corpo, pessoa e ambiente, escola e cidade.... Fazer *ponte*⁸⁹ de um conceito ao outro, entre os saberes. Pensar na *imanência*⁹⁰. A transversalidade implica fazer desprender as cartografias existenciais, e as três ecologias dos paradigmas científicos e fazê-lo funcionar de forma menor, que não implica em ser algo desvalorizado, pequeno, ou pouco, mas sim que afirma sua diferença e engendra-se, faz mover com questões relacionadas à potência do existir, do viver neste mundo. Se constituindo, definindo-o e desterritorializando-o.

O papel da escola sobre às questões que envolvem o ambiental devem ir muito além do esclarecimento aos sujeitos que compõem o espaço escolar, ela deve extrapolar os seus muros e se estender a toda comunidade, promovendo *outras maneiras*⁹¹, uma nova forma de ver, sentir e agir sobre a natureza, uma forma mais artística, não dualista. Para isso será necessário abandonar as antigas e falidas formas de ensinar, será preciso fugir dos modelos que historicamente serviram para alimentar a fome capitalista, a escola não deve mais reproduzir os modelos sociais pré-estabelecidos, tão moralizados e moralizantes. O lugar da educação e da questão ambiental é no todo, pois é nesse todo que vivemos, e criamos, e recriamos. A escola deve ser um espaço onde os diversos

⁸⁹ Os conceitos, como totalidades fragmentárias, não são sequer pedaços de um quebra-cabeças, pois seus contornos irregulares não se correspondem. Eles formam um muro, mas é um muro de pedras secas e, se tudo é tornado conjuntamente, é por caminhos divergentes. Mesmo as pontes, de um conceito a um outro, são ainda encruzilhadas, ou desvios que não circunscrevem nenhum conjunto discursivo. São pontes moventes. (DELEUZE e GUATTARI, 2010a, p. 31).

⁹⁰ O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... “Orientar-se no pensamento” não implica nem num ponto de referência objetiva, nem num móvel que se experimentasse como sujeito e que, por isso, desejaria o infinito ou teria necessidade dele. (idem, p. 47-48).

⁹¹ “Há outras maneiras de pensar e de criar, outros modos de idea-ção que não tem de passar por conceitos, como o pensamento científico”. (idem, p. 15). A aceitação do ponto de vista científico como verdade absoluta desempenhou um importante papel na instauração de nosso atual desequilíbrio cultural. Além disso, a mudança da imagem da natureza de organismo para máquina teve um efeito poderoso sobre a atitude das pessoas em relação ao ambiente natural. (CF. em COSTA, Lara Moutinho da. **Cultura é natureza: tribos urbanas e povos tradicionais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.)

agentes se movem e se mobilizam na busca de promover o desenvolvimento humano, portanto acreditamos que ela pode e deve disseminar uma educação ética que leve o homem a ver e viver a natureza de forma equilibrada e harmoniosa, desvinculada de um ditame de certo e errado. Supra moral.

4 UM CAMINHAR OUTRO, UM SABER OUTRO, UM FAZER OUTRO – EM MOVIMENTOS DE ENSINÂNCIAS E APRENDÊNCIAS AMBIENTAIS

Um caminhar outro, um saber outro, um fazer outro no movimento docente, esse é o ponto de partida do meu pesquisar, do meu constante cartografar de um trabalho que envolve o fluxo do “Ser Professor”. Há nesse fluxo um incessante transformar-se, ser outro, pensar no outro com o outro. Isto proporciona um encontro com acontecimentos múltiplos. Nesses encontros as ideias tomam forma, ganham vida e transformam outras vidas, desse percorrer caminhos intermezzos provocamos rachaduras de onde agora brotam rizomas.

Os movimentos de ensinar e aprender muitas vezes fazem dos seres professores criaturas mágicas, seres capazes de ser e de fazerem coisas que vão além da sua simples condição de seres humanos, os levam a agirem como se fossem criaturas de outro universo, de uma outra realidade, de um outro mundo, seres que se permitem fazerem aquilo que muitas vezes as circunstâncias e intemperes da docência colocam como algo impossível, intransponível, transformam em realidade aquilo que os outros chamam de utopia, de ilusão. Os seres professores são realizadores de sonhos. São construtores do impossível.

Os seres professores do espaço denominado Colégio Estadual Senador Lourival Baptista, situado no micromundo que é o Povoado Triunfo, buscaram e buscam trabalhar a conscientização ética sobre as práticas ambientais, o entendimento do espaço mundo como sendo um todo indivisível e diretamente interligado, transformam o ensinar e o aprender da sala de aula no ensinar e fazer fora dela, permitem e incentivam o experimentar daquilo que se aprende; o degustar dos ensinamentos não estão restritos a sala de aula.

Os alunos adquirem entendimento de que agirem de forma ética é agirem de forma consciente consigo mesmo, com os outros, com o ambiente em que vivem, com a comunidade, com o mundo. Compreendem que o agir ético é um agir que envolve fazer escolhas, e o assumir das responsabilidades que essas escolhas representam, aprendem a agir e viver de forma autônoma, supra moral.

4.1 O nascimento de uma escola: um chão, um sonho, um desejo

A história dos professores que *entrevistei*⁹² não seria possível se o colégio não existisse, por isso é mister nesse momento referenciar a constituição dessa instituição o seu desenvolvimento, os acontecimentos que a marcaram ao longo dos anos, até os atuais movimentos que a destacam e caracterizam. O atual Colégio Estadual nasceu Escola Municipal de Primeiro Grau Senador Lourival Batista, em 19 de setembro de 1987, construído pela Prefeitura de Simão Dias, na gestão do então prefeito Manoel Ferreira Matos. O objetivo inicial era implantar todo o ensino de primeiro grau no Povoado Triunfo, tendo em vista que as duas escolas existentes não contemplavam o ensino fundamental maior.

Apesar de sua fundação em 1987, foi somente no ano de 1988⁹³, que a então escola começou efetivamente a funcionar, porém, no ano seguinte ao de seu funcionamento, devido a inexistência de professores habilitados de nível superior no quadro docente da prefeitura, o então prefeito doou o prédio e passou a direção da escola ao Governo do Estado de Sergipe, na época sob a gestão do Governador Antonio Carlos Valadares.⁹⁴

O primeiro corpo docente foi formado por sete (07) professores do Estado e seis (06) professores cedidos pelo município, Tinha como Diretora a

⁹² Para a realização das entrevistas esta pesquisa foi submetida a análise do Comitê de ética e Pesquisa – CEP e está registrada sobre o CAAE número: 43020815.2.0000.5371, e encontra-se em processo de análise conforme Parecer Número: 1.057.853, e está em conformidade com o que determina o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido conforme Resolução CNS nº 466/12. As entrevistas aqui trazidas além de obedecerem ao que preconiza o CEP, também contam com pleno apoio dos professores entrevistados que compõem esta pesquisa. O que não exige este pesquisador de a qualquer momento informar ao CEP e ao CONEP, possíveis desistências ou modificações das informações dadas, bem como as possíveis retificações dos dados.

⁹³ A instituição de ensino foi denominada Escola de Primeiro Grau Senador Lourival Batista, pelo Decreto Municipal nº 99302/88. Estando autorizada a funcionar de acordo com a Resolução 096/96 do CEE/SE. Teve a autorização de funcionamento prorrogada pela Resolução nº 321/03 CEE/Sergipe Ensino Fundamental 5ª a 8ª. Passou a ser denominada no ano de 2009 de Escola Estadual Senador Lourival Batista, Resolução nº 055/09, no mesmo ano por meio da resolução nº 056/09, passou a ser denominada de Colégio Estadual Senador Lourival Batista. (cf. em Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Senador Lourival Batista de 2015).

⁹⁴ O processo de transição foi intermediado pela primeira diretora da escola a Prof.^a Luciene Macedo Deda de Carvalho, junto ao então Secretário de Educação do Estado, o Sr. Dr.^o Marcos Aurélio Prado Dias. Informação disponível em: <http://www.cee.se.gov.br/historico.asp>. Acesso em: 12/04/2015.

Prof.^a Luciene Macedo Deda de Carvalho, e como Vice-Diretora a Prof.^a Terezinha Pimentel de Carvalho.

Esse colégio estava previsto para outra localidade, não era para ter nascido aqui. Mas um dia teve uma reunião de natal – a gente só juntava todo mundo nessa época ou em algum velório – e veio alguns políticos e outras pessoas importantes para a festa. Eu estava olhando o presépio quando veio meu tio e disse: Lourinha eu falei com o Matos sobre o número de alunos que a gente tem aqui e ele disse que vai falar com o senador... e foi assim que a escola nasceu aqui. No terreno não tinha nada, era só o chão e um monte de mato ao redor.⁹⁵

Como uma das condições para a doação da escola Municipal ao governo do Estado de Sergipe, o prefeito fez o pedido de que fosse implantado de imediato o ensino fundamental maior, pois esse era um anseio antigo da comunidade tanto local como adjacente. Nesse período a escola contava apenas com cinco turmas de cem alunos divididos em dois turnos.

No início das suas atividades a escola enfrentou muitas dificuldades; sofreu com a escassez de material didático e outros recursos básicos para consecução das aulas como: apagador, giz, pastas de arquivo, mimeógrafos, e outros materiais administrativos e pedagógicos. Mas essas dificuldades não foram suficientes para que a escola deixasse de exercer suas funções, o corpo diretivo da escola recorreu a criatividade e desenvolveu projetos ligados a comunidade, que prontamente atendeu.

A gente aproveitava o que tinha, fazia de um tudo: trazia livro de casa, aproveitava as folhas que sobravam dos cadernos usados, pedia para os alunos que tinham uma condição melhor dividir ou doar um lápis para os colegas que não tinham; colocávamos de quatro a cinco alunos para utilizar um livro ao mesmo tempo. E assim fomos superando um desafio de cada vez. Só não podíamos deixar a escola ser fechada.⁹⁶

⁹⁵ Prof.^a Maria Raimunda de Santana, já ensinava a ler e escrever muito antes de existir qualquer escola no povoado, começou a ser professora ainda mocinha, com apenas quatorze anos, enfrentou várias dificuldades, mas com o apoio da família montou uma escola embaixo das árvores da fazenda do pai e lecionou de graça até completar 18 anos e se tornar professora do município. (Dona Lourinha (Prof. Maria Raimunda de Santana). **Entrevista I**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias, 2015.)

⁹⁶ Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

A direção da escola entendendo que não seria possível uma gestão democrática sem a comunidade, optou por uma gestão participativa, desenvolvendo projetos ligados a comunidade; já era o esboço de um Projeto Político Pedagógico.

Dessa maneira desenvolveu projetos ligados a comunidade, optou por uma gestão democrática, esboçando um projeto Político Pedagógico construído coletivamente e implantou anos depois a interdisciplinaridade. Tais ações levaram a escola a participar de encontros, seminários e outros eventos patrocinados pela Universidade Federal de Sergipe, na condição de relatora de experiências inovadoras. Nossa honra: visita do Ministro da Educação de Cuba, visita de secretários de estados de educação. Em 1993 o Colégio Estadual Senador Lourival Baptista integrou em Brasília a delegação de Sergipe na Conferência Nacional de Educação para todos.⁹⁷



Figura 1: Professores em palestra na UFS, antes da viagem para Brasília, ano 1993.

Fonte: acervo do Colégio Estadual Senador Lourival Batista.

⁹⁷ Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Senador Lourival Baptista de 2015.

Para Lück (2006) o envolvimento da comunidade nas relações e ações escolares deve ser propiciado a partir da elaboração de um Projeto Político Pedagógico, que permita o desenvolvimento de diversas atividades onde possam ser inseridas todas as camadas da comunidade, propiciando que a integração dessas camadas, sejam feitas de forma inclusiva e participativa. Esse Projeto Político Pedagógico, deve ser elaborado a partir da ação conjunta de toda a comunidade escolar, envolvendo-a no processo administrativo e pedagógico da escola, até mesmo, contando com a participação dos pais dos alunos.

No atual contexto da *nova ordem mundial*⁹⁸ e da velocidade das *transformações*⁹⁹ enfrentadas pelas sociedades contemporâneas, a função social da escola constitui-se, mais do que nunca, em objetos de intensos debates por parte dos educadores, gestores, pais, alunos e segmentos organizados da sociedade civil. Por isso essa escola acredita que:

A educação é, portanto, o processo pelo qual o homem se constrói, na sua relação com o outro, com o mundo e com o saber acumulado de sua espécie, de sua cultura, de sua localidade. É muito mais do que um período, que uma etapa, que uma tarefa ou uma fase. É o processo em que o ser humano vai buscando trilhar o caminho do amadurecimento integral dentro de uma dinâmica que precisa ser buscada e vivida durante toda a existência. É passar de uma mentalidade ou de um senso comum a uma consciência. Significa sair de uma concepção fragmentada, incoerente, implícita, mecânica, passiva e simplista, para assumir uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada. Não é, pois, somente uma atividade, é acima de tudo, a construção de um saber que ultrapassa o sentido escolar e se torna uma construção permanente na vida do ser humano. Porém, independentemente de suas modificações,

⁹⁸ Na nova ordem mundial toda a vida deve estar inteiramente globalizada. De Masi (2000) diz que quando se atira uma pedra em um lago, se obtém uma série de ondas concêntricas que se propagam, de forma contínua, por toda a superfície aquática. Do mesmo modo nosso planeta tornou-se hoje como um pequeno lago, onde cada onda atinge e envolve rapidamente até os cantos mais remotos. "O globo agora é uma grande aldeia." (DE MASI, 2000, p. 141).

⁹⁹ Guattari (2001) traz em sua obra "As três ecologias" algumas das transformações que surgem com as revoluções da informática, da robótica, do desenvolvimento dos meios de transporte, de comunicação, etc., como transformações cujos impactos devem ser enfrentados pelas sociedades "[...] depois do desenvolvimento do gênio genético e depois da mundialização do conjunto dos mercados. A aceleração das velocidades de transporte e de comunicação, a interdependência dos centros urbanos [...] constituem igualmente um estado de fato irreversível que conviria antes de tudo reorientar." (cf. em GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 11 ed. Campinas: Papirus, 2001, p. 23 e 24).

no decorrer da história, a escola foi a instituição que a humanidade criou para socializar o saber sistematizado.¹⁰⁰

Nos anos que se seguiram após sua fundação a escola procurou manter um quantitativo de alunos matriculados que girava em torno de trezentos (300) a quatrocentos (340) estudantes. Nos anos de 2006/2007, esse número sofreu uma redução drástica, chegando a ficar apenas com noventa (90) alunos, o fato ocorreu em função da implantação de uma outra escola municipal, que também ofertava a mesma modalidade de ensino. Frente a essa realidade que ameaçava o seu funcionamento, a escola implanta em 2008, o *ensino médio progressivo*¹⁰¹, o que além de garantir a sobrevivência do Colégio, passou a atender as necessidades da comunidade escolar, que não mais precisaria se deslocar até a cidade para concluir o segundo grau.

Hoje o Colégio Estadual Senador Lourival Baptista é uma instituição pública estadual de ensino fundamental e médio, localizado na zona rural do município de Simão Dias, no Estado de Sergipe, no Povoado Triunfo, onde atualmente estudam trezentos e oitenta e seis (386) alunos distribuídos em dez (10) turmas, divididos nos turnos matutino e vespertino. Tem como patrono o ex-senador Lourival Baptista, filho de Francisco Costa Baptista e de Angelina Gomes Baptista, nasceu na localidade Sítio do Meio, município de Entre Rios, Estado da Bahia, em 03 de outubro de 1915.¹⁰²

Seu atual corpo diretivo tem como Diretora a Prof.^a Mizalva Martins de Andrade, e como Coordenadora Pedagógica a Prof.^a Sanja Naiane dos Santos Menezes, e como Secretário o Sr.^o Wanderley Leal Santana. Possui um quadro efetivo de quatorze (14) professores concursados, a colaboração de uma equipe de dez (10) profissionais das áreas administrativo e de apoio, divididos nos dois turnos da escola, um conselho escolar composto de quatro (04) membros.

¹⁰⁰ Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Senador Lourival Baptista de 2015.

¹⁰¹ Aprovado pela resolução nº 056/09 (cf. em Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Senador Lourival Batista de 2015).

¹⁰² Quando criança iniciou seus estudos em Alagoinhas. No ano de 1943, já formado em medicina pela Universidade Federal da Bahia, Lourival Baptista chegou a Sergipe, constituindo família e adotando o Estado como seu lar. Estabeleceu-se na cidade de São Cristóvão, onde exerceu sua profissão de médico atendendo aos operários e suas famílias carentes da antiga capital sergipana. Homem de reputação ilibada, mostrou vocacionado a política, foi deputado estadual (1947 – 1951), prefeito de São Cristóvão (1951 – 1954), deputado federal (1959 – 1967), governador de Sergipe (1967 – 1971), e senador (1971 – 1995).



Figura 2: Colégio Estadual Senador Lourival Batista, tirada em 20 de maio de 2015.

Fonte: acervo do pesquisador.



Figura 3: Acesso a quadra de esportes do Colégio Estadual Senador Lourival Batista.

Fonte: acervo do pesquisador.

4.2 Os encontros e os diálogos que compõem essa pesquisa

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Ó, que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo
chão
Esse luar lá na cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão

“Tonico e Tinoco”

Assim como o sertão, o agreste também povoa o meu imaginário. Mesmo não tendo nascido em ambos os lugares, tenho por estes espaços mundos outros uma forte atração, interesse, admiração, curiosidades. Confesso: O que tenho mesmo é paixão!

Ao iniciar a primeira viagem rumo ao micromundo, campo espaço do meu pesquisar, cantarolava esta canção, e ao mesmo tempo me perguntava se este encantamento é o mesmo que acomete aos professores que pretendo entrevistar, dialogar, conversar, ouvir e dizer.

Planejei fazer as entrevistas inicialmente com três professores que compõem o atual quadro docente e diretivo do colégio. Ledo engano: planejar é em vão quando se pretende cartografar experiências e acontecimentos; professores outros que não mais exercem a docência ainda se fazem presentes na própria constituição da escola, nas suas práticas; são professores que abriram o caminho, prepararam o terreno, deixaram as sementes que embrionariamente esperavam o momento oportuno para germinar.

Não tive escolha, não tive como resistir ao impulso de conhecê-los, de vê-los e ouvi-los. E assim impulsionado fui ao encontro destes professores que fizeram de sua trajetória no Colégio Lourival Baptista um pouco de sua própria histórias de vida. Este acontecimento modificou o meu planejamento, não tinha como armazenar estes saberes para utiliza-los depois.

Pesquisar tem um caráter de urgência, de extremidade, de limite. Não se armazena um saber para depois usá-lo. Encontramos vazios que se referem e se lotam em fluxos todo o tempo. Encontramos no pensar só movimentos. É nestes movimentos que podemos atuar. É nestes fluxos que pretende estar este trabalho, percorrendo por linhas, capturando olhares, escavando fósseis, conservando-os, jogando-os ao vento. Por escrevemos a nós mesmos, somos também trajetórias e devires. (FELDENS, 2014, p. 137).

Assim pensei um primeiro bloco de entrevistas sem perguntas específicas ou preconcebidas, apenas um conversar para conhecer. Um procurar saber meio sem querer que a tudo finda por descortinar. Dialogar de uma maneira aparentemente despretensiosa propicia a descoberta de muitas outras coisas, acontecimentos, vivências, desejos, gostos, cheiros, vontades, realizações. Movimentos do pensar e agir docente que perpassam as experiências do ensinar e aprender.

Os movimentos do meu pesquisar foram abrindo sulcos, provocando fendas, me fizeram desembocar em outros seres professores que não aqueles que eu esperava conhecer. Acontecimentos que só são possíveis em uma cartografia. Foi assim que esta pesquisa ganhou três outros atores além dos pretendidos no início do percurso.

Cada uma das entrevistas possui suas particularidades, suas nuances, trazem suas especificidades, detalhes que podem revelar um algo mais. E foi com esse sentimento que procurei buscar entendimento das conversas, dos diálogos que realizei com os entrevistados. Nestes encontros foquei os aspectos mais individuais, as particularidades que compõem o ser e o agir de cada um, e em que isso contribuiu para algumas práticas voltadas ao ambiental que foram efetivadas no colégio.

Num trabalho de campo, todos os aspectos interessam. Não se pode deixar nenhum detalhe escapar; ao contrário, o detalhe é revelador. Mesmo que se trace prioridades, é preciso desconfiar delas. Ir a campo supõe ir para um “desconhecido” cotidiano. É preciso pensar sobre tudo, ver, escutar, sentir, perceber, estar como uma criança num mundo novo. Mesmo que se pense conhecer este mundo, é preciso ter coragem de descobri-lo e assombrar-se. [...] o trabalho de campo procede por fluxos, fecunda devires. Necessita da potência que é pensar. (FELDENS, 2014, p. 136).

A primeira entrevista foi feita com a *Dona Lourinha*¹⁰³ como é carinhosamente chamada pela comunidade. Fui ao encontro dessa professora apenas por curiosidade, não tinha a menor pretensão de entrevista-la, foi a insistência de outros professores que me levou a conhece-la. Grata surpresa! Ao chegar em frente à casa de Dona Lourinha, me deparei com um verdadeiro bosque; havia palmeiras imperiais, pau brasil, e muitas outras arvores e plantas das mais variadas espécies, um minijardim botânico cuidadosamente preservado. Agora eu entendia o porquê da insistência feita pelos professores para que eu a conhecesse, obrigado!

Batemos palmas – um costume antigo e ainda preservado pelas pessoas do interior; nesses espaços mundos outros se conservam hábitos do bem viver – e fomos recebidos por uma senhora de cabelos brancos, que carregava no rosto marcado pelas linhas do tempo um grande sorriso, era Dona Lourinha, que muito simpática prontamente nos recebeu e convidou para que entrássemos em sua casa.

Optei por iniciar a entrevista como quem inicia uma conversa sobre um assunto qualquer, como alguém que não se preocupa em elencar o tempo de forma linear, cronológica – passado, presente, futuro; cronologias não servem para diálogos, neles nada se estabelecem, apenas fluem – apenas como alguém que quer despertar no outro a vontade de falar sobre seu tempo, sobre si, despertar a vontade de discutir o que estiver em sua *memória*¹⁰⁴. Deleuze (2001) nos diz que para discutir a memória é fundamental referir-se ao tempo, “não uma ordem do tempo, mas variação infinita, nem mesmo uma forma de tempo, mas um tempo informal, plástico” (PELBART, 2004, p. 21).

¹⁰³ A Prof.^a Maria Raimunda de Santana é uma das professoras (aposentada) que fizeram parte da história do Colégio Estadual Senador Lourival Baptista. Sua paixão pela profissão é tanto que ela chegou a suspender a aposentadoria para poder voltar a lecionar. “Eu cheguei a suspender minha aposentadoria uma vez para poder voltar para sala de aula, tive saudade!” (Dona Lourinha (Prof. Maria Raimunda de Santana). **Entrevista I**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.)

¹⁰⁴ Deleuze apresenta uma leitura da memória que prescinde da usual perspectiva enquanto arquivo, monumental, ou comemorativa, para tanto critica a concepção arqueológica, adotada por teorias como a psicanálise, e defende uma concepção cartográfica; a memória não aparece como restituição de algo, mas sim como um movimento em construção. (cf. em HUR, Domenico U. **Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção**. Athenea Digital – 13(2): 179-190. Ensayos. 2013).

E foi assim que os diálogos começaram, sem perguntas ou respostas que obedecessem a uma cronologia, a uma linearidade preestabelecida, determinada, o pensamento recorreu a memória e os acontecimentos foram se revelando num tom de saudade e alegria. Com um suspirar profundo de quem descortina um tempo a muito vivido.

4.3 Um Ser Professor: um dom, uma vocação, um saber, um fazer

Quando eu comecei a estudar os pais da gente tinham que fazer um grande sacrifício, juntavam os tios, os parentes todos para ajudar a gente, para agente poder ir para a escola, eu mesmo tive que estudar em colégio de freira. Não gostava das freiras por que elas batiam e só chegavam no salão depois que a gente já tinha feito tudo, elas ficavam fanfando no bem bom. Mas eu gostava de estudar, sempre fui boa aluna.¹⁰⁵

As marcas deixadas pela moral dos costumes são para a mente como as cicatrizes cravadas a ferro e fogo na carne, são moralidades cruéis que por mais que o tempo passe sempre estarão presentes; herança da maneira utilizada para transformar a sua mnemotécnica, a forma encontrada de criar no homem uma memória. A crueldade foi a maneira encontrada para torna-lo um animal memorioso, agora “na moral, como em tudo; ama e odeia sem nuance, até a profundidade, até a dor” (NIETZSCHE, 2012a, p. 59).

Quando eu comecei a ensinar a gente não tinha nada, não tinha caderno, não tinha nada. Eles vinham de uma faze horrível, os país deles estavam tudo derrotado pela faze ruim. Nem cadeira a gente tinha. Eu fazia assim: juntava dois blocos um em cima do outro, botava uma tábua e servia de mesa, as crianças sentavam no chão, então a gente colocava uma lona, uma lona dessas de caminhão, você sabe ne? Como as crianças não tinham cadernos, eu mesma fazia os cadernos, pegava papel de embrulho. Horrível! Grosso! Não tinha pauta nem nada. Era um monte de papel de embrulhar mercadorias que papai juntou para mim. A noite eu pegava os papeis, cortava certinho e costurava na máquina para fazer as folhas ficarem igual a um caderno, eu costurava por que não tinha grampeador.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Dona Lourinha (Prof. Maria Raimunda de Santana). **Entrevista I.** [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁰⁶ Dona Lourinha (Prof. Maria Raimunda de Santana). **Entrevista I.** [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Uma professora não se fabrica, não se inventa, ela já nasce pronta. O máximo que se pode fazer com uma professora é deixá-la livre para que ela simplesmente seja. Para que ela aconteça, para que ela crie e recrie, para que ela transforme o mundo a sua volta. Ela já carrega embrionariamente o germe, a semente que a caracteriza como um ser doador de si. O Ser Professor é uma espécie evoluída de ser humano.

Teve uma época que o inverno fracassou; lavei as crianças embora. Ô tristeza! Os pais diziam que não iam mandar as crianças por que não tinham comida, não tinham café. Eles não queriam mandar as crianças com fome. Não me lembro como, mas a gente conseguiu uma saca de arroz para as crianças comerem, então alguma mãe vinha e cozinhava o arroz doce. O pior é que um dia apareceu uma mulher carregando uma criança na mão e outra na barriga, um barrigão enorme! Daí a mais um tempo apareceu uma padaria e o dono da padaria dava um saco de bolachão e o meu pai dava outro. E assim a gente conseguia alimentar as crianças, cada uma recebia um bolachão e um copo de arroz doce.

Tinham aquelas crianças que não podiam estudar por que ajudam os pais na roça, na lida com os bichos. Mas elas queriam estudar. Então eu pensava assim: Meu Deus o que eu faço? Já sei! Então eu ia e falava assim para os pais deles: o senhor deixa eles ir uma vez na semana que eu ensino. Então eles deixavam. Eu fazia assim: escrevia tudo, as lições todas nos cadernos deles, para eles estudarem as mesmas coisas que as outras crianças estudavam, na outra semana eu tomava a lição.¹⁰⁷

Há um devir-professora nesse devir-mulher que não se confunde com o das outras mulheres, com o seu tempo, o seu passado e o seu futuro, ela não precisa ingressar em um movimento para escapar ao seu passado e ao seu futuro. A nesse Ser Professor o desejo, a necessidade de ser e de fazer diferente, a diferença. “*Há um devir-revolucionário que não é idêntico*”¹⁰⁸ e que a impulsiona a continuar no tempo sem se importar com o próprio tempo. Ela se move nos acontecimentos.

¹⁰⁷ Dona Lourinha (Prof. Maria Raimunda de Santana). **Entrevista I**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁰⁸ Para Deleuze devir nunca é imitar, nem fazer como, nem uma sujeição a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de que se parte, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Também não há dois termos intermutáveis, A questão <<o que é que tu devéns>> é particularmente estúpida. Porque à medida que alguém devém, aquilo que devém muda tanto quanto ele próprio. (cf. em DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004, p. 12).

A esta altura eu me perguntava qual o critério que ela utilizava para o exercer do seu papel de professora? Como ela fazia para falar do mundo em mundo outro? De outros seres para seres de outro mundo?

Dona Lourinha continuava a falar como quem está acontecendo em cada palavra que diz. Como quem narra não o que foi, mas sim o que é. Não há no seu falar linearidade de tempo, apenas o recordar daquilo que a compõem, por que o que foi está nela contido como algo que é. “Compreende-se que os sujeitos carregam uma multiplicidade de caracteres e planos de temporalidade que estão em conexão e que se atualizam pela sua construção da memória.” (HUR, 2013, p. 189).

Com o tempo eu consegui uns livros que eram bem assim; com as coisas que eram deles, do meio deles, que eles conheciam, por exemplo: tijolo, carroça, boi, cavalo, coisas da terra que eles conheciam e gostavam. Meu pai conseguiu uma chapa que eu utilizava como quadro, então eu colocava a palavra pata e dessa palavra eu ensinava toda a família silábica, tinha aluno que trazia a lição com outras palavras que eu não tinha ensinado, eles mesmos faziam e perguntavam para mim se estava certo. O que eu sei é que quando a gente que até cego, surdo e mudo aprende. Um dia um caminhão parou na minha porta e um homem me disse assim: professora eu não sei quantas aulas eu assistia por noite, mas eu sou muito grato, porque eu leio as placas na estrada e me lembro da senhora e do que a senhora me ensinou. A gente fica emocionada com uma coisa dessa!¹⁰⁹

Quantos seres humanos passam e perpassam pelas vidas dos Seres Professores? Quantas vidas são transformadas e transformam outras vidas? Quantas vidas passam a ser possíveis, a ganhar forma e cor, cheiro e sabor, a virar realidade? Um único Ser Professor pode transformar um micromundo em um universo de possibilidades infinitas. Ele atua como um rizoma, percorrendo fendas e brechas, brotando nas impossibilidades, germinando no improvável, gerando frutos em terreno inóspito. Suas raízes começam longe do lugar comum, o que a nutri vem de muito longe, de muitos lugares, de muitas vidas.

¹⁰⁹ Dona Lourinha (Prof. Maria Raimunda de Santana). **Entrevista I.** [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

4. 4 Um Ser Professor: um sentimento de união, uma mobilização

O segundo dialogar da entrevista se deu com o Professor Raimundo, um jovem senhor de apenas setenta anos, que nos recebeu em sua casa e prontamente se mostrou interessado em discorrer sobre as histórias vividas durante o tempo em que esteve a serviço da escola tanto como professor, como diretor. Muito falante, ele quis saber sobre o que era a pesquisa, quem éramos e de onde estávamos vindo. Avia nos seus olhos uma grande alegria e satisfação de ter a oportunidade de poder reviver os acontecimentos que marcaram a sua passagem pela escola. Não precisei perguntar coisa alguma, começar coisa alguma, ele mesmo tomou as rédeas da conversa e como um artista que conhece muito bem o seu papel, nos colocou devidamente no nosso lugar de coadjuvantes.

Fizemos um projeto de coleta do lixo, limpamos o povoado. Os próprios alunos saíram pelas ruas chamando a comunidade para participar do mutirão. Estabelecemos um ponto central de coleta, a prefeitura veio e o povoado nunca mais ficou sujo.¹¹⁰

Um saber ganha forma e significado quando efetivamente é colocado em prática, é assim que o que se aprende passa a ter sentido. As práticas desenvolvidas de dentro da escola transpassaram os seus muros, o agir dos alunos alcançou a comunidade. Foi a ética e não a moral que impulsionou esse agir com relação a limpeza das ruas, o entendimento de que todos precisam dar a sua parcela de contribuição no tocante aos interesses comuns, o dualismo cartesiano entre homem e natureza, sujeito e objeto desaparece por instantes, e o “eu antropocêntrico” é colocado de lado, o “todo” ganha em dimensão e importância. A moral determina o comportamento. A ética permite escolher. “A tarefa de reorganizar o mundo requer deste Homem o desenvolvimento de capacidades especiais. A *virtù* é esta capacidade, agora adquirida pelo Homem, de escolher as ocasiões certas para transformar o curso dos acontecimentos. ” (GRÜN, 2012, p. 25).

¹¹⁰ Professor Roberto (Raimundo Roberto de Carvalho). **Entrevista II**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Não parou por aí não, a campanha continuou, depois desse dia os alunos passaram a ir na casa das pessoas para falar e mostrar da importância de se manter a limpeza na casa, nos quintais, de como cuidar da higiene dos alimentos na hora de cozinhar, a melhor maneira de limpar a cozinha, o banheiro, tudo isso para ensinar as pessoas de como se faz para evitar um monte de doença, era uma conscientização das pessoas para dentro e fora de suas casas.¹¹¹



Figura 4: Alunos e professores nas ruas do povoado convidando a comunidade para a campanha de coleta do lixo e práticas de higiene, ano 1992.

Fonte: acervo do Colégio Estadual Senador Lourival Batista.

Quando a escola ganha as ruas da comunidade a que pertence, e adentra as casas, ela passa a ter importância direta no cotidiano das pessoas, ela passa a ser uma nova referência para a mudança de comportamento. Para Guattari (2001) é possível uma nova referência ecosófica que indique as linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios, em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto

¹¹¹ Professor Roberto (Raimundo Roberto de Carvalho). **Entrevista II**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

à reinvenção da democracia. “A escola é estadual para funcionar, no papel, mas ela é antes de tudo nossa, da comunidade¹¹². ”

Eu já peguei o barco andando, pois, minha esposa já era a diretora da escola, ela estava lá desde o começo, ela é uma das fundadoras, eu fui diretor depois dela. Eu fui ao SENAR lá em Aracaju, ficava ali perto da rodoviária velha. Conversei com o chefe e em conjunto com a ENDAGRO, nós fizemos um curso de corte costura, bordado, confecção de doces artesanais, tudo isso feito na escola, para a comunidade, com gente de fora que vinha para ensinar. No pátio da escola tinham seis, sete máquinas, e o povo aprendendo a costurar e bordar, um monte de mãe de família aprendendo. O que eu posso dizer é que a escola era uma escola pobre, de uma comunidade pobre, em um povoado pobre. Agora! Os alunos queriam aprender. Para mim essa foi a melhor coisa que eu encontrei naquela escola.¹¹³

Toda transformação é possível de ser alcançada quando o desejo e a vontade vão muito além daquilo que se espera que seja feito, é possível ir sempre mais além. A vida do Ser Professor muitas vezes reflete a satisfação e o prazer que sente com os seus alunos. A sua visão do aluno é fruto de um contato que possibilita o experimentar do mundo desse aluno, o gosto de sua realidade, o cheiro de seus caminhos. Conhecer o outro, entender o outro, caminhar e construir com o outro. Aprender uma vida, aprender muitas vidas. “Toda vida é *vidas*, toda vida é múltipla, sempre populações plenas, em cada vida o mundo ali está. Então aprender e vida misturam-se, encontram-se, [...]” (SILVA e FELDENS, et al, 2014, s/p).

Todo mundo queria trabalhar naquela escola por causa das práticas pedagógicas, eu já estava como professor lá. Nós fizemos um trabalho a beira do rio, cuja a finalidade era a revitalização do rio, isso era feito durante o dia com os professores, com os alunos; com disposição, eu era professor de inglês, mesmo assim participava, porque era um verdadeiro trabalho de equipe. Todo mundo se mobilizava. [...] lá ninguém dizia faça isso! Cada um já fazia a sua parte. O trabalho de cada um culminava na conclusão do projeto, todos nos trabalhávamos em equipe, e tudo culminava com o objetivo. A gente não melindrava ninguém, a gente ajeitava. Exemplo: se um professor faltava por motivo justo e eu estivesse com o horário vago, eu ia dar a aula, sem problema nenhum. Eu hoje estou com setenta

¹¹² Professor Roberto (Raimundo Roberto de Carvalho). **Entrevista II**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹¹³ Professor Roberto (Raimundo Roberto de Carvalho). **Entrevista II**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

anos, cabelos brancos, infartado. Já fiz duas cirurgias. Mas feliz de ter sido professor daquela escola.¹¹⁴

Já andei muito pelo campo, pelo rural, e aprendi nessas andanças que a fala das pessoas estão sempre carregadas dos sentimentos oriundos de suas experiências, de suas vivências. Havia nesse falar tanta alegria e satisfação que as vezes ficava difícil conter a minha própria emoção. Não se pode ficar indiferente quando o olhar do outro encontra o seu, o Ser Professor finta-me os olhos enquanto falava e eu então pude ver que ele estava revivendo o que ensinou. “[...] ensino o que vivo, não o que digo, pois no ser ensinante habita sempre o verbo, a velocidade, o nomadismo, o devir, [...]” (SILVA e FELDENS, 2014, s/p).

Eu sempre acreditei que um aluno é tão importante quanto qualquer outro e mal tinha começado a reviver esse sentimento quando o Ser Professor me surpreendeu ao contar um acontecimento que seu deu na escola:

Chegava um aluno pilecado a gente não barrava. No meu tempo não! Estou falando por mim! Então o aluno chegava pilecado e a gente deixava entrar, deixava ele conversar a besteira que ele quisesse, quando eu mandava chamar na diretoria o pai dele já estava lá, que é para que ele visse que ele está bêbado. E dizia ó meu filho, eu mandei chamar o seu pai, que é para ele ver como você está. Não é humilhação isso!¹¹⁵

Com essa fala do Ser Professor eu pude perceber que não se pode falar de práticas e saberes de professores, se não nos colocarmos a ouvir as histórias de sua trajetória de vida. O exercício da docência passa pelo exercício de ser pai, de ser mãe, de ser cidadão, de ser humano. Mas também passa pela capacidade de não perder a sua potência de agir e criar, de exercer suas próprias ideias e convicções, de se permitir fugir das ideias preestabelecidas de um saber moral que busca sempre uma unificação, uma padronização do agir.

O Ser Professor é aquele que cria conceitos de ensinância e de vida, ele sabe que um aluno não deve ser colocado como inferior aos outros, menos ou mais isso ou aquilo. Seus alunos podem ser distintos, heterogêneos, possuírem

¹¹⁴ Professor Roberto (Raimundo Roberto de Carvalho). **Entrevista II**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹¹⁵ Professor Roberto (Raimundo Roberto de Carvalho). **Entrevista II**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

diferentes capacidades de desenvolvimento e superação de si. Ele não vê o aluno como nobre ou vulgar, rico ou indigente, capaz ou incapaz, não está ali para comparar, medir, e decidir se um aluno é melhor ou pior que outro. O que ele quer é ajuda-los a seguirem seus próprios fluxos.

4.5 O surgimento de um Ser Professor

Há em cada ser humano a semente daquilo que se é, ela encontra-se em estado pré-embrionário, aguardando o momento certo para germinar, atenta ao momento mais oportuno e propício de se revelar, de se exteriorizar. Ela é a nossa essência esperando para eclodir.

Não estava nos meus planos inicialmente ser professora, pois meu pai queria que eu fizesse Direito. A ideia surgiu com um curso pedagógico em Aracaju, com esse curso, eu resolvi seguir adiante, continuar. No ensino médio eu optei pelo curso pedagógico, por que tinha terminalidade, por que eu voltava para o interior, por essas razões todas.¹¹⁶

Um “não” as vezes funciona como um “sim” que nos impulsiona em direção aquilo que nem sequer sabíamos que realmente queríamos, nos abre o apetite, aumenta o nosso interesse, estimula nossa curiosidade, nos dá coragem e força para ser e fazer. Nos dá potência.

Mas eu disse não! Eu quero ficar aqui! Eu quero ensinar! Voltei e comecei imediatamente, aí não teve mais jeito, pedi licença ao meu pai para fazer, e depois eu fazia direito. Me formei, fiz o nível superior, aí ele disse: chegou a vez de fazer Direito? Eu disse: não! Eu fiz Estudos Sociais, me deixe fazer História, depois eu faço. Mas nunca fiz!¹¹⁷

A transgressão das vontades alheias representa a obediência as nossas próprias vontades, é uma espécie de fidelidade para com o meu próprio “Eu”. Desobedecer nesse caso pode representar o começar a seguir-se. Nietzsche (1985) já dizia, se queres seguir a alguém segue-te a ti mesmo. A

¹¹⁶ Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹¹⁷ Idem.

escolha de que caminho tomar pode ser a diferença entre fazer o que se gosta e/ou aquilo que outros gostariam que você fosse ou fizesse.

Comecei a lecionar e nunca mais me afastei da sala de aula. Hoje estou aposentada, mas foram trinta e tantos anos na sala de aula, e eu gostava demais.¹¹⁸

Olhar para trás nos possibilita rever e reviver o que já não é, o pensamento é um ir vir constante de experimentações. Qualquer pensamento só é avaliado pelos movimentos que traça, pelos fluxos que cria, pelas multiplicidades. “Só pode ser condenado aquele pensamento que não experimenta, não prolonga, não desterritorializa, não foge, não se relaciona com problemas de fora, não abala a confiança, [...]” (CORAZZA, 2002, p. 96)

Quando eu lecionava era bem diferente do que é hoje. Eu não posso dizer se... não sei se eu gostaria hoje de ver tanto desrespeito, tanto maltrato com o professor. Eu não sei se hoje eu estaria dando esse depoimento, por que eu me sinto muito incomodada de ver os maus-tratos com o professor em sala de aula. Falta de não poder ter autoridade, não poder ter!¹¹⁹

Todos nós temos uma trajetória de vida, que nos propicia uma razão para olhar para trás, algumas vezes olhar para trás nos faz refletir, nos possibilita comparar o que já foi com o que é. Os movimentos e comparações que fazemos no agora estão carregados de tudo que absorvemos durante os caminhos que trilhamos.

O Ser Professor apertou os olhos com um certo ar de lamento – nesse instante o silêncio se fez presente; respiramos fundo! Achei que a entrevista acabaria ali, naquele momento. Quer terminar por aqui? Perguntei: Não! Deforma alguma! Não sou uma mulher de me deixar abater. Continuei então a ouvi-la e ela voltou a narrar sua trajetória de vida.

Ensinei muito tempo no Carvalho Neto e depois fui para o Lourival Baptista como diretora. A escola estava sendo criada. Só que era uma escola municipal e que não tinha nada. Foi o prefeito quem me convidou e eu pensei assim; eu disse assim: mas meu Deus do céu! Vou? Não tinha nada, nada, nada, só o prédio. E o

¹¹⁸ Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹¹⁹ Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

prefeito com a ideia de querer fazer dali uma escola boa, a ponto de ter abdicado da escola, ter doado para o Estado, para que o Estado assumisse e desse as condições de seguimento. O prefeito seu Caçula, deu uma demonstração muito grande de pensar muito mais no aluno, na comunidade, do que até mesmo nele, por que ele abdicou de uma obra que foi construída no governo dele, que era uma escola municipal, acho que a primeira que ia ter o ensino fundamental maior. Doou por que eu disse a ele que era preciso algumas condições mínimas para funcionar, e ele não tinha. E ele doou, inclusive para que os professores do Estado pudessem vir, para que a gente pudesse ter professores formados.¹²⁰

Um acontecimento gera uma gama de outros acontecimentos que se somam, se multiplicam e geram outras possibilidades múltiplas. O Ser professor é um ser inquieto, ele está em constante processo de construção de si e do meio que o cerca, das coisas que o compõem e compõem o seu meio. Não costumam esperar que as coisas lhes venham, não se contentam em utilizarem a apenas o que já possuem, estão sempre em busca de mais, mais movimento, mas ação, reação, criação, transformação. Fazem acontecer.

Tinha havido um concurso recente do Estado e ninguém tinha sido chamado, aí eu me aprezei e fui em busca dos professores que tinham sido aprovados. E coloquei um desafio: Olha, eu estou aqui convidando vocês. Não sou eu quem emprega, não sou eu que faço nada, mas vocês vão ser chamados. E coloquei o desafio: a gente vai fazer um trabalho bom, [...] fazer um trabalho iniciando, se vocês toparem, na hora que vocês forem chamados, digam que vocês querem ir para o Lourival Baptista. Aí saímos à cata e eles aceitaram, e era zona rural, e transporte? Nenhum! Eu sai catando pela lista dos aprovados as pessoas, e fui lançando o desafio: olha vocês vão ter o direito de escolher onde quiserem. Por que eram muito bem colocados na lista de aprovados! Se toparem optem pela Lourival Baptista! E assim a gente fez uma equipe que foi desafiada antes de assumir. Eles aceitaram e a gente trabalhou como uma equipe mesmo.¹²¹

Assim surgiu uma escola de Seres Professores, uma escola de valentes, pessoas que abraçaram não somente um desafio, mas um sonho de construir uma escola que posteriormente viria a ser uma referência. Enfrentaram as dificuldades e ajudaram a tornar realidade um sonho de muitos

¹²⁰ Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹²¹ Idem.

As dificuldades eram grandes, não tinha nada, mas tinha muita coragem. No começo até o transporte para os alunos era difícil, mas depois surgiu carro, eu ia no meu carro e levava os professores. Não tinha carro, transporte para professor, não tinha não!¹²²

O brilho nos olhos desse Ser Professor ao narrar esses acontecimentos me fez perceber que o que dá sentido à sua vida, muitas vezes é justamente o prazer em se ver a superar as adversidades, a ultrapassar as barreiras impostas pelos desafios. A no som de sua voz um gosto de satisfação pelos feitos alcançados, ela vibrava enquanto falava. Ela não estava apenas contando os acontecimentos passados, ela estava na verdade revivendo as experiências, estava sentido novamente o cheiro, o sabor e a cor de tudo que viveu. Sua voz agora estava mais ativa, como que tomada por um orgulho imenso.

O material humano foi garimpado e foi importante, muito importante, porque não foram pessoas assim que assumiram emprego e foram mandados para lá, eles é que escolheram ir para o difícil.¹²³

Ir para o difícil, mergulhar no inesperado, escolher o improvável, fugir da zona de conforto. Somente os seres professores são capazes de tamanha loucura.

Bom! Lá não tinha material nenhum, não tinha livro, não tinha papel, nada! A prefeitura deu cartolina para os alunos desenharem e das cartolinas – “isso eu nunca esqueço de dizer” – por que as nossas pastas individuais eram feitas dessas cartolinas. Cartolinas usadas! O aluno fazia os desenhos, fazia suas coisas, tudo bem! Depois a gente pegava uma de modelo, dobrava e fazia a pasta dele. ” Aquelas pastas para mim tinham uma importância tão grande que vocês não podem imaginar. Como eu olhava com amor aquelas pastas! Tanto que é uma bobagem, mas eu não consigo falar da Lourival Baptista, sem primeiro falar, por que eu acho que é o mínimo, mas tem valor enorme.¹²⁴ ”

Valor! Algo que atribuímos as coisas, as pessoas, a vida. Valor é algo subjetivo, não dá para mensurar, generalizar, para determinar pura e

¹²² Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹²³ Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹²⁴ Idem.

simplesmente. Algo ou alguma coisa adquire valor na medida em que nos atravessa, nos transpassa e deixa suas marcas, nos transforma e nos permite transformar outras coisas. A medida que eu avançava no meu pesquisar ia percebendo que os meus valores começavam a mudar. O contato com o mundo do outro possui essa força, nos desenraiza. É preciso ser rizoma para entender a metamorfose dos valores, o rizoma está aqui e ali, permitindo idas e vindas sem deixar de ser e de estar.

A medida que a escola se desenvolvia e superava as adversidades, outras dificuldades se apresentavam.

Depois surgiu problema de evasão, transporte não tinha, o aluno vinha de muitos povoados, mas ali ao redor não tinha essa rede que tem hoje. Graças a Deus né? E aí surgiu o Projeto Chama! A chama aí era por que, era chama fogo e chama verbo, do verbo chamar, era as duas coisas. Então o que foi que a gente fez: a gente usou o próprio aluno para incendiar ou outros, para chamar! Então ele ia – ele tinha um crachazinho feito de papel cartolina, bem simplesinho, mas o crachazinho era uma chama – então o aluno do povoado ia, ele ia com seu crachá e visitava o colega que estava fora, sem comparecer, ou que estava relutante em comparecer, em voltar, e aí rsrsrs, ele ia inflamar de novo. E aí os meninos começaram a voltar, afinal de contas estava sendo bom para os amigos, e o amigo tem muito mais força de convencimento que qualquer outra pessoa. E aí eles começaram a voltar, aqueles que estavam mais relutantes, aqueles que estavam com mais dificuldades. E vinheram um número significativo, não voltaram todos, mas vinheram um número expressivo.¹²⁵

Um problema surge para o Ser Professor como mais uma oportunidade de agir, é para ele uma nova possibilidade de fazer e acontecer nos movimentos de ensinâncias e aprendizagens, de confundir-se com o mundo e exercitar a sua potência de criar. Ao fazer as entrevistas pude sentir um pouco da força, da potência que esses seres carregam dentro de si. Eles improvisam para não interromper o fluxo. “Improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 11). Agora me via na possibilidade de fugir do mapa traçado e deslizar pelas linhas puras da existência, seguir o fluxo e me tornar pleno.

¹²⁵ Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III**. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

4.6 Os novos Seres Professores

Depois do contato com os Seres Professores que compunham o surgimento da escola, era chegada a hora de conhecer os seus herdeiros. Era chegada a hora de ter contato com os brotos dos rizomas que serviram de base para o sustentar da escola.

Esse primeiro novo contato se deu com alguém que carregava desde a infância embrionariamente as características necessárias para se tornar um Ser Professor.

Eu faço aquilo que gosto! Eu já era professora. Eu era criança e já dava aula para minhas primas pequenas, lembro-me que ia para casa delas [...] tinha uma prima minha que não gostava de história e estava de recuperação, eu era mais nova, mas ela me pediu para ajudá-la.¹²⁶

Com essa resposta a *Lins de Ouro*¹²⁷ me respondia o porquê de ter escolhido a docência como profissão, assim se deu o início do nosso diálogo. Ela acredita que quando se gosta de algo, de alguma coisa, deve-se buscar o que de melhor pode ser encontrado, extraído, deve-se tentar trazer para a vida o que de melhor ela tiver.

Eu tive péssimos professores de história, eu me perguntava: meu Deus como é que pode? Tive um professor que só me pedia resumo. Ele colocava os tópicos no quadro e pedia para a gente resumir aquilo. Eu sofri! Eu reclamava que só! Mas não desanimei. Eu fui buscando em cada professor um pouco das coisas que eu gostava, isso foi compondo o que eu ia ser depois, mas eu não sabia que ia ser professora. Todos queriam que eu fizesse direito, mas minha inclinação era para fazer história.¹²⁸

Quando se descobre o que se quer nem mesmo os maus exemplos são capazes de abalar um Ser obstinado. O nosso diálogo continuou. Quis saber

¹²⁶ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹²⁷ A professora Aldenise Cordeiro Santos, é formada em história com mestrado em Educação, também é Chefe Escoteira do grupo Uirapuru, condecorada com a estrela Lins de Ouro.

¹²⁸ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

o porquê de sua escolha pela escola, estava curioso para saber o que a levou a estar ali tão *distante*¹²⁹ da cidade em que morava.

Passei no concurso e um ano depois alguém da secretaria me ligou: olha nós temos algumas opções, tem várias escolas em Simão Dias. Me deram a opção de escolher, pois eu tinha passado no concurso: olhe tem várias escolas na cidade ou então você vai para o Triunfo, essa escola é muito boa, o pessoal fala muito bem dela. Então, entre várias escolas eu escolhi a do Triunfo, eu não sabia se tinha transporte, não sabia onde ficava, se era longe, e mesmo assim eu disse, vou! É por isso que eu digo que o destino decidiu me levar para aquele lugar.¹³⁰

O destino compõe a teia da existência de cada um, há aqueles que lhe colocam rédeas e tentam domá-lo, dizem serem senhores de seu próprio destino. Mas também há aqueles que dão ao destino o sentido de seu próprio fluxo.

Quando eu cheguei na DRE II, minha diretora estava lá: olha sua diretora está aí, é bom que você já vai conhecer ela! Me falou a moça da secretaria. Eu fui muito bem recebida quando cheguei, isso já me animou para ficar na escola. Eu comecei a conversar com as pessoas e fui vendo como o lugar era diferente, só que eu não compreendia muito isso.¹³¹

A proximidade de um Ser com outros Seres provoca sensações que não podem ser explicadas, apenas sentidas, experimentadas; são nesses contatos que os instintos afloram e o desejo de querer “mais” se manifesta. Tive essa mesma experiência quando fui apresentado à professora *Mizalva*¹³², uma mulher expressiva e espontânea que nos contagia rapidamente com sua alegria, ela veio ao meu encontro como alguém que a muito me conhece, me abraçou e com um sorriso largo disse-me que eu era muito bem-vindo naquela escola, pegou em minha mão e levou-me até a secretaria da escola para apresentar-me ao corpo diretivo, em seguida levou-me até a sala dos professores para também conhece-los. *Gente o professor Laudelino é pesquisador e veio de Aracaju para*

¹²⁹ A professora Aldenise reside na cidade de Aracaju e a três anos desloca-se mais de 200km, até o povoado Triunfo, município de Simão Dias, para poder dar aulas.

¹³⁰ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV.** [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹³¹ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV.** [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹³² Diretora e Prof.^a Mizalva Martins de Andrade, formada em pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, Assumiu a direção do Colégio Estadual Senador Lourival Batista em 2009.

conhecer a nossa escola. Pronto! A partir dali não senti nenhum tipo de medo ou receio, a acolhida foi sentida, foi perfeita.

4.7 As dificuldades que desafiam um Ser Professor a se tornar melhor

Nós tivemos que atrasar um pouco o ano letivo por causa da reforma e depois que começou era assim: três salas na escola e duas numa garagem que ficava a trezentos metros da escola, e eu dava aula assim: o primeiro horário na escola, o segundo na garagem, no terceiro eu voltava para a escola e era assim. [...] A gente passou um ano muito ruim, muito difícil eu digo que a gente resistiu por conta dos meninos, do lugar.¹³³

Nem mesmo as dificuldades encontradas durante o percurso são suficientes para impedir um Ser Professor de continuar doando o seu amor e de fazer o seu melhor, de ultrapassar os problemas e dificuldades. “Todos estes elementos são níveis, planos a nos perpassar, rachando, segmentando, estriando todo o espaço.” (FELDENS, 2014, p. 107).

Aquele lugar é diferenciado, a gente fazia cotinha para comprar bolachão, a garagem ficava perto da padaria, então pegávamos o bolachão bem quentinho. Depois de algumas semanas um professor de matemática trocou de horário comigo, para que a gente não precisasse ficar para lá e para cá todos os dias, com isso eu fui percebendo a camaradagem, a amizade, isso aumentava o meu carinho pelo lugar, pelas pessoas. [...] chegaram muitos professores novos e nós fomos fazendo amizades, foi um ano de muitos problemas estruturais, mas nós fizemos de tudo: nós fizemos formatura, atividades esportivas de desafios entre professores e alunos, comemoramos o dia das crianças, promovemos encontro cultural.¹³⁴

Digo parafraseando Feldens (2014), para nos tornarmos Seres Professores inúmeros aspectos trabalham, vão sedimentando e rachando microrregiões, sofrendo agenciamentos, que resultam em uma subjetividade individual e/ou coletiva, que produz um Ser Professor e todos os outros seres em nós. Assim nos compomos. Feldens ao tratar da subjetividade feminina empresta

¹³³ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV.** [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹³⁴ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV.** [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

aqui o sentido daquilo que compõe o ser mulher, para que eu possa referir-me ao Ser Professor, aproprio-me de seu conceito por entender que o Ser Professor não possui gênero, ele é independente do gênero, e de qualquer outro rótulo, ele é um ser diferente, que promove a diferença.

Um Ser Professor não se acomoda, nunca se dá por satisfeito, não se contenta com o lugar comum, ele quer desbravar novos horizontes, experimentar novas possibilidades de ensinar e aprender. De sentir o gosto do mundo, da vida. Ele transcende o seu espaço, transforma-o em mundo outro e com isso permite que os outros seres também sintam o cheiro e o sabor de suas criações e descobertas. Permite experimentar.

Você não deve ter atividades só na sala de aula, você deve fazer várias coisas! Você pode dar uma aula no leito do rio que passa atrás da escola! O professor de física foi dar uma aula sobre foguetes e levou os alunos lá para o campo de futebol, os meninos fazem os foguetes e ele os leva para lançar. [...] Fizemos um evento cultural e na minha turma nós trabalhamos “*Vidas secas*”¹³⁵! Os meninos levaram carro de boi de carneiro, levaram carcaças de animais, a sala de aula tinha se transformado no local narrado em *Vidas secas*! Eu levei meus conhecimentos em museologia para ajudar um aluno a montar um painel com fotos e outro painel só com palavras retiradas do texto. Colocamos como se estivessem presos para remeter a “*Memórias do Cárcere*”¹³⁶, também havia um painel retratando uma família de retirantes. Modificamos a sala de aula, tinha até uma parede de “sapé”, e o chão estava todo forrado com “esteira de palha”, e as amarrações eram feitas com “pindobas”, e dentro dessa sala uma casa caracterizada de uma casa de Vidas Secas, os alunos fantasiados de retirantes. Quem entrava na sala ouvia “*Carcará*”¹³⁷ como fundo musical.¹³⁸

¹³⁵ **Vidas Secas** é o quarto romance do escritor brasileiro Graciliano Ramos, escrito entre 1937 e 1938, publicado originalmente em 1938 pela editora José Olympio.

¹³⁶ **Memórias do Cárcere** é um livro de memórias de Graciliano Ramos, publicado postumamente (1953) em dois volumes. O autor não chegou a concluir a obra, faltando o capítulo final.

¹³⁷ **Carcará** é uma canção da cantora brasileira Maria Bethânia. Lançado originalmente em 1965, foi o registro do seu primeiro sucesso, “Carcará” é uma música de protesto escrita por João do Vale e José Cândido e que fazia parte do show “Opinião”.

¹³⁸ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.



Figura 5: Mural contendo apenas palavras retiradas da obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos.

Fonte: acervo da professora Aldenise.

Essas ações representam o experimentar daquilo que se é e que se quer, é a expressão da liberdade nômade, que desterritorializa o seu espaço e descobre que a mudança é possível, que é possível mover outros seres e movimentar lugares, promover a metamorfose do lugar comum, torna-lo mágico, produtivo, belo. É o mesmo que utilizar a arte para embelezar a vida. É fugir da arvorecência para tornar-se rizoma e poder conectar-se a outros espaços mundos.



Figura 6: Aluno caracterizado de Graciliano Ramos.

Fonte: acervo da professora Aldenise.

Cada sala fazia sua parte, cada uma tratava da sua obra, isso foi muito bacana. Falo mais da minha turma por que é com ela que eu estava envolvida, mais profundamente, mas todas as outras também tinham suas atividades. Eu dou o meu melhor [...] eu entro na sala de aula para dar o meu melhor. Quando eu estou lá não estou mais em lugar nenhum, é lá que eu estou. Eu me emociono! Essa turma era do terceiro ano e hoje muitos estão na universidade. Não são um ou dois! Não! São vários, e isso me emociona muito. ¹³⁹

Agora o Ser Professor percebe que o seu rizomar fez brotar novos rizomas, e que eles começam a descobrir novos solos, a sair do verde para formar um novo verdejar. Estão prontos.

¹³⁹ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Tenho alunos que vão para o encontro da *UNE*.¹⁴⁰ Eu disse a eles: Poxa! Eu fui para esse encontro e agora são vocês quem vão. Uma aluna me disse assim: poxa professora, falando assim até parece que a senhora é tão velha, e a senhora é tão jovem! Então respondi: Eu sei, mas é que já fazem dez anos, e agora eu vejo vocês [...] uma aluna minha do terceiro ano que hoje faz faculdade na UFS, foi apresentar um trabalho e os meus alunos do ano passado foram assistir e ficaram muito impressionados. Poxa! A Lilian apresentou um lindo trabalho! - Disse um deles. Eles ficaram encantados.¹⁴¹

Esses acontecimentos propiciam interações, contagiam, encantam e motivam novos movimentos. A partir dos movimentos do outro é possível pensar seu próprio movimento, projetar-se para além de onde se está, é ver-se chegando a onde se quer chegar. É sentir o sonho como possível.

Os meninos em sua maioria são filhos de agricultores, então eles têm um contato com a terra muito forte e por mais que eu tenha conhecimento sobre as coisas da natureza, sobre as questões ambientais, não é a mesma coisa para eles.¹⁴²

Reconhecer as próprias limitações é abrir um leque de possibilidades para a criação do novo, da novidade. É perceber que é possível encontrar no outro aquilo que nos falta, a partir do outro é possível construir pontes que levam a novas descobertas.

Outro dia eu dei uma aula com pedaços de cerâmica e fiz como se fossem achados arqueológicos, e fiz um exercício com eles. Isso foi com a turma do primeiro ano. Fiz eles pensarem em como seria isso? Como seria aquilo inteiro? Fiz eles pensarem em como os homens fizeram aquele vaso, como o utilizavam.¹⁴³

As forças que atuam nas relações vão tecendo a trama.

Eu ensino para eles o quanto a revolução industrial devastou a natureza e em quanto tempo a Inglaterra exauriu suas florestas, ensino que os portugueses quase extinguiram o Pau-Brasil e a Mata Atlântica. Eu acho que pensando cada momento da história,

¹⁴⁰ A UNE – União Nacional dos Estudantes é a principal entidade estudantil brasileira. Representa os estudantes do ensino superior e tem sede em São Paulo, possuindo subsedes no Rio de Janeiro e Goiás.

¹⁴¹ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁴² Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁴³ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

ajuda a compreender o que está acontecendo. Eu digo a eles que a história só faz sentido quando a gente começa a questionar.¹⁴⁴

Questionar! Pensar assim é para Corazza (2002) experimentar tudo o que é estranho e problemático no pensamento educacional, tudo o que, até agora, foi banido pela moral, ressentimento, má consciência, niilismo cristão, fé no ideal padronizado e controlável. Pensar assim é sair da forma, é pensar fora da caixa, abandonar dualismos, dicotomias. Trata-se de um pensamento que não pergunta se os conceitos que cria, o plano que traça, os personagens que inventa são feios ou bonitos, falsos ou verdadeiros. “Mas se tudo que está sendo criado tem vida, tem existência, da algo a pensar, aumenta e exagera o pensamento a partir de sua face atual. “ (CORAZZA, 2002, p. 35).

Tinha um professor que estava desenvolvendo um trabalho sobre a dengue e nós resolvemos fazer um jornal, uns alunos tinham que entrevistar as pessoas da comunidade sobre as questões do lixo, outros entrevistaram os agentes de saúde, foram ao rio para mostrar que estavam jogando lixo no rio, trouxeram estatísticas, e aí já foi envolvendo matemática. Eu gosto de trazer outros professores. Eu não sou professora de matemática, biologia, eu peço ajuda, então se eu não souber, vou lá e digo: me ajude aqui com esse gráfico, etc. As ciências são todas juntas, essa separação atrapalha. Não há território para essa separação. Eu penso que poderia dar aulas muito melhores se eu pudesse dialogar livremente com os alunos e com os outros professores, com os colegas; se eu pudesse dar uma aula conjunta de história, geografia e ciências, poxa! Se eu pudesse dar uma aula com o Edemar, sobre a contagem dos séculos em algarismos romanos, envolvendo a história da civilização romana, sobre esse legado que nos chega até hoje. Seria muito mais interessante para os meninos se fosse assim.¹⁴⁵

A medida que nossa conversa fluía, ia percebendo na voz deste Ser Professor, um misto de satisfação e saudosismo, alegria e realização. Ela sabia que suas sementes estavam se espalhando, e mais que isso ela sabia que mesmo caindo em solo inóspito, ainda assim conseguiriam germinar e provocar novas rachaduras nos espaços em que estivessem. Sabia que as raízes dos brotos iriam desbravar o terreno, formar um novo rizoma.

¹⁴⁴ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁴⁵ Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV**. [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

4.8 Outro Ser Professor um novo encontro, novas descobertas



Figura 7: Professor Daniel e alunos do 9º ano, em espaço escolar destinado a aulas práticas.

Fonte: acervo do professor Daniel.

“Desde que eu era pequeno sempre tive a curiosidade de saber como as coisas funcionavam. Eu sempre fui voltado a querer saber um pouco mais além do que me era passado.”¹⁴⁶

Em um sábado pela manhã eu estava assistindo o “Globo Ciências” para entender como a flor fazia aquilo, como ela desabrochava. Eu fazia isso sem nenhuma intenção profissional. Com o tempo isso foi aumentando, foi crescendo, e eu fui percebendo que dentro das disciplinas da escola, a que eu mais gostava era ciências.¹⁴⁷

Foi assim que começamos nosso diálogo, fazendo emergir lembranças que marcaram a sua infância. Não se consegue isso com perguntas prontas.

¹⁴⁶ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁴⁷ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Apenas estávamos caminhando em direção a sala de aula, quando comentei que certas coisas começam na infância. Fiz este comentário depois de ver um aluno corrigindo o outro que havia deixado o prato da merenda sobre a cadeira.

Algo tão despretenso foi o suficiente para fazer o diálogo fluir. O Ser Professor deixou o pensamento visitar a memória e ao retornar dessa viagem trouxe na bagagem detalhes de sua trajetória de vida que até então estavam guardadas. Ele resgatou lembranças que o fizeram suspirar e falar. “A fala é um meio e um meio fluído, percorível, “andável”. (FELDENS, 2008, p. 33).

Um dia eu estava assistindo “Jurássic Parque”, quando eu comecei a ver esse filme, eu disse pronto! Eu quero estudar animais. Eu quero cuidar de animais. Eu quero estudar animais, quero estudar plantas. [...] eu era apaixonado por ciências sabe? Mas quando chegou a hora do vestibular surgiu aquela dúvida; por que eram tantos cursos! Eu fiz vestibular seriado, fui bem no primeiro, fui bem no segundo, me saí bem no terceiro, e aí chegou a hora da escolha e eu não queria ser professor, eu sempre tive um problema de timidez elevado, por mais que eu tivesse uma ideia bem formada na cabeça não conseguia me expressar. Na hora de escolher o curso ficava aquela dúvida, por que eu era muito tímido, não queria ser professor por que não sabia como eu ia encarar uma turma.¹⁴⁸

Quantos obstáculos são necessários superar para se tornar um Ser Professor. Não basta descobrir o que se gosta e o que se quer, é preciso se desconstruir, é preciso superar obstáculos, transpor barreiras, ir mais além.

Escolhi biologia! Lá vou eu para a faculdade. E vieram os seminários, e era um sofrimento só. Um sofrimento solitário! Por que não tinha jeito, eu nunca tinha discutido isso com ninguém. Cheguei até a tomar remédio para conseguir fazer as apresentações. Funcionou! Mas eu não gostei da sensação, não era eu que estava ali, era como se eu não fosse eu mesmo. Eu disse não! Tem que ter um jeito! Fui à luta, enfrentei o problema. Mas nunca pensei em desistir.¹⁴⁹

O Ser Professor aprendeu a transformar suas dores, agora ele usa o antídoto em seus alunos.

¹⁴⁸ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁴⁹ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Os meninos não querem jogar o “ping pong” por timidez, eu digo jogue! Se você não gostar não precisa jogar novamente. Tente, experimente, insista! Foi o que eu utilizei para mim, então eu tento passar para eles as minhas experiências.¹⁵⁰

Experimentar para saber, para sentir, para descobrir como é, para poder aceitar ou recusar, não há imposições, exigências do tipo: você deve fazer isso, você tem que ser assim, eu quero que você faça isso assim. O Ser Professor não exerce o poder de intimidar e dominar sobre seus alunos, ele os deixa soltos, livres para serem quem são, ele apenas os acompanha e estimula, os impulsiona, lhes desperta a curiosidade, se faz presente quando lhes sentem inseguros.

Um amigo meu, me perguntou se eu gostaria de fazer um estágio na prefeitura. Eu disse claro! Quando eu menos espero sai o edital com o meu nome para ir para a sala de aula, peguei os documentos e lá vou eu dar aulas sem ter a menor ideia do que ia acontecer. Achei que como era estágio alguém iria me orientar; que nada, errado! Cheguei na prefeitura de Aracaju e foi assim: tome aqui, você vai ficar com essa turma, e essa turma, dessa escola. Me jogaram logo no bairro Industrial, no Colégio Alcebíades, em frente ao campo do Confiança. Quando chego na frente da escola eu vejo um templo. O que isso? Um aluno que foi assassinado. Eu disse eita! Não tem nada a ver com a minha realidade. Mas eu precisava passar por aquilo, precisava ter aquela experiência. [...] eu aprendi muito [...] a sala de aula era minha, exclusiva; eu era professor sem ser. Eu estava no quarto período do meu curso.¹⁵¹

Alguns acontecimentos são inexplicáveis. Como persistir? Por que persistir? Por que mergulhar naquilo que não compõe sua realidade? Um Ser Professor é surpreendente.

Aprendi na tentativa e erro! Só que eu sempre colocava uma coisa na minha cabeça, e acho que isso ajudou. Minha aula... quando eu estou tentando dar aula, eu me imagino sentado na cadeira e ouvindo aquilo, pensando se aquilo dá para entender, se eu gostaria de ouvir aquilo daquela forma, e aí eu procuro fazer uma aula que traga todo mundo para aquela situação.¹⁵²

O Ser Professor se coloca como aluno para tentar entender se aquilo que pretende passar vai fazer sentido para o aluno. Se coloca no lugar do aluno

¹⁵⁰ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁵¹ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁵² Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

para saber se o que ele ensina é absorvido pelo aluno. “O professor já foi aluno, ele sabe da realidade do aluno, das dificuldades, das ansiedades, dos medos.” O método desse Ser Professor é o “se colocar no lugar do aluno”, esse é o seu método, ele foge da rigidez da grade, dos agenciamentos.

Se eu percebo que a aula não está caminhando para o pretendido eu dou uma reviravolta. O importante é que o aluno saia daqui dizendo: gostei daquela aula! Mesmo que ele saia daqui sem saber o que é um carboidrato, dextrorribose, etc., mas quando ele entrar aqui, ele diga: eu vou prestar atenção ao que o professor está dizendo! Eu tentei criar essa situação e deu certo. Nunca tive problema nenhum! Com nenhum aluno, em sala nenhuma, em nenhuma escola. Eu tive até aluno traficante! Eu utilizo até a música para ajudar o aluno a aprender, a memorizar aquilo que eu sei que ele não vai se lembrar. Tem coisas que nem eu me lembro! Mas com a música eles conseguem.¹⁵³

O Ser Professor busca dar sentido a suas práticas, faz delas a sua própria razão de ser, de existir. Quando a gente fala de inovar no ensino, na educação, a gente está falando de o professor criar o seu próprio método, de usar as suas próprias capacidades para encontrar uma maneira de ensinar, de possibilitar ao aluno uma melhor forma de aprender. O método não deve vir pronto e acabado, ele não deve ser visto e utilizado como uma fórmula perfeita. Não há uma única maneira de se ensinar e de aprender. O universo da educação é composto de subjetividades.

Além da obrigação a gente precisa sentir prazer, se não perdi o sentido, a gente tem que encontrar sentido nas coisas que faz. Então eu tento trazer para eles coisas do cotidiano, coisas palpáveis. Tem muita coisa dentro do conteúdo que é complexa, mas que precisa ser ensinada por que faz parte do conteúdo e vai ser necessário no ano seguinte, na outra série. Então eu tento trazer uma música, tento trazer um teatro, tento uns slides diferentes, procuro deixar a aula mais cômica [...] para trazer alguma satisfação para aquilo que é chato por natureza, nem todo mundo tem a tendência de gostar da ciência, da matemática, etc. A gente pode trabalhar sobre condensação com uma garrafa de Coca-Cola gelada. Por que eu vou ficar só no quadro? Eu estava dando aula numa turma do oitavo ano, dando aula sobre o sistema cardíaco respiratório, e era uma chatice, e eu ali tentando animar os meninos. Quando foi na outra aula eu trouxe uma ideia, a ideia de trabalhar frequência cardíaca! Comecei a fazer “pé de chinelo” e botei os alunos para fazer. Os outros professores

¹⁵³ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

passavam e não entendiam aquilo. O que é isso? Ele não é professor de educação física! Acharam estranho. Continuamos a fazer pé de chinelo até os meninos ficarem cansados. Agora vamos tirar a pressão! E então, por que isso acontece? Perguntei. Aí eu fui explicar sobre a demanda de oxigênio... não tem como o aluno esquecer aquilo. Por mais que ele não consiga expressar com palavras, mas ele vai ter uma ideia sobre frequência cardíaca.¹⁵⁴

Fiquei fascinado com a sua alegria e satisfação em narrar esses acontecimentos, não pronunciei uma só palavra, apenas deixei o fluxo seguir, deixei que ele continuasse a reviver sua história, a falar, “As falas estão em estado bruto. Elas se intercomunicam com quem as escutam, com os conceitos... Quanto mais conexões o pesquisador puder estabelecer mais as falas falam... Elas têm potência.” (FELDENS, 2008, p. 33).

No sexto ano a gente vê solo, vê erosão, vê agricultura, vê... enfim. Eu digo não é possível! A gente tem um terreno. Eu tenho que fazer alguma coisa para a gente não ficar só aqui. Tendo tudo isso na prática. Então comecei a imaginar: caramba! O professor de matemática vai poder calcular, medir semanalmente o crescimento de uma planta e da outra, e vai poder fazer um dado estatístico para ver quem está crescendo mais, quem está crescendo menos. Tudo isso na minha cabeça! [...] construímos uma horta. Chegava o dia das aulas, os meninos perguntavam: professor vamos para a horta né? Desde o aluno que gostava de estudar até aquele que não gostava muito, pois eles queriam estar ali, para eles era uma maneira diferente de aprender. Os alunos trouxeram tudo: garrafas pets, plantas, sementes, ferramentas, tudo. O aluno que não era interessado passou a se interessar [...]. Tive aluno que na sala de aula não olhava para mim, mas passou a tarde comigo, ao meu lado, comigo capinando o mato. Esse aluno não trocava nem um oi comigo, e a gente virou amigo ali. Isso não tem preço, não tem valor que pague! Eu não me vejo sem ser professor, eu não me vejo fazendo outra coisa!¹⁵⁵

A maioria dos alunos são filhos de pais agricultores, vivem de uma cultura de sub existência, tem baixa estima, pois se sentem inferiorizados, diminuídos com relação aos outros colegas e até mesmo ao professor, sentem-se assim por precisar trabalhar na terra para viver. Essa mudança de lugar, essa troca da sala de aula pelo chão da terra, trouxe aquilo que está nos livros e era colocado no quadro para a vida real, para aquilo que fazia parte de sua realidade.

¹⁵⁴ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

¹⁵⁵ Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV**. [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Ele entendeu que era o mundo dele que estava sendo estudado ali, entendeu que a sua realidade também tinha valor. Que ele também era importante. O Ser Professor transforma realidades, quebra paradigmas, desconstrói preconceitos, caminha ao lado do seu aluno até que ele possa caminhar sozinho.



Figura 8: alunos do 6º ano, em espaço escolar destinado a aulas práticas.

Fonte: acervo do professor Daniel.

5 FAZENDO UM CORTE NO PERCURSO PARA NÃO CONCLUIR

Concluir! Não gosto de concluir! Concluir é deixar acabado, pronto, terminado. Representa o fim. Concluir é o represar do rio, é torna-lo lago, lagoa, é deixa-lo estático no tempo, é o mesmo que congelar um entendimento, um acontecimento. Não ocorre o eterno retorno das experimentações e dos conceitos criados ao longo do caminho. A conclusão não pode representar um corte na imanência, o corte propicia uma desaceleração no fluxo do acontecimento, não o interrompe, não o impede de ser fluxo.

Fluxo, rio, imanência. O rio em seu fluxo contínuo propicia um melhor entender de como funciona a ideia de imanência, pois ela, a imanência assim como um rio nunca cessa de seguir seu fluxo; arrastando, passando e perpassando tudo que o compõe, se colocarmos uma rede no rio para tentar conter os peixes, o rio continuará a seguir seu fluxo e os peixes terão apenas desacelerado o seu ritmo, mas não deixarão de compor o rio, a rede representa aqui um corte na imanência, ou seja, não é preciso tornar o rio estático para entender os agentes que o compõe. Só se pode entender a imanência no instante de seu acontecimento, não se pode torna-la estática, se o fizermos a imanência deixa de existir, deixa de ser imanência, o máximo que se faz é um corte.

O que este apaixonado pesquisador propõe aqui é um corte como entendimento dos acontecimentos ocorridos no micromundo do Colégio Estadual Senador Lourival Batista, um entendimento de um fluxo no qual os agentes que o compõem estão em constante interação, e no qual os Seres Professores agem desacelerando o fluxo, mas nunca o interrompendo, os alunos não perdem sua singularidade ao serem ensinados. Não há um pastor e um rebanho, apenas um entrelaçar das raízes que os compõem.

Para entender suas práticas ambientais foram feitos cortes nos seus movimentos de ensinar e aprender, eles não deixaram de ser o que são e de fazerem o que faziam enquanto eu os observava, escutava e sentia. Eu pesquisava o acontecimento, e em alguns momentos eu mesmo me vi compondo o fluxo desses Seres Professores.

Pesquisar o acontecimento na diferença como possibilidade requer movimentos dos corpos e estados das coisas. Das misturas às linhas puras. Das rachaduras ao brotar rizomático. Do percorrer os sulcos abertos como linhas de fuga. Pensar assim como um pesquisar possível promove um choque com o que já existe, com o que já é feito. Experimentando os conceitos e as imagens do pensamento que animaram essa pesquisa do acontecimento. Pesquisar assim foi o mesmo que entrar no fluxo e aprender com ele sem deixá-lo estático, sem precisar prendê-lo.

Pude mover-me na escola e vê-la como um espaço de socialização e disseminação de saberes e práticas. Enquanto caminhava pude perceber que ela busca fôlego para acompanhar as atuais mudanças pelas quais passam a sociedade, evitando tomar a realidade de forma fragmentada e buscando levar em conta as mudanças ocorridas nos diversos cenários sociais. Os novos contextos em que a escola se encontra inserida exige entendimento do mundo em sua inteireza, mas ainda, ações que sejam locais, respeitando e atendendo as diversidades no campo do microcosmo, pois são essas ações que poderão possibilitar uma; “macro ação”.

No espaço do macrocosmo tanto o superior quanto o inferior estão ligados por uma só e mesma vida, vida que é infinita e inesgotável. O todo é Uno e todas as coisas que existem e coexistem no universo estão dotadas de alma e de vida, de sentido. Se relacionam e se complementam sem deixarem de ser o que são, sem perderem sua identidade, suas características. O universo é eterno no tempo, infinito no espaço e tudo está em constante evolução. Tudo se movimenta e se transforma. Tudo acontece na vida como um eterno devir. A vida em natureza é um desconhecimento contínuo, sem fim, permitindo ao homem estar em constante devir consigo mesmo e com o ambiente, o devir permite a construção, a desconstrução e a reconstrução desse viver, tornando a vida uma infinita e constante transformação que só pode ser plenamente vivida, se o pensamento for livre. A vida consiste então em transformar sem cessar tudo o que somos e também tudo o que nos toca.

A nossa maneira de ver e viver a vida dependem do lugar em que nos encontramos no mundo e de como o pensamos, o sentimos, de como interagimos com ele. O pensamento é fruto de nossas vivências e convivências, dores e alegrias, lugares e oportunidades. Por isso escolhemos esse tema como objeto de nossa investigação, por acreditarmos que os saberes e práticas desenvolvidas nesta escola podem propiciar um campo fértil para à reflexão e produção de entendimentos sobre as questões que envolvem a educação e o ambiente, de forma ética, e, portanto, autônoma. Supra moral. Livre.

No caminho da educação também não seria diferente, olhar para o passado, para a história da educação e buscar desaprender radicalmente todos os erros que já foram cometidos, todos os enganos que não permitiram que a educação lograsse êxito no desenvolvimento do seu papel. Larga-los a beira da estrada e torna-los algo essencial para promover uma reflexão concebida a partir das caminhadas e das observações já feitas e que embrionariamente guardam os germes das consequências desastrosas para esta densidade subjetiva que destrói nosso planeta. A educação pode ajudar a sociedade a compreender o significado e a importância da questão ambiental, mesmo tendo em mente que esse é um processo lento, que requer a participação ética de todos, e que encontra desafios e interesses de toda ordem. A “ecosofia” é uma proposta que pode ajudar a sociedade a reassumir as rédeas sobre si mesma. Isto implica em pensar uma nova prática que pressuponha uma corajosa ética ambiental, e que estejam vinculadas a formação e aprendizagem de valores e saberes fundamentais para a escola e para a sociedade na contemporaneidade.

Seguindo essas linhas de pensamento e tentando relacioná-las com outras reflexões, talvez seja possível pensar uma caminhada rumo a construção de experiências que promovam o fortalecimento da educação com o ambiente, no que para Nietzsche seria uma transvaloração, ou seja, a criação de novas possibilidades de vida. Percorrendo os movimentos das conexões entre educação e ambiente, entendendo seu potencial de criação de sentido: sentido de ensinar, de participar, de cooperar, de valorizar o ambiente, de valorizar o homem como ser que compõe uma rede, uma teia, um rizoma. Situa-lo como parte integrante de um contexto mais amplo, como peça de um grande mosaico, de um grande

quebra-cabeças, que em seu processo de montar e desmontar, permita compreender o mundo em sua totalidade. Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo, pode ser conectado a uma micropolítica do campo social. Um rizoma nas palavras de Deleuze e Guattari, não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, e ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais.

O papel da escola sobre às questões que envolvem o ambiental devem ir muito além do esclarecimento aos sujeitos que compõem o espaço escolar, ela deve extrapolar os seus muros e se estender a toda comunidade, promovendo outras maneiras, uma nova forma de ver, sentir e agir sobre a natureza, uma forma mais artística, não dualista. Para isso será necessário abandonar as antigas e falidas formas de ensinar, será preciso fugir dos modelos que historicamente serviram para alimentar a fome capitalista, a escola não deve mais reproduzir os modelos sociais pré-estabelecidos, tão moralizados e moralizantes. O lugar da educação e da questão ambiental é no todo, pois é nesse todo que vivemos, e criamos, e recriamos. A escola deve ser um espaço onde os diversos agentes se movem e se mobilizam na busca de promover o desenvolvimento humano, portanto acreditamos que ela pode e deve disseminar uma educação ética que leve o homem a ver e viver a natureza de forma equilibrada e harmoniosa, desvinculada de um ditame de certo e errado. Supra moral.

ENTREVISTAS

Dona Lourinha (Prof.^a Maria Raimunda de Santana). **Entrevista I.** [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Professor Roberto (Raimundo Roberto de Carvalho). **Entrevista II.** [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Professora Luciene (Luciene Macedo Deda de Carvalho). **Entrevista III.** [23 abr. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Professora Aldenise (Aldenise Cordeiro Santos). **Entrevista IV.** [03 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

Professor Daniel (Daniel M. de A. Freitas). **Entrevista IV.** [17 jul. 2015]. Entrevistador: Laudelino Luiz Castro Tanajura. Simão Dias/SE, 2015.

ANEXO 1

INTRODUÇÃO

O projeto político pedagógico vem sendo construído e propondo novos caminhos, para uma escola diferente. Todas as questões que envolvem o fazer pedagógico e as suas relações com o currículo, conhecimento e com a função social da escola, obriga a um pensar e uma reflexão contínua de todos que os envolvidos neste processo.

Que Colégio Estadual Sen. Lourival Baptista queremos construir?

Que conhecimentos serão necessários aos nossos alunos, para de fato exercer a sua cidadania, nesta sociedade tão cheia de conflitos.

Conflitos estes que estão presentes no espaço escolar, nas relações pessoais, no confronto das ideias, e também do surgimento de novas concepções, das dúvidas e da necessidade do diálogo entre os sujeitos (professores, pais, alunos...).

Tais situações serão apresentadas no decorrer deste documento, nas linhas e nas entrelinhas de cada parágrafo, resgatando a o aspecto histórico de como cada momento foi sendo produzido e construído. Pois este documento é o resultado de um esforço conjunto dos profissionais da educação desta unidade escolar com o objetivo de respaldar as ações administrativas e pedagógicas no âmbito desta escola.

Há a consciência, por parte dos que o produziram, de que representa apenas um germe de projeto político pedagógico e se encontra aberto a todo e qualquer tipo de sugestão e encaminhamentos. Sabemos que nenhum projeto político pedagógico pode ser dado como pronto e acabado sob pena de se cristalizar e deixar de acompanhar os movimentos da história. Portanto, nossa reflexão continua baseada principalmente na prática pedagógica cotidiana e na discussão dos referenciais teóricos que nos encaminhem para uma “práxis” responsável e compromissada com uma escola pública de qualidade.

Constitui-se em um documento produzido como resultado do diálogo entre os diversos segmentos da comunidade escolar a fim de organizar e planejar o trabalho administrativo-pedagógico, buscando soluções para os problemas diagnosticados.

O PPP, além de ser uma obrigação legal, deve traduzir a visão, a missão, os objetivos, as metas e as ações que determinam o caminho do sucesso e da autonomia a ser trilhado pela instituição escolar.

Fazer o PPP implica em planejamento de todas as atividades no âmbito escolar, execução das ações previstas, avaliação do processo e retomada. Isto somente é possível se instituída a prática do registro e da reflexão sobre ele.

Na atual LDB, considerando suas contradições, o Projeto Pedagógico (PP) está assegurado no título IV, nos seguintes artigos:

Art. 12: Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino terão a incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica; (...).

VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e rendimentos dos alunos, bem como sobre as execuções de sua proposta pedagógica.

Art. 13: Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – elaborar e cumprir o plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino.

Art. 14: os sistemas de ensino definirão as normas e a gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades e conforme o seguinte princípio:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola.

Visto que ao procurar retratar a realidade da escola como um todo, este nunca está pronto e acabado, assumindo um caráter contínuo e inclusivo. Assim, ao representar a constante transformação do cotidiano da escola esse projeto precisa procurar relacionar a teoria à prática, compreendendo a prática a partir da teoria e realizando a prática com base na teoria. Por isso, alinhamos as nossas metas ao planejamento da Secretaria de Estado da Educação (SEED) entendendo que a prática é importante, mas não basta, é preciso sua relação com uma base teórica bem

fundamentada, se realmente queremos contribuir para mudanças significativas no trabalho escolar.

Este Projeto Político Pedagógico está dividido em 17 capítulos. O primeiro capítulo caracteriza-se pela identificação da escola, no qual serão abordados nome e localização, que trará um histórico da origem do nome da escola, motivos de sua criação, aspectos legais de sua criação, ou seja, as leis que conduzem a escola, as modalidades de ensino que oferecem e a quantidade de matrículas do ano que segue. No capítulo dois, três e quatro uma abordagem dos valores, missão e visão que a escola possui. No quinto capítulo a concepção de sociedade, de homem e de educação, ou seja, a ideia que a escola possui sobre o cidadão que a pretende formar para a sociedade através da educação. Neste capítulo ainda será abordado a relação existente entre professor, aluno, escola e comunidade. No sexto capítulo será abordada a questão da gestão escolar, o que vem a ser essa Gestão? Como essa gestão acontece na nossa escola? O sétimo capítulo aborda os recursos humanos da escola, equipe gestora, equipe pedagógica e equipe de apoio, bem como dar-se todo o funcionamento da escola. No oitavo capítulo será abordada a estrutura da escola, os espaços e materiais disponíveis para o trabalho educacional. No nono capítulo abordam-se os recursos financeiros que dão suporte à escola, como esses recursos são utilizados. Partindo para o décimo e décimo primeiro capítulos, será abordada a caracterização da clientela atendida, verificando a origem desses alunos, qual as condições socioeconômicas das famílias, bem como, o perfil do egresso, tentando mostrar qual o perfil de alunado que queremos devolver à sociedade. No décimo segundo capítulo será feita em tabelas e números uma análise crítica dos resultados das escolas, número de matrículas, índice de aprovação, reprovação e abandono, distorção idade série, avaliações externas como Prova Brasil, IDEB e ENEM. No décimo terceiro capítulo serão abordados temas como, a estrutura pedagógica da escola, os planejamentos, as metodologias, portfólios, currículos, princípios axiológicos, princípios pedagógicos e avaliação. No décimo quarto capítulo serão abordados os programas e suas respectivas áreas de atuação, na educação inclusiva, diversidade e cidadania na escola, inovação, criatividade e tecnologia na escola, biblioteca, sala de leitura e cantinho de leitura. Nos últimos capítulos serão abordados os aspectos finais do projeto político pedagógico expondo os referenciais bibliográficos utilizados no processo de elaboração e os anexos necessários.

1. IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

O COLÉGIO ESTADUAL SENADOR LOURIVAL BAPTISTA é uma instituição pública estadual de ensino, localizado na zona rural do município de Simão Dias, em Sergipe, no Povoado Triunfo, onde estudam 386 alunos distribuídos em dez turmas da educação básica. Para contato com a comunidade a escola possui o serviço telefônico: (79) 3613-9036 e eletrônico: eeslb.seed@seed.se.gov.br. No Censo Escolar possui o registro 28009487 CNPJ: 01923706/1001- 98. A entidade é mantida pelo Governador de Sergipe e administrada pela Secretaria de Estado da Educação.

Tem como patrono o ex-senador **Lourival Baptista**, filho de Francisco Costa Baptista e de Angelina Gomes Baptista nasceu na localidade Sítio do Meio, município de Entre Rios, Bahia, próximo da fronteira sergipana, em 03 de outubro de 1915.

Iniciou seus estudos em Alagoinhas. No ano de 1943, já formado em medicina pela Universidade Federal da Bahia, Lourival chegou a Sergipe, constituindo família e adotando-o como seu lar. Estabeleceu-se em São Cristóvão, onde exerceu sua profissão de médico atendendo aos operários e suas famílias carentes da antiga capital sergipana. Pela sua vocação política, foi deputado estadual (1947-1951), prefeito de São Cristóvão (1951-1954), deputado federal (1959-1967), governador de Sergipe (1967-1971) e senador (1971-1995).

Conspícuo administrador do erário público manteve-se com inflexível coerência, fiel a seu propósito de promover o desenvolvimento do Estado, nomeando um secretariado de alta qualificação técnica, que viabilizou a realização de marcantes obras para Sergipe, como a construção do Estádio Lourival Baptista, o Edifício Estado de Sergipe, além de importantes serviços nos setores educacional e rodoviário.

No seu Governo, que foi caracterizado pela ênfase no trabalho e no progresso, sendo a ele atribuído o título de "O Realizador", implantou o primeiro Distrito Industrial de Sergipe e iniciou a reforma agrária, com desapropriações rigorosamente pagas pelo Poder Público, ou utilizando terras do Estado. Em sua homenagem, o estádio de Aracaju foi batizado com seu nome.

Lourival Baptista representou o Brasil em várias partes do mundo, recebeu grande número de títulos e condecorações, honrarias, participou das comissões e das mesas no Congresso Nacional, foi Secretário de Estado da Educação e Cultura, em Sergipe(1982), esforçou-se, também, junto as autoridades federais, para a criação e instalação da Universidade Federal de Sergipe colocando à disposição da Universidade sem qualquer prejuízo de direitos e vantagens, professores e funcionários estaduais, integrantes das Escolas Superiores do Estado.

Sendo assim esse ilustre homem deixa um exemplo de determinação, coragem e luta para todas as gerações.

Foi construído em 1987, o prédio deste estabelecimento de ensino pela Prefeitura Municipal de Simão Dias, O objetivo era implantar o 1º grau no povoado triunfo, (já que as duas escolas existentes apenas oferecia o fundamental menor) Recebeu então o nome de Escola de Primeiro Grau Senador Lourival Baptista pelo Decreto Municipal nº 99302/88 tendo o seu funcionamento autorizado pela Resolução 096/96 do CEE/SE. No ano seguinte, diante da inexistência de professores habilitados em nível superior da Rede Municipal de Ensino, o prefeito vigente doou o prédio da referida escola ao Estado de Sergipe sob a condição de que esse nível de ensino fosse implantado naquele mesmo ano para atender aos anseios da comunidade local e adjacente. De início a escola contava com cinco turmas e menos de cem alunos.

Enfrentando escassez de material didático e outros recursos a escola recorreu à criatividade para inovar em termos pedagógicos e administrativos. Dessa maneira desenvolveu projetos ligados à comunidade, optou por uma gestão democrática, esboçando um projeto Político Pedagógico construído coletivamente e implantou anos depois a interdisciplinaridade. Tais ações levaram a escola a participar de encontros, seminários e outros eventos patrocinados pela Universidade Federal de Sergipe, na condição de relatora de experiências inovadoras. Nossa honra: visita de Ministro da Educação de Cuba, visita de secretários de estados de educação. Em 1993 a Escola Estadual Senador Lourival Baptista integrou em Brasília a delegação de Sergipe na Conferência Nacional de Educação para todos.

A escola teve sua autorização prorrogada pela Resolução 321/03 sendo autorizado pela Resolução nº 055/09 de 12/03/2009.

Os anos que se seguiram após a fundação a escola tinha sempre um quantitativo de matrícula que oscilava entre trezentos (300) a trezentos e quarenta (340) alunos, quando em 2006/2007 a matrícula decaiu aproximadamente para noventa alunos, fato ocorrido em razão da implantação do ensino de 5ª a 8ª em uma escola municipal próximo ao Lourival. Frente a essa realidade de ameaça ao funcionamento da escola, é implantado em 2008 o ensino médio progressivo para, além de melhorar a matrícula, atender a solicitação da comunidade escolar e local que precisando deslocar até a cidade desejava o ensino médio na localidade. A referida modalidade foi autorizada pela Resolução nº056/09 que denomina o CE Lourival Batista.

Destacamos os diretores que atuaram no Colégio, desde a criação até o ano de 2014.

1ª Prof.ª Luciene Macedo Deda e Carvalho _ De 1987 a 1996

2ª Prof.ª Sônia Maria Menezes de Carvalho _ De 1996 à 2001

3ª Prof.ª Valdeluce Castro dos Santos de Jesus _ De 2001 a 2002

4ª Prof. Raimundo Roberto de Carvalho _ De 2002 a 2007

5ª Prof.ª Maria Ernestina Nunes da Silva De 2007 a 2009

Ressaltamos que após a saída da diretora geral D. Luciene Macedo Déda, assume a diretora administrativa Terezinha Pimentel, não especificado na galeria dos diretores oficiais.

Exerce atualmente a função de diretora desta Unidade de Ensino a professora Mizalva Martins de Andrade desde 28 de agosto de 2009 que ocupa o 6º lugar na galeria de diretores, que juntamente com o grupo gestor tem a honra e a responsabilidade de levar avante o nome de Escola de 1º Grau Senador Lourival Baptista, sucesso e competência na Educação, nestes 25 anos de existência do Colégio Estadual “Senador Lourival Batista”.

Todos os diretores que por este então colégio passaram, foram escolhidos a partir de nomeação dos governadores.

Níveis de modalidade de ensino

ETAPAS	ENSINO FUNDAMENTAL									ENSINO MÉDIO			MODALIDADE	
													EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
ANOS	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	1º	2º	3º	EJAEF	EJAEM
TOTAL DE TURMAS	/	/	/	/	/	2	2	1	1	2	1	1	/	/

O Colégio oferece os seguintes níveis de Ensino:

- Ensino Fundamental – no turno matutino e vespertino
- Ensino Médio Regular – no turno vespertino

Matrícula Inicial 2014

ANO	TURNO	TOTAL DE ALUNOS
2014	MATUTINO	163 ALUNOS
	VESPERTINO	223 ALUNOS
	NOTURNO	-
	TOTAL DE ALUNOS	386 ALUNOS

III- VALORES

Criatividade: aprimorar a criatividade e emoções individuais.

Organização: aprimorar a organização das estratégias pedagógicas.

Igualdade: tratar com igualdade os alunos e colaboradores, respeitando as dificuldades e especificidades de cada um.

Solidariedade: valoriza o espírito coletivo e o trabalho cooperativo entre a equipe.

IV – VISÃO

Ser uma escola de referencia no município pela qualidade de ensino ministrado, pelo respeito e valorização dos nossos alunos.

V- MISSÃO

Oferecer um ensino de qualidade, garantindo a participação ativa da comunidade escolar, contribuindo para a formação integral dos alunos.

VI. CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE, DE HOMEM E DE EDUCAÇÃO

A escola contemporânea tem passado por expressivas transformações de caráter social, político e econômico. Essas transformações surgem dos pressupostos que sustentam os modos de vida. Sabemos que os modos de vida também são vivenciados pela escola. São variantes de diversas matizes, que se multiplicam a cada dia e esses acontecimentos não podem ser desprezados. As ações educativas vinculadas às práticas sociais compõem o rol de compromissos da educação formal. Por isso, o cotidiano escolar exerce um papel expressivo na formação cognitiva, afetiva, social, política e cultural dos alunos que passam parte de suas vidas nesse ambiente pedagógico e educativo.

Sendo assim, a Escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das relações sociais. É nesse ambiente que a criança e o jovem interagem com grupos de sua idade, criam vínculos e laços de convivência, além de desenvolverem habilidades e competências para continuar seu processo de aprendizagem.

Partindo do que diz Morin (2001: 40) ao se referir sobre a complexidade do ser humano: "ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural", apresentamos nossa concepção de homem e, em consequência, as aspirações pretendidas em relação ao cidadão que queremos formar. Entendendo o sujeito tanto biológico como social, temos por objetivo desenvolver no aluno a consciência e o sentimento de pertencer ao mundo, de modo que possa compreender a interdependência entre os fenômenos e seja capaz de interagir de maneira crítica, criativa e consciente com seu meio natural e social.

Alguns desafios são fundamentais no que se refere à formação do sujeito, desenvolver competências para contextualizar e integrar, para situar qualquer informação em seu contexto, para colocar e tratar os problemas, ou seja, o grande

desafio de formar sujeitos que possam enfrentar realidades cada vez mais complexas. Assim, acreditamos na possibilidade de formar um cidadão mais indignado com as manifestações e acontecimentos da vida cotidiana, um cidadão que saiba mediar conflitos e propor soluções criativas e adequadas a favor da coletividade, que tenha liberdade de pensamento e atitudes autônomas para buscar informações nos diferentes contextos, organizá-las e transformá-las em conhecimentos aplicáveis.

Para o educador Paulo Freire, o homem só começa a ser um sujeito social, quando estabelece contato com outros homens, com o mundo e com o contexto de realidade que os determina geográfica, histórica e culturalmente, é nessa perspectiva que a escola se torna um dos espaços privilegiados para a formação do homem.

O caráter eminentemente pedagógico da Educação no contexto escolar fundamenta-se numa perspectiva de considerar que a criança está inserida em determinado contexto social e, portanto, deve ser respeitada em sua história de vida, classe social, cultura e etnia. Nesse sentido, a escola é vista como espaço para a construção coletiva de novos conhecimentos sobre o mundo, na qual a sua proposta pedagógica permite a permanente articulação dos conteúdos escolares com as vivências e as indagações da criança e do jovem sobre a realidade em que vivem.

Podemos considerar os processos interativos, a cooperação, o trabalho em grupo, a arte, a imaginação, a brincadeira, a mediação do professor e a construção do conhecimento em rede como eixos do trabalho pedagógico voltado para o desenvolvimento da criança e do jovem visando à constituição do sujeito solidário, criativo, autônomo, crítico e com estruturas afetivo-cognitivas necessárias para operar sua realidade social e pessoal.

O processo de desenvolvimento, na perspectiva histórico-cultural, é compreendido como o processo por meio do qual o sujeito internaliza os modos culturalmente construídos de pensar e agir no mundo. Este processo se dá nas relações com o outro, indo do social para o individual.

O caminho do objeto do conhecimento até a criança e desta até o objeto passa através de uma outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1991:37).

Além dos aspectos abordados, importante lembrar que nos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano, os ambientes pedagógicos são espaços que possibilitam ampliar suas experiências e se desenvolver nas diferentes dimensões humanas: afetiva, motora, cognitiva, social, imaginativa, lúdica, estética, criativa, expressiva e linguística.

As abordagens dos conteúdos não se limitam a fatos e conceitos, mas também os procedimentos, atitudes, valores e normas que são entendidos como conteúdos imprescindíveis no mesmo nível que os fatos e conceitos. Isto [...] pressupõe aceitar até as suas últimas consequências o princípio de que tudo o que pode ser aprendido pelas crianças pode e deve ser ensinado pelos professores. (COLL, 2000:15)

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das consequências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos. No entanto este paradigma deve ser quebrado, é preciso não limitar o estudo em relação ao comportamento do professor com resultados do aluno; devendo introduzir os processos construtivos como mediadores para superar as limitações do paradigma processo-produto.

Segundo GADOTTI (1999: 2), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação.

Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. Apesar de tal, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto realização.

De modo concreto, não podemos pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir com intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura. ABREU & MASETTO (1990: 115), afirma que “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”.

Segundo FREIRE (1996: 96), “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Ainda segundo o autor, “o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”.

Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão,

a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por outro, SIQUEIRA (2005: 01), afirma que os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. Assim, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste, para que ele não fique para recuperação), apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões”.

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

Atualmente a relação entre escola e comunidade (pais, alunos e etc.) vem ganhando estreita notoriedade de participação na condução do processo administrativo e gestor, de tal forma que tem colocado todos os envolvidos nesse imenso ciclo como responsáveis pela boa condução da administração escolar.

O envolvimento da comunidade nas relações e ações escolares deve ser propiciado a partir da elaboração de um Projeto Político Pedagógico desenvolvendo atividades diversas onde possam inserir todas as camadas da comunidade propiciando que a integração dessas camadas seja de forma inclusa e participativa. Esse PPP deve ser elaborado a partir da ação conjuntiva de toda comunidade escolar envolvida no processo administrativo e pedagógico da escola, até mesmo, contando com a participação dos pais dos alunos (LÜCK, 2006; p.67).

A ação de inclusão e inserção da comunidade como um todo, permitirá a criação dentro do âmbito escolar de órgãos colegiados que possibilitem essa estreita relação de contato permitindo o desenvolvimento das ações pertinentes a cada envolvido no imenso processo administrativo escolar. Muitos exemplos de instituições no Brasil que desenvolvem esse tipo de gestão apresentam melhores índices de aprendizagem, pois o envolvimento dos pais no processo pedagógico permitirá aos docentes conhecer as principais falhas e dificuldades do alunado no desenvolvimento cognitivo e social; a

diminuição nas depredações do patrimônio físico escolar; uma maior conscientização quanto ao cuidado e o zelo pela escola e melhores índices de aprendizado.

VII. GESTÃO ESCOLAR

A **Gestão Escolar**, anteriormente nomeada **Administração Escolar**, embora muitas de suas funções que hoje lhe são atribuídas já existissem, é um termo recente. A mudança de denominação não foi apenas na escrita, mas também de concepções teóricas a respeito dessa atividade, e, além disso, reflete as transformações oriundas de um determinado contexto histórico.

No Brasil, um marco normativo foi a Constituição Federal de 1988 que institucionalizou a “**Gestão Democrática do Ensino Público**”, sendo dessa forma assegurada como o princípio da educação pública. A partir dessa lei a organização escolar ganha um novo perfil, agora não mais embasada nas conjecturas da administração, mas, sim, nos princípios da Gestão, por possuir um caráter mais democrático.

Outro marco foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394, de 1996, que vem unir forças com a Constituição de 1988, e com o mesmo objetivo, surge para assegurar o princípio da Gestão Democrática do Ensino Público. Essa é a primeira das leis de educação a dispensar atenção particular à gestão escolar, esta se situa no âmbito da escola e diz respeito a tarefas que estão sob sua esfera de abrangência.

A partir de então, a escola passa a ter uma nova função social, pois esta se relaciona aos diferentes momentos da história que varia ao longo do tempo; e assume distinta configuração na política educacional. Consequentemente, suas incumbências modificaram-se, como detalha Vieira (2005):

- A elaboração e a execução de uma proposta pedagógica são as primeiras e as principais das atribuições da escola. A proposta pedagógica é, com efeito, o norte da escola, definindo caminhos e rumos que uma determinada comunidade busca para si e para aqueles que se agregam em seu torno.
- A escola tem como tarefa específica a gestão de seu pessoal, de seus recursos materiais e financeiros.

- Acima de qualquer outra dimensão é incumbência da escola zelar pelo ensino e a aprendizagem, que é a sua razão de ser.
- Uma importante dimensão da gestão escolar é a articulação com a comunidade (Art. 12 da LDB).

É importante salientar um importante aspecto da gestão escolar que é a autonomia das escolas para prever formas de organização que permitam atender as peculiaridades regionais e locais, às diferentes clientela e necessidades do processo de aprendizagem (LDB, Art. 23). Segundo Vieira (2005), nesse mesmo sentido, outras medidas são previstas em lei com o objetivo de promover uma cultura de sucesso escolar para todas as crianças.

Desde 2012 as ações da escola vêm buscando projetos de incentivo a participação da comunidade. A escola passou por uma reforma, a qual foi estruturada para atender bem a clientela e a comunidade local, a equipe gestora conseguiu implantar o programa do Governo Federal “Escola Aberta”, que proporciona a comunidade cursos diversificados. A equipe gestora possui uma agenda mensal de trabalho, no qual as atividades realizadas ou/e planejadas são colocadas de acordo com cada semana do mês. O painel de controle é atualizado e organizado a cada ano, deixando claro para a comunidade todos os propósitos da escola, número de aluno e funcionários, quadro de professores efetivos, programas e projetos, calendário letivos, calendário de eventos, bem como, informações sobre rendimento escolar.

VIII. RECURSOS HUMANOS

EQUIPE GESTORA

ANO	FUNÇÃO	NOME	DEDICAÇÃO	FORMAÇÃO
2014	DIRETOR	Mizalva Martins de Andrade	200H	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Pedagogia)
	COORDENADOR	Sanja Naiane dos Santos Menezes	200H	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Educação Física)
	SECRETÁRIO	Wanderley Santana Leal	200H	Ensino Superior Incompleto (Licenciatura em

				Matemática)
--	--	--	--	-------------

PROFESSORES

NOME	FORMAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA PROFISSÃO	CURSOS FEITOS NOS TRÊS ÚLTIMOS ANOS
Ádma Rosana C. S. Menezes	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Letras/Português)	09 anos e 02 meses	Pós-graduação em metodologia do ensino da língua portuguesa.
Aldenise Cordeiro Santos	Ensino Superior Completo (Licenciatura em História)	6 anos e 04 meses	Pós-graduação em Ensino de História Novas Abordagens. Mestrado em Educação.
Ana Tereza Dias Rabelo	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Letras/Português) (Licenciatura em Pedagogia)	15 anos e 05 meses	Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional. Pós-graduação em planejamento educacional
Anita Maria da C. A. Andrade	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Letras/Espanhol)	02 anos e 08 meses	-
Anderson Viana Fontes	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Letras/Inglês)	07 anos e 10 meses	-
Daniel M. de A. Freitas	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Ciências Biológicas)	07 anos e 10 meses	-

Douglas Santana Santos	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Física)	02 anos	-
Edmar M. dos Santos	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Matemática)	15 anos	
Gildo Souza Santana	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Letras)	28 anos	Pós-graduação em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura.
José Alexandre B. dos Santos	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Matemática)	15 anos	-
Ricardo Silva Araújo	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Geografia)	10 anos e 02 meses	-
Rodrigo Mateus e Silva Rodriguez	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Educação Física)	02 anos e 02 meses	Curso de Fisiologia Curso de Handebol Congressos e Cursos em Educação Física
Solon José dos S. Dantas	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Educação Física)	21 anos e 02 meses	-
Viviane Góis Araújo	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Química)	05 anos e 06 meses	Pós-graduação em Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior

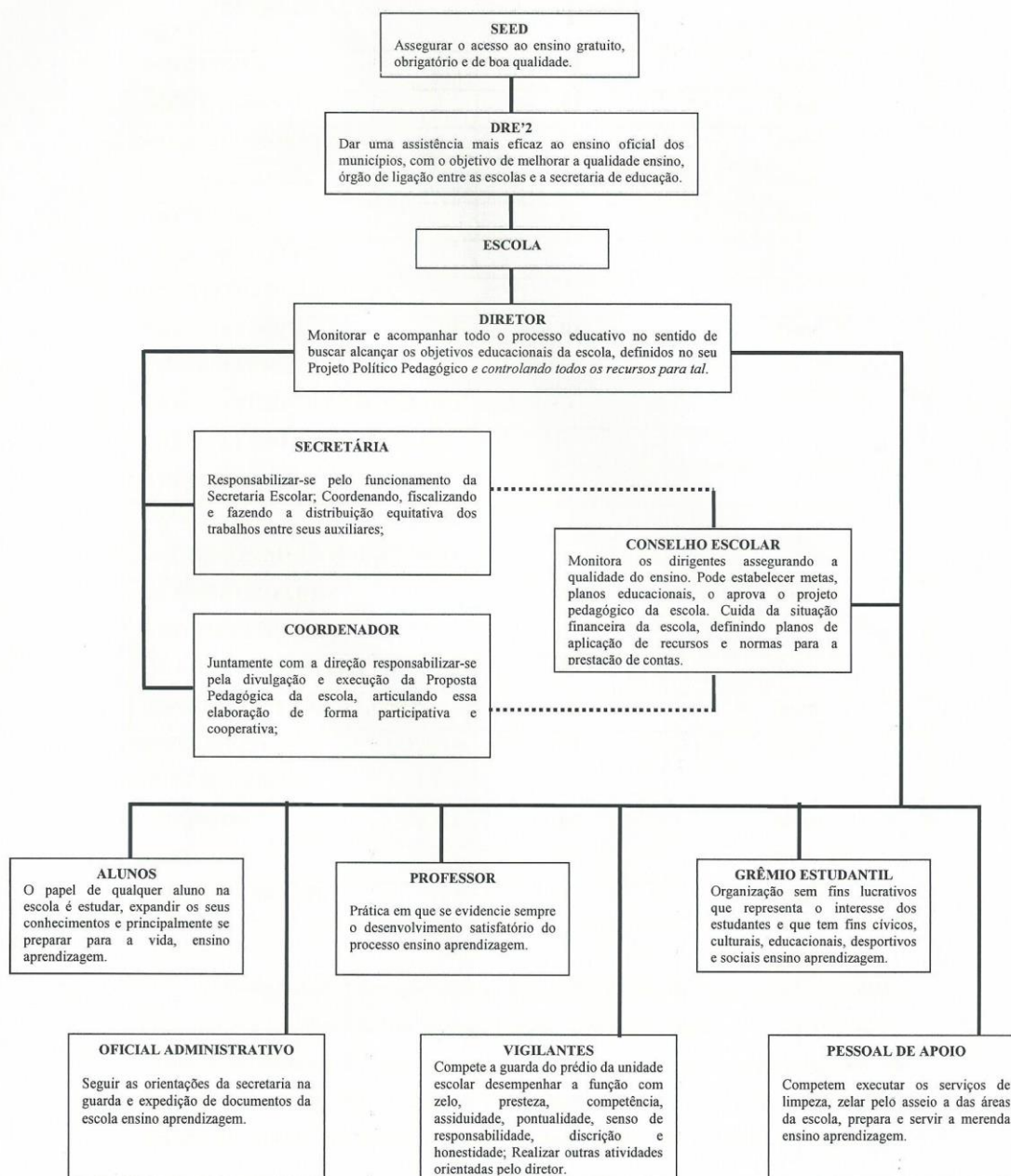
PESSOAL ADMINISTRATIVO E DE APOIO

NOME	FUNÇÃO	FORMAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA PROFISSÃO	CURSOS FEITOS NOS TRÊS ÚLTIMOS ANOS
Angélica de Jesus	Ex. de serviços básicos	Ensino Fundamental Completo	26 anos	-
Arivanda Souza Santana	Ex. de serviços básicos	Ensino Fundamental Completo	26 anos	-
Fábio Silva dos Reis	Vigilante	Ensino Médio Completo	04 anos	-
João de Santana Aquino	Vigilante	Ensino Fundamental Completo	26 anos	-
José Gilson Silva	Vigilante	Ensino Fundamental Completo	29 anos	-
Josefados Santos Silva	Ex. de serviços básicos	Ensino Superior Incompleto	02 anos	-
Maria Aparecida dos S. Santana	Ex. de serviços básicos	Ensino Fundamental Completo	26 anos	Capacitação em manipulação de alimentos Curso de merendeira
Marlene Ribeiro de Souza	Ex. de serviços básicos	Ensino Fundamental Completo	26 anos	-
Ozânias Batista de Abreu	Vigilante	Ensino Fundamental Completo	05 anos	-
Paulo Roberto Abreu Santana	Ex. de serviços básicos	Ensino Fundamental Completo	26 anos	-

CONSELHO ESCOLAR

NOME	FUNÇÃO	TEMPO DE PERMANÊNCIA
Douglas Santana Santos	Representante do segmento de professores e pedagogos da comunidade escolar.	03 anos
Moisés Soares Pinto	Representante do segmento de alunos da comunidade escolar.	03 anos
Hélio Chaves de abreu	Representante do segmento de pais ou responsáveis legais da comunidade escolar.	03 anos
Paulo Roberto Abreu Santana	Representante do segmento de demais servidores da comunidade escolar.	03 anos

FLUXOGRAMA DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA



IX – ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA

DEPENDÊNCIAS	QUANTIDADE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO
DIRETORIA	01	Bom
SECRETARIA	01	Bom
SALA DE PROFESSORES	01	Bom
SALAS DE AULA	05	Bom
BIBLIOTECA	01	Bom
SALA DE LEITURA	-	-
CANTINHO DE LEITURA	-	-
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA	01	Bom
LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS	-	-
LABORATÓRIO DE LÍNGUAS	-	-
AUDITÓRIOS	-	-
SALA DE RECURSOS/MULTIFUNCIONAL	-	-
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA	07	Bom
QUADRA ESPORTIVA	01	Bom
BANHEIROS PARA ALUNOS	3	Bom
BANHEIROS PARA FUNCIONÁRIOS	01	Bom
COZINHA	01	Bom
PÁTIO	02	Bom
OUTROS ESPAÇOS	01	Ruim

O Colégio Sen. Lourival Baptista, foi recém reformado e suas instalações estão todas novas e em ótimo estado de conservação, temos uma escola com acessibilidade. Temos uma diretoria e uma secretaria, bem como uma sala apropriada para os professores, cinco salas de aulas que infelizmente não tem suportado muito bem o número de alunos que temos, ou seja, algumas turmas estão lotadas. Temos uma

biblioteca espaçosa e com grande acervo de livros, revistas e paradidáticos. Possuímos um laboratório de informática com vários computadores e impressoras, que está disponível aos alunos e a comunidade para realização de pesquisas. Uma quadra poliesportiva coberta, onde é possível realizar, jogos, campeonatos e todo tipo de eventos da escola e da comunidade a qual atende. Possuímos banheiros para uso exclusivo dos alunos, um feminino, um masculino e um para portadores de necessidades especiais e 1 banheiro para os funcionários, localizado na secretaria, uma cozinha equipada com geladeira fogão, freezers, 2 pátios um coberto dentro das instalações da escola e um localizado na frente da escola. Além de uma área atrás da escola, que ainda se encontra sem muitas mudanças, mas que nos projetos dos professores poderá transformar-se em uma linda horta. Os meninos utilizam fardamento completo e o transporte escolar é acessível, mediante parceria entre estado e município.

X – RECURSOS FINANCEIROS

O Colégio recebe recursos do governo federal para melhorar a qualidade do seu ensino e facilitar o processo de aprendizagem. É relevante lembrar, que esses recursos auxiliam bastante as unidades escolares, porém, estão longe de suprirem as suas reais necessidades.

Os recursos financeiros são repassados através dos seguintes programas:

- PDE - Plano de Desenvolvimento da Escola
- PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola
- PROFIN - Programa de Transferência de Recursos Financeiros Diretamente às Escolas
- MAIS EDUCAÇÃO
- ESCOLA ABERTA

A aplicação dos recursos financeiros da escola é organizada pelo Conselho Escolar levando em conta a disponibilidade dos recursos, as suas formas de aplicação e as prioridades da escola. A prestação de contas é feita à medida que o recurso vai sendo utilizado, havendo reunião mensal e ou/extraordinária do Conselho para tomada de decisões.

XI – CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA ATENDIDA –

A Clientela do Colégio Estadual Sen. Lourival Baptista é em sua grande maioria dos povoados vizinhos, que utilizam o transporte escolar para chegarem até a escola. São alunos de baixa renda familiar, filhos de agricultores. Grande parte sobrevive do trabalho da lavoura e outra pequena parte de pais com salário fixo. O número de filhos varia de 4 a 6. Os pais na maioria das vezes possuem baixo nível de escolaridade, muitos analfabetos e outros que não passaram do ensino fundamental. As famílias são parceiras da escola, auxiliam-nos no processo educativo, pois apesar de não terem tido oportunidade de estudar querem oferecer uma vida diferente para seus filhos.

XII – PERFIL DO EGRESSO

O Colégio Sen. Lourival Baptista atende a alunos da zona rural e tenta de maneira consciente formar um indivíduo crítico que compreenda a sua função na sociedade, esta Instituição de Ensino procura garantir o acesso e permanência dos alunos na escola, consolidando os conhecimentos adquiridos no dia-a-dia visando o desenvolvimento da cidadania, da formação ética, da autonomia intelectual, do pensamento crítico e da preparação básica para o trabalho.

XIII – ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS DAS ESCOLAS

MATRÍCULAS

ANO	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO MEDIO	EJAEF	EJAEM	TOTAL
2010	157	143	-	-	300
2011	165	113	-	-	278
2012	189	118	-	-	307
2013	213	126	-	-	339
2014	206	190	-	-	396
2015	201	179			380
TOTAL	930	690	-	-	1620

A escola recebeu uma estrutura física dinâmica e produtiva, está com uma equipe diretiva completa e um quadro pedagógico comprometido e capacitado para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. Esses fatores influenciaram para o aumento de matrícula.

APROVAÇÃO, REPROVAÇÃO E ABANDONO.

ANO	APROVAÇÃO	REPROVAÇÃO	ABANDONO
2010	53,16	27,47	19,37
2011	63,44	16,85	19,71
2012	87,5	6,50	6,0
2013	77,87	13,56	7,37
2014	71,51	18,89	8,28

DISTORÇÃO IDADE SÉRIE

ETAPAS	2010	2011	2012	2013	2014
ENSINO FUNDAMENTAL	61	97	95	116	
ENSINO MÉDIO	56	66	68	73	

O índice de reprovação no ano de 2010 foi muito alto devido a condição a qual se encontrava a escola. Várias disciplinas sem professores, pois o quadro era formado quase exclusivamente de professores contratados, a estrutura física da escola encontrava-se completamente defasada. Outra causa do grande número de reprovação é a distorção, os alunos são matriculados com idade avançada em séries iniciais, isso acontece devido a situação sociocultural a qual a escola encontra-se inserida. A clientela assistida entra na maioria das vezes muito tarde na escola. Disciplinas como geografia, português e matemática são as mais críticas, e projetos são pensados e elaborados no decorrer dos anos para suprir as necessidades dos alunos.

XIV - AVALIAÇÕES EXTERNAS

PROVA BRASIL (as médias por disciplina) –						
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	2005	2007	2009	2011	2013	
1.LÍNGUA PORTUGUESA	-	-	237,53	218,3	238	
2.MATEMÁTICA	-	-	234,92	239,9	242	

IDEB

PERÍODO	2005	2007	2009	2011	2013	META
						2015
ANOS FINAIS	-	-	2,8	3,1	3,4	3,7

ENEM

ANO	PARTICIPAÇÃO NA PROVA %	MÉDIA	METAS	
			2014	2015
2009	-	-	-	-

2010	44%	459,33	460,01	463,01
2011	60%	447,34	450,01	453,01
2012	54%	457,01	460,01	463,01
2013	80%	457,06	460,06	463,06

O Ideb 2013 nos anos finais do Colégio Estadual Sen. Lourival Baptista cresceu, mas não atingiu a meta e não alcançou 6,0. Tem o desafio de garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo escolar adequado.

Na escala de proficiência a escola encontra-se em nível básico, com aprendizado dos alunos precisando de reforço e trabalho pedagógico mais aprimorado. De 2009 a 2013, os índices foram respectivamente: (8% avançado, 4% proficiente, 84% básico, 4% insuficiente), (0% avançado, 10% proficiente, 57% básico, 33% insuficiente), (0% avançado, 14% proficiente, 64% básico, 22% insuficiente).

A equipe gestora promove projetos de incentivo a aprendizagem. O projeto de leitura e escrita faz parte da rotina escolar em todos os anos da escola, sofrendo alterações a cada ano, buscando melhorias para o processo de ensino- aprendizagem.

XV – ESTRUTURA PEDAGÓGICA

Planejamento - O planejamento na escola é elaborado com a participação de todo corpo administrativo e docente, os professores se reúnem juntamente com a equipe diretiva para analisar os resultados obtidos nas avaliações externas, sendo assim elabora-se um planejamento em cima das maiores défices do alunado, buscando o aumento não apenas dos índices, mas do rendimento e aprendizagem do aluno. O planejamento segue orientação da coordenação pedagógica que monitora e auxilia a elaboração dos mesmos, acontece no mínimo 1 reunião de professores por unidade para rever as estratégias de trabalho e manter o que já está dando certo. Os professores conhecem o perfil do egresso desde o início do ano quando adentram a escola para os primeiros dias de planejamento. Durante o ano letivo os professores entregam a equipe pedagógica os seus planejamentos anuais elaborados a partir do referencial curricular da Secretaria de Educação do estado de Sergipe o qual a equipe diretiva busca acompanhar a cada unidade se os mesmos são coerentes a aulas dadas.

A escola trabalha com planejamento anual e a cada unidade finalizada elaboram-se discussões juntamente com os professores para análise deste planejamento. O que está dando certo é aprimorado e o que não deu certo é reformulado buscando um bem único que o aprendizado e o avanço dos nossos discentes. O diagnóstico de aprendizagem é feito a partir da tradicional avaliação, mas existe uma análise gradativa no decorrer do processo, onde os alunos são avaliados e analisados a partir de seminários, feiras literárias e de ciências, participação, construção e elaboração de trabalhos. Reunindo a equipe pedagógica é possível pensar e repensar ações práticas de aprendizagem. Buscamos acima de tudo valorizar o conhecimento que o aluno já possui, fazendo com que os alunos a partir de habilidades que já possuem repassem aos demais e assim consigam construir um conhecimento significativo.

Metodologia - Alinhada ao cenário contemporâneo, a proposta metodológica do Colégio Estadual Sen. Lourival Baptista pressupõe a formação do aluno como pesquisador permanente, capaz de construir seu repertório de saberes e de gerenciar sua aprendizagem continuada.

Essa proposta objetiva a aprendizagem significativa do aluno e está ancorada nas seguintes premissas: Problematização, investigação, pesquisa, experimentação e diálogo reflexivo: base para a construção de conhecimento, aprendizagem colaborativa efetivada por meio do equilíbrio entre atividades individual e grupal e compromisso docente com a formação integral do aluno.

Os **Eixos de aprimoramento pedagógico** são elementos de referência para o desenvolvimento institucional no que tange à metodologia proposta. Estão baseados na construção colaborativa, por meio de equipes multidisciplinares, e visa à implementação de seus pressupostos, de maneira coerente e constante, para efetivar a aprendizagem significativa.

Trabalha ainda com a instrumentalização do estudante em práticas de leitura, escrita e oralidade, de modo que ele não só saiba ler, escrever, comunicar-se oralmente, mas, também, adquira condições de fazer uso competente e de forma crítica dessas linguagens nos mais diversos contextos da sociedade em que vive, num processo permanente e contínuo. Essa concepção exige que o professor assuma o papel de mediador na leitura, na escrita e na oralidade.

A concepção de conhecimento como construção social reconhece que o processo educativo é favorecido pela participação dos estudantes em ambientes que propiciam a colaboração. A troca ativa de ideias entre os alunos, em pequenos grupos, promove o interesse, o pensamento crítico e elimina aspectos negativos da competitividade. Possibilita ao educando alcançar níveis qualitativos mais elevados, em conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Portfólios – a coordenadora possui portfólio elaborado com todas as atividades realizadas o qual é arquivado a cada ano letivo no referida escola. Os professores não elaboram portfólio por decisão unânime entre os mesmos.

Currículo - A concepção de infância, adolescência e aprendizagem demandam uma proposta educativa que permita a compreensão da realidade e o desenvolvimento do ser humano nos seus níveis intelectual, afetivo, emocional espiritual, seu compromisso com a ética e a responsabilidade social e planetária, numa visão de educação integradora e formadora de caráter. O currículo do Colégio estadual Sen. Lourival Baptista, visto como plano de ação dessa tarefa educativa, propõe-se à formação do pensamento global e sistêmico do aluno, possibilitando sua autonomia, inserção social e a resolução de problemas complexos pertinentes à realidade. Privilegia a formação humana, orienta-se para a inclusão de todos ao acesso dos bens culturais, ao conhecimento e está a serviço da diversidade, da democracia, da valorização da vida, do respeito ao meio ambiente e da promoção da paz. Tal propósito demanda que a elaboração curricular do Colégio estadual Sen. Lourival Baptista leve em conta os pressupostos a seguir: O aluno é o protagonista do trabalho educativo. Conteúdos são meios para construção de competências, habilidades e formação de valores e transcendem aos limites tradicionais das disciplinas escolares de forma interdisciplinar.

Os diferentes aspectos da realidade social em que o currículo é aplicado são considerados de maneira a fundamentar a escolha dos conteúdos e dos componentes curriculares. Tornam-se pertinentes para o aluno, relevantes para a comunidade educativa e para a sociedade de maneira mais ampla. O caráter flexível e dinâmico do currículo permite que a tarefa educativa ultrapasse o âmbito da sala de aula. Favorece a integração entre a investigação, a vivência de novas experiências de inserção sociocultural, o conhecimento historicamente produzido e a intervenção social. Inclui um conjunto de experiências formativas que reconhecem o aluno em seus múltiplos aspectos e respeitam seus saberes sua diversidade cultural e linguística.

Princípios Axiológicos

Fortalecimento dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca;

É papel da escola favorecer a solidariedade, mas não a solidariedade de ocasião, que nasce de uma catástrofe, mas do laço recíproco e cotidiano e de amor entre as pessoas.

A solidariedade que cabe à escola ensinar é a solidariedade que não nasce apenas das perdas materiais, mas que chega como adesão às causas maiores da vida, principalmente às referentes à existência humana.

Enfim, é na solidariedade que a escola pode desenvolver, no aluno-cidadão, o sentido da sua adesão às causas do ser e apego à vida de todos os seres vivos, aos interesses da coletividade e às responsabilidades de uma sociedade a todo instante transformada e desafiada pela modernidade.

Um dos mais importantes princípios de quem ensina e trabalha com crianças, jovens e adultos é o da **tolerância**, sem o qual todo magistério perde o sentido de ministério, de adesão aos processos de formação do educando.

A tolerância começa na aceitação, sem reserva, das diferenças humanas, expressas na cor, no cheiro, no falar e no jeito de ser de cada educando. Só a tolerância é capaz de fazer o educador admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferente dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos.

O fortalecimento da tolerância recíproca só é possível quando, na escola, há respeito à liberdade e o apreço à tolerância, que são inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. O educando, no processo de formação escolar, tem necessidade de amar e compreender. Da mesma forma, o professor, no exercício de seu magistério, tem necessidade de ser amado e ser compreendido.

Assim, a necessidade de amar do aluno e o desejo de ser amado do professor nunca andam separados, são a base de uma relação fraterna e recíproca entre professor e aluno.

Uma criança quanto mais sente que é amada, mais disciplinada estará para receber a ministração das aulas. Onde não há reciprocidade, isto é, o amor do aluno para com o

professor e do professor para com seu aluno, não assimilação ativa, não há a razão de ser da educação escolar: o desenvolvimento do educando como pessoa humana.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 9.394, promulgada em 1996, trouxe as bases do que venho denominando, nos meios acadêmicos, de Agapedia, a Pedagogia do Amor.

É a LDB que nos oferece os dois mais importantes princípios da Pedagogia do Amor: o respeito à liberdade e o apreço à tolerância, que são inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Ambos têm por fim último o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania ativa e sua qualificação para as novas ocupações no mundo do trabalho. Na educação infantil, a Pedagogia do Amor torna possível o cumprimento do desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, na medida em que o processo didático complementa a ação da família e da comunidade.

No ensino fundamental, a Pedagogia do Amor se dá em dois momentos: no primeiro, no desenvolvimento da capacidade de aprendizagem do educando, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores e, no segundo momento, no fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

No ensino médio, a Pedagogia do Amor se manifesta na medida que nós, professores e futuros professores, aprimoramos o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Formação de valores

A importância da educação de valores para formação moral do indivíduo. O tema precisa ser discutido no sentido de que se fomentem debates a esse respeito e se encontre caminhos pelos quais se consiga atrair as crianças e os adolescentes, em fim, o alunado, e ver resgatados seus valores em alguns casos, e em outros ensinando novos valores.

Diante da sociedade atual, faz-se necessário uma metodologia de ensino que haja de maneira preventiva, na educação de valores éticos e morais, na formação consciente do indivíduo que reflete ética e moralmente diante de situações conflitantes, que exijam dele uma gama de princípios e valores que norteiem suas decisões.

É sabido que todo indivíduo, todo aluno, recebe inicialmente uma educação informal, e muitas vezes, esta é completada e continuada pela escola que assume o papel da educação formal, com conceitos e saberes técnicos, científicos, históricos, matemáticos. Perceber-se a necessidade desta educação em ter a preocupação de inserir no seu currículo a educação de valores éticos e morais, de maneira interdisciplinar. Sempre suscitando discussões e reflexões, que de maneira livre e aberta levará o aluno a refletir o seu papel na sociedade e as contribuições que lhe serão exigidas como futuro executor ativo de sua cidadania.

Aprimoramento da pessoa humana

Aprimorar o educando como pessoa humana – A nossa grande tarefa como professor ou educador não é a de instruir, mas a de educar nosso aluno como pessoa humana, como pessoa que vai trabalhar no mundo tecnológico, mas povoado de corações, de dores, incertezas e inquietações humanas.

A escola não pode se limitar a educar pelo conhecimento destituído da compreensão do homem real, de carne e osso, de corpo e alma. De nada adianta o conhecimento bem ministrado em sala de aula, se fora da escola, o aluno se torna um homem brutalizado, desumano e patrocinador da barbárie. Educamos pela vida como perspectiva de favorecer a felicidade e a paz entre os homens.

Formação ética

Um dos desafios contemporâneos da escola é contribuir para a formação moral e ética dos alunos-cidadãos. É fundamental que, nos espaços educativos, seja construída e problematizada a participação do indivíduo na vida pública - o que demanda a consciência de realidades, conflitos e interesses individuais e sociais, o conhecimento de mecanismos de controle e defesa de direitos e a noção dos limites e das possibilidades de ações individuais e coletivas.

Como ninguém nasce cidadão, a ideia de participação social precisa ser permanentemente construída. Há vários caminhos para ensinar normas, valores e atitudes passíveis de (re)organizar as relações para uma convivência justa. O trabalho educacional que mobiliza conteúdos atitudinais precisa estar nas ações cotidianas e fazer parte dos objetivos de aprendizagem. Diversas atividades pedagógicas levam a reflexões e ao entendimento crítico dos eventos que ocupam e preocupam a vida de todos nós:

- **Leitura de textos literários** A estratégia favorece a discussão de temas transversais (trabalho, consumo, orientação sexual, meio ambiente, relações de gênero etc.) e aposta na identificação dos alunos com os personagens das narrativas para ampliar a capacidade de reflexão.

Percorrendo diferentes caminhos, essas estratégias incentivam a reflexão sobre novas possibilidades de relações humanas - que estão ligadas à compreensão de como o poder é exercido e como se delineiam as responsabilidades inerentes às interações sociais.

Nesse contexto, cabe ao orientador educacional assegurar que essas ações tenham sempre um caráter formativo, nunca moralizador. O ideal é trabalhar junto com a equipe de professores na introdução curricular de práticas que ampliem as possibilidades de reflexão e ação dos alunos dentro e fora do contexto escolar. Porém o mais importante é assegurar o princípio ético que rege essas práticas, garantindo que a escola, enquanto instituição socializadora, forme cidadãos comprometidos com a elucidação dos problemas do mundo e com soluções que busquem uma vida boa, digna e justa para todos.

Princípios Pedagógicos

O Colégio Estadual Sem. Lourival Baptista entende a aprendizagem como uma construção constante, que se dá a partir de interações que os sujeitos estabelecem entre si e com o meio em que vivem. O conhecimento que se constrói a partir dessas relações mobiliza, no indivíduo, a criação, a significação e a ressignificação de conceitos anteriormente construídos, levando-o a novas investigações. Crianças e adolescentes são protagonistas dessa aprendizagem, sujeitos históricos e sociais que exercem papel

ativo, com características próprias da sua idade e do contexto onde se inserem, portanto pessoas singulares e em desenvolvimento, agentes e produtores da vida social.

Avaliação – A avaliação é um processo contínuo, que ocorre nos seguintes momentos, num movimento cíclico: no início do processo, para diagnosticar a situação inicial e definir formas de atuação frente aos objetivos (avaliação inicial, diagnóstica ou prognóstica); ao longo do processo, para, numa função ajustadora, buscar a regulação, a gestão dos erros e a consolidação dos êxitos (avaliação formativa); ao final do processo, para mensurar os resultados e verificar se eles correspondem às exigências do sistema (avaliação somatória). Para avaliar, utilizam-se diferentes instrumentos, selecionados de acordo com o objetivo e faixa etária. Destaca-se a auto-avaliação, que atende, principalmente, à necessidade de comprometimento com o próprio desenvolvimento.

XVI - ÁREAS DE ATUAÇÃO E PROGRAMAS

- **Educação Inclusiva –**

Os alunos são atendidos conforme as suas necessidades, na escola existem no momento apenas dois alunos com necessidades especiais, um com baixa visão e outro com perda auditiva. São utilizados recurso mais simples como ampliação de prova e recursos dos próprios docentes para atender o aluno com perda auditiva já que o atestado desde não o limita a nada.

- **Diversidade e Cidadania na escola**

- Mais Educação

O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

De acordo com o projeto educativo em curso na escola, são escolhidas seis atividades, a cada ano, no universo de possibilidades ofertadas. Uma destas atividades obrigatoriamente deve compor o macrocampo acompanhamento pedagógico.

Na escola este programa atua na área de reforço escolar com oficina de letramento e na área esportiva com oficinas de modalidades coletivas como voleibol, futsal entre outras.

- Escola Aberta

O Programa se insere na política do Governo Federal com a finalidade de fomentar ações para promover a melhoria da qualidade da educação por meio do envolvimento e da participação da comunidade, ampliando o diálogo e a cooperação entre os alunos, pais e equipes profissionais que atuam nas escolas. O Programa incentiva a abertura nos finais de semana de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social, com pouca oferta de espaços de lazer e cultura, onde muitas vezes a escola é a referência do poder público na comunidade, tornando-a uma porta de entrada para um conjunto de direitos sociais.

A proposta valoriza a cultura popular, as expressões juvenis e o protagonismo da comunidade, contribuindo para fortalecer o sentimento de identidade e pertencimento. A escola amplia a sua relação com a comunidade e, por meio da troca de saberes, pode promover um redimensionamento da sua prática pedagógica, tornando-se mais inclusiva e competente na sua ação educativa.

A parceria com instituições locais e a integração com projetos da secretaria de educação, em especial, e de outros órgãos públicos e da iniciativa privada são parte fundamental da proposta do Programa, permitindo a apropriação e o enraizamento das ações no território, e concorrendo para a sua sustentabilidade e continuidade. (MEC. Manual Operacional de Educação Integral, 2012).

- Escola Sustentável

Escolas que desenvolvem processos educativos permanentes e continuados, capazes de sensibilizar a comunidade para a construção de uma sociedade de direitos, ambientalmente justa e sustentável, por meio de três dimensões interdependentes.

Currículo Inclusão de conhecimentos, saberes e práticas sustentáveis no projeto político pedagógico da escola. Fortalecimento da Com-Vida, coletivo escolar que promove o diálogo e pauta decisões sobre a sustentabilidade socioambiental, a qualidade de vida, alimentação e consumo sustentável e o respeito aos direitos humanos. Adequação do espaço físico, visando à destinação apropriada de resíduos da escola, eficiência energética, uso racional da água, conforto térmico e acústico, acessibilidade, transporte sustentável e estruturação de áreas verdes, de acordo com os biomas e ecossistemas locais.

Contribuir para que as escolas se tornem espaços educadores sustentáveis, considerados como espaços que realizam sua própria transformação, na intencionalidade de educar para a sustentabilidade. • Inserir a Educação Ambiental como tema transversal em todos os níveis e modalidades de ensino. • Facilitar a internalização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

- Inovação, criatividade e Tecnologias em Educação

A inovação é desafio, sempre foi e sempre será, porque é um passo para o desconhecido, é uma aceitação do ambíguo, algo que somente pessoas corajosas fazem. Ser criativo é escolher não ser medroso, e é isso que fazemos nas empresas. Incentivamos a coragem a romper modelos mentais pessoais e da organização, pois consideramos que eles são naturalmente modelos em evolução. Podemos perceber que os modelos mentais tornam-se limitados por conhecimento técnico, experiências, prévias, similares e pela forma como o ser humano percebe e processa as informações, favorecendo ou não a criação.

A inovação é um processo que usamos para focar nossa criatividade e o pensamento criativo. É fruto de um processo de educação que vai desde os ensinamentos no lar, nas escolas e no ambiente de trabalho que nos tornam prisioneiros ou livre.

A educação para o pensamento criativo é primeiro passo essencial para a melhora do nível de inovação, que acontece nas empresas. Trata-se de uma forte arma estratégica de sobrevivência na selva da competição.

- - Laboratório de Tecnologia em Educação

Existe um laboratório de informática, equipado com computadores ligados a internet, que são utilizados para pesquisa dos alunos e trabalhos com professores, bem como realização de avaliações que necessitam dos equipamentos tecnológicos como auxílio.

- Biblioteca

A biblioteca da escola é um espaço utilizado para pesquisa e estudos dos alunos e professores, apesar do acervo de livros ainda encontrar-se escasso, é um dos espaços escolares mais utilizados para trabalho e estudos coletivos e individuais.

- **Outros aspectos que a escola considere relevante**

_ Como é feita a avaliação do PPP? Quais os fatores que são considerados para essa avaliação?

A avaliação do Projeto Político Pedagógico é realizada a cada ano por toda equipe que forma a escola, visto que a cada ano a clientela atendida se modifica, bem como as perspectivas de ensino.

_ Projetos extras que evidenciam a participação dos alunos

Os alunos participam de várias atividades como Olimpíadas de Matemática, Olimpíadas de Língua Portuguesa, Olimpíadas de Física, Olimpíadas de Astronomia, Concursos de redação.

XVII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.*

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5.ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MACHADO, José Nilson. *Educação: Projetos e Valores*. São Paulo. Escrituras Editora, 2000. (Coleção ensaios transversais)

MACHADO, L.M. e SILVA, C.S.B. da. *Nova LDB. Trajetória para a cidadania?*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

MADEIRA, Ana Isabel. A importância do diagnóstico da situação na elaboração do projecto educativo de escola. IN: *Inovação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, vol. 8, nºs 1 e 2, 1995.

MOREIRA, A. F. & SILVA, T. T. (orgs) *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

PORTELA, Adélia Luiza e ATTA, Dilza Maria Andrade. A Dimensão Pedagógica da Gestão da Educação. In: RODRIGUES Maristela e BRAGA Ana Catarina (orgs.) *Guia de Consulta para o Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação – PRASEM II* Brasília: FUNDESCOLA/MEC, 1999. p. 77 a 114.

VASCONCELLOS, Celso S. *Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e político-pedagógico*. São Paulo: Libertad, 2002.

XVIII – ANEXOS (fazer referência e abrir arquivo único)

- Plano de Ação do PDDE Interativo
- Matriz Curricular
- Regimento Escolar
- Calendário Escolar
- Projetos
- Plano de Ensino Anual (1 por disciplina e série) – MODELO ABAIXO

REFERÊNCIAS

ARANHA, M^a Lúcia de A.; MARTINS, M^a Helena P. **Filosofando: Introdução à filosofia**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BARRENECHEA, M. Angel de. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

BARROS, Regina D. B. de. **Dispositivos em ação: o grupo**. In Peter Pal & ROLNIK. Suely (orgs.) Cadernos de Subjetividade. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, v. 1, n. 1, 1993.

BATESON, Gregory. **Vers l'écologie de l'esprit, tomo II**. Paris, Seuil, 1980.

BRANCO, Samuel Murgel. "Meio ambiente em debate." In. **Meio ambiente em debate**. Moderna, 1990.

CASSIER, Ernest. **A filosofia do iluminismo**. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1992.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CORAZZA, Sandra M. **Por que somos tão tristes?** Brusque, SC: UNIFEBE, 2008.

CORAZZA, Sandra M. **Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos a fins**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COSTA, Lara Moutinho da. **Cultura é natureza: tribos urbanas e povos tradicionais**. Rio de Janeiro: Geramond, 2011.

CRUZ, D. Nery. da e CARDOSO, J. Santos. **A DISCUSSÃO FILOSÓFICA DA MODERNIDADE E DA PÓS – MODERNIDADE**. Revista Eletrônica Print by

Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> Μετάνοια, São João del-Rei/MG, n.13, 2011. Acessado em: 08/09/2015

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DELEUZE, Gilles; **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. São Paulo, 34. 2001.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche y la filosofía**. Barcelona: Anagrama, 1986.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**; tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles. **A imanência, uma vida...** Tradução de Alberto Pucheu e Caio Meira
Disponível em:
<<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>>.
Acesso em: 21/09/2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. 34 editora. São Paulo, 2010a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 1ª ed. (Coleção TRANS) 34 editora. São Paulo, 2010b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 1. Capitalismo e Esquizofrenia**: São Paulo: Ed. 34, Vol. I, 2004.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 4. Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 1. Capitalismo e Esquizofrenia**: tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 34 editora. Rio de Janeiro, 1995a. v1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 2. Capitalismo e Esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 34 editora. Rio de Janeiro, 1995b. v2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 5. Capitalismo e Esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 34 editora. Rio de Janeiro, 1995c. v5.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução: José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze.** Éditions Montparnasse, Paris. 1988. Tradução e Legendas: Raccord 1995.

DÓRIA, Mary B. **Devir mulheres em sustenido: cartografia dolente em educação-filosofia.** Aracaju, SE. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes, Unit. 2015.

FARINA, Cynthia. **Mutações do sensível. A arte deslocalizada e o corpo desincorporado.** Revista de Artes Visuais v. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/29626/18312> acessado em: 23/03/2015.

FELDENS, Dinamara G. **A trama e o destino: Luízas, Rosas, Bias & Joanas.** Maceió. EDUFAL, 2014.

FELDENS, Dinamara G. **Cartografias da ditadura e suas moralidades: os seres que aprendemos a ser.** Maceió. EDUFAL, 2008.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Neves. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, a genealogia e a história.* In: _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

GALLO, Sílvio. *et alii*. **Ética e cidadania: caminhos da filosofia**. 20 ed. Campinas: Papirus, 2012.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **A imanência como “lugar” do ensino de filosofia**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.1, p. 127-137, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n1/a09v34n1.pdf>. Acessado em: 02/09/2015.

GODOY, Ana. **Educação, meio-ambiente e subjetividade na sociedade de controle: por uma ética dos afectos**. Interações, 2009. Disponível em <http://www.eses.pt/interaccoes> 2009. Acessado em 12/02/2015.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. Editora contexto, 1989.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2012.

GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. São Paulo: Papirus, 2007.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2008.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 11 ed. Campinas: Papirus, 2001.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1993.

HUR, Domenico Uhng. **Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção**. Athenea Digital, 13(2), 179-190. 2013. Disponível em <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Hur>. Acessado em: 15/03/2015.

JACUBOWSKI, Felipe R. **Nietzsche: o discurso de Zaratustra contra os desprezadores do corpo**. Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia, 2011. Disponível em: http://www.theoria.com.br/edicao0611/o_discurso_de_zaratustra.pdf. Acessado em 12/02/2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KANASHIRO, Marta. **Guerras perturbam o meio ambiente**. Reportagem, 2005. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/11/07.shtml>. Acessado em 04/09/2015.

LEIS, Hector R. "Ecologia e política mundial." In. **Ecologia e política mundial**. FASE/VOZES, 1991.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LÜCK, H. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. v1 - Petrópolis/RJ. – Vozes, 2006. Série: Cadernos de Gestão.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MICHAELIS: **Dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2001.

NÍCOLA A. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Genealogia da moral**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013b.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Carla Duarte e Anna Duarte, São Paulo: Martin Claret, 2012b.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. Trad. F. Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Riedel, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Obras Incompletas**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. **OS PENSADORES**. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1999. § 1067.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo**. Tradução de J. Guinsburg. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O pensamento vivo de Nietzsche**. Organização: Scarlett Marton. São Paulo: Martin Claret Editores, 1985.

PÁDUA, J. A. **“A natureza e projeto racional; as origens da ecologia política no Brasil”** In: PÁDUA, J. A. (org). *Ecologia e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Luperj/Espaço e Tempo, 1988.

PIRES, José H. **Os filósofos**. São Paulo: Cultrix, s/d.

REIGOTA, M. **A devastação ecológica em cinzas do norte de Milton Hatoum**. *Psicologia & Sociedade*, 2014. 26(3), 707-715. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n3/a19v26n3.pdf>. Acessado em 01/04/2015.

REIGOTA, M. **Por uma filosofia da educação ambiental**. In: MAGALHÃES, L. E. (coord.). *A questão ambiental*. São Paulo: Terragrah, 1994.

SANTANA, Anthony F. T. **Diversos tons, lugares dissonantes: movimento estético do ensinar**. Aracaju, SE. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes, Unit. 2012.

SANTOS, Aldenize C. **A educação no canto do Uirapuru: subjetividade de mulheres no movimento escoteiro**. Aracaju, SE. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes, Unit. 2012.

SANTOS, Geraldo. M. G. dos. **Dicionário júnior da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: FTD, 2001.

SEGURA, Denise de Souza B. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SILVA, José Laerton S.; FELDENS, Dinamara G.; DÓRIA, Meire B. **Efêmeros Diálogos: Sobre Educação, Escrita e Experimentação de Si**. 2014. Disponível em: <http://www.enfope.com.br/default.asp?aba=100&id=22>. Acessado em: 14/02/2015.

STORER. Tracy Irwin, *et al.* **Zoologia geral**. Tradução de Francisco Azevedo de Arruda Sampáio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. **Psicologia Ambiental e futuro: reflexões geopolíticas sobre Política Ambiental**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100027&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 29/01/2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642005000100027>.

TEO, Igor. FERREIRA, Rodrigo. **Racionalidade Moderna na produção da Verdade**. 2011. Disponível em: <http://www.deldebbio.com.br/2011/12/14/racionalidade-moderna-na-producao-da-verdade>. Acessado em 01/09/2015.

TRINDADE, Rafael. **A psicologia do homem do ressentimento**. 2013. Disponível em <https://arazaoadequada.wordpress.com/2013/07/18/a-psicologia-do-homem-do-ressentimento>. Acessado em: 10/10/2014.